



PPGMA - FCRB

Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa
MINISTÉRIO DO TURISMO

Fundação Casa de Rui Barbosa

Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos

Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Denise dos Santos Coelho

Maria Margarida Soutello:

o inventário de uma artista na sombra da memória

Rio de Janeiro

2022



Denise dos Santos Coelho

**Maria Margarida Soutello:
o inventário de uma artista na sombra da memória**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção do grau de Mestre em Memória e Acervos

Área de Concentração: Linha de Pesquisa 2 – Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Pessoa dos Santos

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
FCRB

C672m Coelho, Denise dos Santos
Maria Margarida Soutello: o inventário de uma artista na sombra da memória / Denise dos Santos Coelho. – Rio de Janeiro, 2022.
121 f.

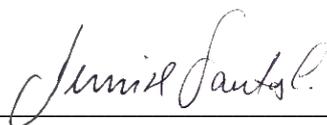
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Pessoa dos Santos.
Dissertação (Mestrado em memória e acervos) – Programa de pós-graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2022.

1. Artes plásticas – Século XX - Brasil. 2. Inventário. 3. Maria Margarida Soutello. 4. Irmãos Mendes Cavalcanti. 5. Ismailovich, Dimitri, 1892-1976.
I. Santos, Ana Maria Pessoa dos, orient. II. Título.

CDD: 709.81

Responsável pela catalogação:
Bibliotecária – Carolina Carvalho Sena CRB 6329

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação.



Assinatura

24 DE MAIO DE 2022

Data



PPGMA - FCRB

Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa
MINISTÉRIO DO TURISMO

Denise dos Santos Coelho

Maria Margarida Soutello: o inventário de uma artista na sombra da memória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção do grau de Mestre em Memória e Acervos

Área de Concentração: Linha de Pesquisa 2 – Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial

Aprovado em 29 de março de 2022.

Orientadora

Profa. Dra. Ana Maria Pessoa dos Santos
FCRB

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares
FCRB

Profa. Dra. Aparecida Marina de Souza Rangel
FCRB – Suplente

Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça
Departamento de História/UFF

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti – Suplente
EBA-UFRJ

Rio de Janeiro

2022



Dedico esse trabalho os meus amados pais que não se encontram mais nesse plano, mas estão sempre presentes no meu coração, nas minhas lembranças, batalhas e conquistas.

Ao Sheik, meu amado filho pet e fiel companheiro, parceria fundamental que me acarinhou com suas travessuras e seu amor incondicional nos tempos de isolamento social, quando desenvolvi grande parte da pesquisa.

Ao querido colega Ricardo do Paraíso que alçou um voo mais alto, concluindo seu mestrado nessa vida.



PPGMA - FCRB

Programa de Pós-Graduação em Memória e Arquivo

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa
MINISTÉRIO DO TURISMO

AGRADECIMENTOS

À Eduardo Mendes Cavalcanti, administrador e coproprietário da coleção de Maria Margarida Soutello, pela confiança, por ter permitido o meu acesso às obras e documentos do acervo, ter disponibilizado os DVDs com riquíssimo material que embasaram toda a minha pesquisa. Por tantas conversas e trocas inspiradoras, pela parceria e entusiasmo com a realização dessa pesquisa.

À Cristina Graça que me apresentou a obra da artista e fez a intermediação para que eu pudesse conversar com o colecionador sobre o meu projeto.

À Profa. Dra. Ana Pessoa, por me orientar partilhando seus saberes, por acreditar na proposta da minha pesquisa, me apoiar e me incentivar.

Ao meu irmão Luis Augusto Coelho e ao meu cunhado André Minner que deram apoio tecnológico, emocional e me incentivaram em vários momentos difíceis no decorrer desses dois anos de isolamento social.

Aos professores, Dr. Paulo Knauss de Mendonça, Dra Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, Dra. Aparecida Marina de Souza Rangel e Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti por aceitarem compor a banca examinadora desta dissertação.

Aos professores do PPGMA que me abriram tantas portas com seus saberes.

Aos meus queridos colegas de turma do PPGMA, “o Grupo dos 11”, pelas maravilhosas trocas, apoio e carinho, apesar da distância física que nos foi imposta pela pandemia da Covid 19.

Aos meus vizinhos e amigos Vanda e Marco Farias, Geovane e Claudio Rezende por me apoiarem em várias situações complicadas enfrentadas durante a pesquisa.



“Não sei em que plano, em que dimensão estão guardadas todas as cores e sons produzidos pelos pintores e músicos do passado, mas sei que estão agindo para o bem da Humanidade, mesmo os que não são trombetados pela fama. Os atos de beleza e emoção são indestrutíveis.” Maria Margarida Soutello



PPGMA - FCRB

Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa
MINISTÉRIO DO TURISMO

RESUMO

COELHO, Denise dos Santos. *Maria Margarida Soutello: o inventário de uma artista na sombra da memória*. 2022. 121 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2022.

A presente dissertação tem por objetivo a coleta e organização de referências sobre a produção e a trajetória artística da pintora Maria Margarida Soutello (1900-1996), resultando em um inventário, na forma de um banco de dados, que reconstitui um grande conjunto de seu legado. A artista circulou no meio artístico e intelectual dos anos 1930 a 1970, quando construiu uma fecunda e significativa produção artística, com uma marca própria e original, recebeu prêmios em salões de arte, participou de exposições e de coleções em vários países, mas é pouco conhecida no cenário artístico brasileiro atual. O conjunto original da pesquisa é uma coleção privada pertencente aos irmãos Mendes Cavalcanti, com cerca de cem obras da artista, como também obras de seu mestre, o pintor e desenhista Dimitri Ismailovitch, além de 11 álbuns de recortes que contém um amplo e diversificado material sobre a trajetória de ambos os artistas, através de noticiário, críticas e entrevistas. O estudo compreende ainda pesquisas em bibliografia especializada, na Hemeroteca Digital (BN), em acervos documentais de artistas e intelectuais que interagiram com ela. O banco de dados do inventário utilizou o software Access da Microsoft e resultou no levantamento de referências de 261 obras, com a identificação de 180 imagens, incluindo o registro fotográfico da coleção privada.

Palavras-chave: Maria Margarida Soutello. Mulher Artista. Artes Plásticas no Brasil. Século XX. Inventário. Coleções.



PPGMA - FCRB

Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa
MINISTÉRIO DO TURISMO

ABSTRACT

COELHO, Denise dos Santos. *Maria Margarida Soutello: an artist's estate in the shadow of memory*. Rio de Janeiro. 2022. 121 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2022.

The present dissertation aims to collect and organize references on the production and artistic trajectory of the painter Maria Margarida Soutello (1900-1996), resulting in an inventory, in the form of a database, which reconstitutes a large set of her legacy. The artist circulated in the artistic and intellectual milieu from the 1930s to the 1970s, when she built a fruitful and significant artistic production, with her own and original brand, received awards in art salons, participated in exhibitions and collections in several countries, but was little known in the current Brazilian art scene. The original research set is a private collection belonging to the Mendes Cavalcanti brothers, with around one hundred works by the artist, as well as works by her master, the painter and draftsman Dimitri Ismailovitch, in addition to 11 scrapbooks that contain a wide and diverse material about the trajectory of both artists, through news, criticism and interviews. The study also includes research in specialized bibliography, in the Hemeroteca Digital (BN), in documentary collections of artists and intellectuals who interacted with her. The inventory database used Microsoft Access software and resulted in a survey of references from 261 works, with the identification of 180 images, including the photographic record of the private collection.

Keywords: Maria Margarida Soutello. Artist Woman. Visual Arts in Brazil. 20th century. Inventory. Collections

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1	Maria Margarida Soutello no seu atelier	31
Imagem 2	Enlace Lima-Soutello	31
Imagem 3	Dimitri Ismailovitch. <i>Princesa Persa</i> , 1941.....	33
Imagem 4	Oswaldo Teixeira. <i>Harmonia em negro</i> , 1929	33
Imagem 5	Maria Margarida. <i>Morel Soutello</i> , 1971	37
Imagem 6	Dimitri Ismailovitch. <i>Autorretrato</i> , 1939	41
Imagem 7	Ismailovitch e Maria Margarida	41
Imagem 8	Maria Margarida Soutello em sua casa-atelier	45
Imagem 9	O Mosteiro	45
Imagem 10	O Mosteiro	45
Imagem 11	Ismailovitch com seus 8 Álbuns de Recortes	47
Imagem 12	Maria Margarida com seus Álbuns de Recortes	47
Imagem 13	Capa do primeiro álbum de recortes de Maria Margarida	47
Imagem 14	Maria Margarida Soutello. <i>Sombras da vida</i> ,1939	56
Imagem 15	Maria Margarida Soutello. <i>Mundo do éter</i> , 1940.....	56
Imagem 16	Maria Margarida Soutello. <i>Navio Negreiro</i> , 1938	59
Imagem 17	Maria Margarida Soutello. <i>Greve</i> , ca 1939	59
Imagem 18	Maria Margarida Soutello. <i>Sentimento do mundo</i> , ca 1941	62
Imagem 19	Maria Margarida Soutello. <i>Casa de Caboclo</i> , 1940.....	62
Imagem 20	Maria Margarida Soutello. <i>Máscaras</i> , 1940	70
Imagem 21	Maria Margarida Soutello. <i>Nossa. Sra. de Aparecida</i> . 1945	70



SUMÁRIO DA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO	11
1. PANORAMA CULTURAL DO SEU TEMPO	15
1.1 A institucionalização das artes plásticas	17
1.2 Entre acadêmicos e modernos	21
2. TRAJETÓRIA DA MULHER	28
2.1 Maria Margarida de Lima, uma emigrante açoriana	28
2.2 Maria Margarina Soutello - a mulher-artista e seus encantos	31
2.3 Um Trio de Arte	36
2.3.1 Morel Soutello	36
2.3.2 Dimitri Ismailovitch	38
2.3.3 O atelier – um mosteiro de devoção à arte	41
3. PERCURSO ARTÍSTICO DA PINTORA	48
3.1 Salões e Premiações	66
3.2 Cronologia de exposições e salões	71
4. A COLEÇÃO, O COLECCIONADOR E O INVENTARIO	81
4.1 A coleção dos Mendes Cavalcanti	83
4.2 O inventario e a pesquisa	87
4.3 O inventário e a base de dados	91
CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

Na narrativa da História, ao longo dos séculos, tradicionalmente a mulher foi ignorada como sujeito. Na História da Arte não foi diferente, até quase o final do século XX os livros de arte omitem ou são lacônicos sobre o trabalho de mulheres artistas. Algumas delas obtiveram sucesso em sua época, ganharam medalhas em salões e prêmios de viagem, mas foram constantemente negligenciadas em seus valores pessoais, quando muito citadas como coadjuvantes, e suas produções enquadradas como amadoras em contraposição a dos artistas homens que figuravam como protagonistas do cenário artístico.

O gênero era uma das principais variantes utilizadas no processo de organização dos papéis sociais. Aos indivíduos do sexo masculino atribuíam-se os papéis de liderança e autoridade, enquanto a mulher era destinada à uma vida reclusa na dimensão privada, mantendo sua vida social atrelada à figura de um homem, fosse ele pai, marido ou filho. Os critérios de validação artísticas das mulheres eram permeados por esse contexto sociocultural a que o sexo feminino era submetido. A mulher artista era avaliada como amadora, mesmo aquelas que conseguiram ingressar na academia a partir do ano de 1892, quando a Escola Nacional de Belas Artes passou a aceitá-las entre seus membros. Como justificativa considerava-se que sua arte era praticada nas horas vagas, sem um empenho metódico como era atribuído a prática artística profissional masculina. Críticos, teóricos e historiadores, algumas das principais instâncias de consagração no campo da arte, por muito tempo perpetuaram esse rótulo de “amadoras” relegando às mulheres o espaço de protagonistas, ofuscando suas trajetórias e mantendo-as a margem do contexto da história da arte.

A partir dos anos 1970, com o desenvolvimento dos estudos sobre gênero, algumas artistas tiveram suas produções visibilizadas, saindo das sombras da memória. Para a superação dessa memória negada e distorcida das artistas, foi importante a atuação das pesquisadoras que resgataram suas trajetórias, e nesse processo de dar visibilidade, o resgate de acervos, exposições, salões e mostras são imprescindíveis.

É nesse contexto de mulheres artistas esquecidas pela história que esta dissertação pretende lançar luzes sobre a artista luso-brasileira Maria Margarida Soutello, uma mulher que circulou no meio artístico e intelectual dos anos 1930 a 1970, percorrendo uma trajetória que foi documentada pelas mídias impressas da época e que constantemente destacavam, além da sua produção artística, a sua cultura e inteligência. Ela construiu uma fecunda e significativa obra, recebeu prêmios em salões de arte, participou de exposições e integra coleções em vários países.

Nascida em 1900, na Ilha Terceira do Arquipélago de Açores, Maria Margarida de Lima veio para o Rio de Janeiro aos 7 anos; e a partir do casamento com Morel Soutello, em 1923, adotou o sobrenome do marido. Ela desenvolveu sua carreira artística a partir dos 33 anos, após iniciar estudos com o pintor ucraniano Dimitri Ismailovitch, considerado um importante mestre do realismo. Além de aluna, ela foi sua modelo, retratada por ele como “Princesa Persa”, “Madona Bizantina”, “Nefertiti”, e se transformou em várias outras personagens pelos pincéis do mestre. Para além das influências do professor, a artista desenvolveu uma linguagem singular que não se limitou ao olhar figurativo da representação. Sua obra é permeada por uma aura mística, simbólica e psicorrealista, fugindo a dicotomia das categorias convencionais do “acadêmico” e “moderno”. Abordou temáticas variadas, mas com forte inclinação ao drama social que a inquietava muito. Sua atividade artística teve início em 1933 e seguiu ininterrupta até 1996, ano de sua morte, resultando em centenas de obras dispersas em museus e coleções particulares.

Uma parte expressiva da obra de Maria Margarida Soutello integra a Coleção Mendes Cavalcanti, dos irmãos Eduardo e Leonardo Mendes Cavalcanti.¹ Constituída ao longo de mais de 15 anos, a partir de obras herdadas de seus pais, presenteadas pelos próprios artistas, Maria Margarida e Dimitri Ismailovitch. O conjunto de obras da artista, com aproximadamente 100 pinturas em óleo sobre tela e algumas sobre madeira, reúne obras de diversas fases e nunca foi exposto.

A Coleção Mendes Cavalcanti reúne também uma importante documentação sobre sua trajetória, como fotografias, catálogos de exposições e onze álbuns de recortes onde a artista e seu mestre reuniram os registros das suas atividades artísticas, se constituindo em uma fundamental fonte de pesquisa.

Meu contato com as obras de Maria Margarida se deu através de um atelier de restauração de pinturas, onde estudo e faço estágio, e que recebe telas da Coleção para restauração. A peculiaridade de temas, o estudo de cores e de sombra luz me chamaram a atenção me incentivando a pesquisar dados sobre ela e sua obra.

Mesmo possuindo uma importante e riquíssima produção, com uma carreira artística premiada e com participação em coleções brasileiras e estrangeiras, Maria Margarida é pouco conhecida no cenário artístico brasileiro atual. Sua obra nunca foi estudada e o que se conhece dela é a partir de curtas biografias em catálogos e livros de arte brasileira, o que talvez explique em parte o seu esquecimento.

¹ O acesso e a pesquisa no acervo de Maria Margarida foi consentido pelos colecionadores através de uma Carta de Autorização assinada pelo seu administrador Eduardo Mendes Cavalcanti.

A riqueza do material contido nos Álbuns de Recortes, digitalizados no formato PDF e disponibilizados pelo colecionador Eduardo Cavalcanti para consulta exclusiva deste projeto, foi fundamental para definir o produto. Passei, então, a ter como objetivo principal a organização de referências sobre a produção artística de Maria Margarida Soutello, que resultasse num Inventário que pudesse reconstituir o conjunto de sua obra, assegurando que essa memória material seja conhecida para que possa ser preservada, tanto na perspectiva histórica quanto documental. Nesse sentido, a dissertação tem por questão a coleta extensiva e organização de referências sobre a produção e a trajetória artística de Maria Margarida Soutello.

Ismailovitch já tinha uma prática anterior de coleta de notícias sobre a sua atuação e assim produziu 8 álbuns², onde está reunido o que se escreveu sobre ele na imprensa mundial ao longo de sua carreira artística. Maria Margarida produziu 3 álbuns de recortes, que também integram o acervo. Os álbuns do pintor também apresentam muitos artigos que contemplam informações de Maria Margarida, uma vez que ao longo de muitos anos fizeram diversas exposições juntos. O período que vai dos anos 1930 aos anos 1970 está coberto pelos álbuns de recortes. Neles estão documentados os principais anos de carreira na pintura, vida social, recortes de interesse particular, programas de suas exposições, algumas cartas, telegramas e convites recebidos, entre outros.

Concluindo, esta pesquisa construiu um inventário de obras, a partir do acervo dos colecionadores, criando uma base de dados que reúne informações dispersas, que permite a reconstituição da produção artística de Maria Margarida, suprimindo assim as lacunas da história da arte e possibilitando o estudo das futuras gerações de pesquisadores, historiadores e amantes da arte.

A dissertação pretende contribuir para a reflexão e valorização da sua obra e incentivar outros estudos que tragam à tona, cada vez mais, a importância da produção artística das mulheres, promovendo sua inserção na memória cultural brasileira.

Como metodologia, construiu-se a base de dados do Inventário que reúne informações como título, séries, datação aproximada, links de documentação na imprensa e imagens de cerca de 70% das obras listadas. Estabeleci o plano de pesquisa da trajetória da artista, suas premiações, críticas e exposições a partir dos álbuns pessoais de recortes, nos jornais da época e nas entrevistas que concedeu; no acervo documental de artistas e intelectuais que interagiram com a mesma. Conta-se também como fonte bibliografia especializada, dossiês textuais e iconográficos de instituições públicas.

² O conjunto de álbuns foi adquiridos em uma única transação pelo colecionador Eduardo M Cavalcanti através de um comerciante de arte. Os álbuns medem 40 x 60 cm e têm mais de 80 páginas.

A dissertação se organiza em quatro capítulos. O primeiro se volta para o panorama cultural contemporâneo de Maria Margarida, as instituições de ensino, a Associação dos Artistas Brasileiros, os salões de arte e suas premiações, as colunas especializadas e os críticos de arte, e o surgimento do mercado de arte.

O segundo é dedicado a trajetória pessoal e artística de Maria Margarida, sua biografia com dados sobre a infância, seu casamento e sua iniciação no meio artístico. O terceiro trata do seu percurso artístico com a participação em exposições, salões, premiações, algumas críticas, e um quadro cronológico da sua carreira artística.

O quarto comenta o colecionismo, o surgimento da Coleção Mendes Cavalcanti, conceitos e minha metodologia na construção do Inventário de Obras de Maria Margarida Soutello.

A Conclusão apresenta um balanço do meu processo de pesquisa e considerações finais sobre a artista e seu inventário.

1 PANORAMA CULTURAL DO SEU TEMPO

No final do século XIX o ambiente da *Belle Époque*, como foi conhecido o período de grande evolução tecnológica, urbanística e social, se expandiu para vários lugares do globo.³

No Brasil, a *Belle Époque* se instala lentamente durante o período que vai de 1890 a 1925 marcando a tentativa de entrada da modernidade no país. O Rio de Janeiro fortalece seu papel de polo irradiador de cultura para as outras regiões do país,⁴ e de ligação com o mundo, tornando a *Belle Époque* carioca mais evidente que no restante do Brasil, atraindo também o olhar estrangeiro.⁵

A capital foi porto de entrada de um novo afluxo significativo de imigrantes na década de 1920, em decorrência da crise econômica europeia do pós-guerra, e da nova fase de expansão do café no Brasil, que exigia mais braços para a lavoura adotando uma política de incentivo a imigração. Estima-se que cerca de 3 milhões e meio que entraram no Brasil entre 1890 e 1929, a metade chegou nas décadas de 1910 e 1920.⁶

Por sua condição de capital federal e centro político do país, pela instalação de indústrias mais modernas, a cidade precisou passar por vigorosas transformações sociais e urbanas. Planejada para ser a vitrine da civilização, a área central ganharia uma profunda reforma que deu lugar a Avenida Central, inaugurada em 1904, se tornando um marco dessa modernização. Ao longo do bulevar se ergueram magníficos edifícios institucionais como o Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes, dos Poderes Legislativo e Judiciário, e o antigo Palace Hotel. A elite, que ainda ocupava os arredores das áreas centrais, se transfere para a região da zona sul diante da facilidade de acesso à glamorosa área de cultura, lazer e comércio que se formara com a Avenida Central, Rua do Ouvidor, Rua da Quitanda e outras ruas satélites, com modernos restaurantes, cafés, confeitarias e livrarias.

Na medida que a vida urbana ganhava importância, crescia o interesse da burguesia pela moda e a aparência pessoal. Os homens vestem casacas e cartolas em situações formais, e no dia-a-dia, ternos de casemira e chapéu de feltro. Nas áreas glamorosas do centro podia-se desfilar, consumir e ostentar os novos costumes e modismos importados do eixo Paris-Londres.

³Paris, uma das principais capitais da Europa, se destacava pelas transformações urbanas que deram à cidade um novo rosto que seria conhecido pelo mundo todo. Os avanços tecnológicos possibilitaram novas invenções, novos meios de transporte, implantando novos costumes e transformando o cotidiano parisiense e os modos de vida da população.

⁴ A influência da Belle Époque se estende às regiões mais prósperas do país no período em que o regime republicano se consolida: a região do ciclo da borracha (Amazonas e Pará), a região cafeeira (São Paulo e Minas Gerais) e as três principais cidades coloniais brasileiras (Recife, Rio de Janeiro e Salvador).

⁵ SEVCENKO, Nicolau. 1999. p.26- 27

⁶ Idem. p.51.

Nos salões elegantes falava-se francês, frequentava-se as corridas de cavalos do Derby Club e comparecia-se aos espetáculos do Teatro Lírico.

As transformações estéticas e sociais abrem novas oportunidades para as mulheres, que passam a ocupar o espaço público, seja para o trabalho como para o lazer. A moda lhe confere mais liberdade, com a eliminação do espartilho⁷, vestidos com caimento para deixar o corpo mais solto e mais curtos, facilitando o acesso aos meios de transporte.

As mulheres das classes populares, diante a necessidade de complementação da renda do marido⁸, trabalhavam em fábricas, escritórios, serviços de telefonia, lojas de moda feminina, no trabalho doméstico nas casas de famílias da elite, e frequentavam as escolas profissionalizantes.⁹ Enquanto que as mulheres das classes mais abonadas recebem educação para aprender as regras sociais necessárias para receber e conviver nos eventos sociais da esfera pública; compram em elegantes casas de modas e se socializam em encontros femininos nos salões de chás, mas deveriam estar acompanhadas de seus respectivos maridos para frequentar os locais de entretenimento noturno.¹⁰

O avanço da industrialização leva para dentro dos lares os aparelhos elétricos facilitando as tarefas caseiras e propiciando maior tempo livre. Pelo rádio se mantém atualizadas sobre a vida moderna, e a crescente oferta de emprego no comércio e nas indústrias abre espaço para a mulher de classe média também trabalhar fora. Apesar das alas conservadoras, dentro e fora da esfera oficial do governo, ainda se posicionarem contra a participação ativa da mulher na vida pública, elas foram à luta em busca de seus direitos. Através da atuação de movimentos como a Cruzada Feminista Brasileira e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1932, o Código Eleitoral passa a assegurar o voto feminino e, em 1934, passa a ser previsto na Constituição Federal, assim como alguns direitos trabalhistas.

⁷ Abolidos completamente em 1910.

⁸ O Código Civil de 1916 atestaria ser responsabilidade de ambos os cônjuges a manutenção da família, antes atribuído somente ao marido, no entanto reforçava a condição subalterna da mulher, à qual não era concedida a capacidade plena, ou seja, não podia realizar os atos da vida civil de forma independente, e dependia de anuência de seu pai ou marido, se fosse casada. Para trabalhar ela precisaria de autorização e para frequentar os ambientes sociais ainda dependiam da presença de seus pares ou responsáveis. As mulheres da elite eram mais submissas a esse padrão de comportamento conservador e machista ao contrário das mulheres mais pobres, que trabalhavam por necessidade e não estavam tão sujeitas a esse rigor moral.

⁹ FURTADO, Fabiana Câmara. Perfis da Belle Époque brasileira. Uma análise das figuras femininas de Lima Barreto. 2003. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7917/1/arquivo8135_1.pdf. Acesso em: 03 jan. 2022

¹⁰ Em entrevista concedida à Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do poeta, Maria Margarida comenta que só pode frequentar os Teatros depois de casada, e costumava ir sozinha aos vesperais do Teatro Lírico. DRUMMOND DE ANDRADE, Maria Julieta. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. O Globo, matutina, Segundo Caderno, 25 de setembro de 1984, p. 3

Diante desse cenário de mudanças, as mulheres se inserem nesses espaços sociais buscando compreender as várias facetas que norteiam sua atuação, seja como protagonista ou espectadora.

Neste contexto, também a imprensa ganha nova dinâmica, com a modernização do parque gráfico que possibilita a adoção de padrões estrangeiros fazendo uso de caricaturas, folhetins e grandes ilustrações, contratando mão-de-obra especializada nas artes plásticas e industriais, investindo em novas áreas como a literatura, eventos populares como o esporte e o carnaval, além de economia e política.¹¹ Há uma proliferação de revistas ilustradas como *Fon-Fon!*, *O Malho*, *Careta*, *Revista da Semana* e *A cigarra*, entre outras, que se tornam especialistas na tradução e circulação de saberes, exercendo papéis condutores na definição e propagação de valores, costumes, ideias e críticas, voltados para públicos específicos, como as mulheres, influenciando diretamente na adoção de conceitos que passariam a compor o pensamento e as ações dessa sociedade em transição.

1.1. A institucionalização das artes plásticas

O século XX vai presenciar a paulatina institucionalização das artes plásticas, na direção da formação de um sistema de arte profissional, apoiado no ensino e nos salões, bem como na crítica que ganha a imprensa.

No período, a Escola Nacional de Belas Artes, herdeira da antiga Academia Imperial de Belas Artes,¹² era o principal polo formador e irradiador das artes plásticas no país. De acesso restrito às elites, somente no final do século XIX, em 1892, foi permitido o ingresso de mulheres.¹³ Além do ensino regular, ela promovia prêmios de viagem para os alunos destacados e era a responsável pela prestigiada Exposição Geral de Belas Artes, local de divulgação e consagração da produção anual de artes plásticas.

Já meados do século XIX, havia surgido outra instituição de ensino artístico, voltada para o ensino profissionalizante de homens e mulheres, o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (LAO) – escola noturna, gratuita e filantrópica – mantido pela Sociedade Propagadora

¹¹RIBEIRO, Ana Paula Goulart, Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Intercom – RBCC São Paulo, v.38, n.2, p. 275-288, jul./dez. 2015

¹² Em 8 de novembro de 1890, o Decreto n 983, aprova os estatutos para a Escola Nacional das Bellas-Artes – baseados no projeto Bernardelli-Amoedo. Logo depois, Rodolpho Bernardelli seria nomeado como primeiro diretor da academia no período republicano.

¹³Uma das mudanças ocorridas foi a permissão ao ingresso de mulheres à partir de 1892, no entanto o exame de admissão exigia conhecimentos como português, francês, aritmética, geografia, trigonometria, álgebra, aritmética história universal, restritos àquelas que puderam ter acesso às poucas instituições de ensino secundário que as aceitavam, desta forma as mulheres optavam pelo ingresso livre na Academia

das Belas Artes. Nos anos 1880 os cursos do Liceu abrangiam em torno de 50 profissões e eram divididos em Curso Profissional Livre, Comercial e o feminino, se tornando a primeira instituição pública a oferecer o ensino de arte para as mulheres, voltado para a formação de mão de obra feminina, mais do que propriamente de artistas.¹⁴ A partir de 1882, o Liceu passou a promover também exposições para a divulgação dos trabalhos de novos artistas.

É um período em que o mercado privado de arte se desenvolve com o surgimento gradativo de novas galerias promovendo exposições individuais na capital, se agregando a outras mais conhecidas: Insley Pacheco, Vieitas, Clément, De Wilde, Moncada, Atelier Moderno e Glace Élegante.

Com o novo estatuto para Escola Nacional de Belas Artes, em 1890, foi criado o Conselho Superior de Belas Artes, formado por professores e ex-professores com a atribuição específica de promover anualmente as Exposições Gerais, a serem realizadas nas dependências da ENBA, mantendo a interdependência entre elas. No ano seguintes, as exposições passam a ser denominadas Exposições Gerais de Belas Artes. Em 1937, quando ocorre a nova organização do Ministério e Saúde Pública, é estabelecido o rompimento definitivo das relações entre a Escola e os Salões. O Conselho é extinto e suas funções transferidas para o Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pelo Museu Nacional de Belas Artes, criados nesta data e instituídos pelo decreto. Em 1940, a exposição passa a ser designada Salão Nacional de Belas Artes e que estabelece também uma Divisão Moderna. O evento ganharia nova estruturas e subordinação ao longo dos anos, até 1977, quando passou a ser organizado pela recém-criada Fundação Nacional de Artes – Funarte, com o nome de Salão Nacional de Artes Plásticas (SNAP).¹⁵

Na busca de espaços próprios para apresentar seus trabalhos, surgem, a partir dos anos 1920, iniciativas de grupos que vão aquecer o sistema de arte em direção a uma ruptura com a hegemonia das Exposições Gerais oficiais, que ainda se limitavam ao formalismo clássico e a um círculo em torno da Escola, privilegiando seus professores que ao mesmo tempo eram juízes, expositores e mestres de outros participantes.¹⁶

¹⁴ SIMIONI,2008.

¹⁵ Em 1951, foram criados a Comissão Nacional de Belas Artes, subordinado ao Ministério de Educação e Saúde, e o Salão Nacional de Belas Artes e o Salão Nacional de Arte Moderna, como instituições subordinadas à Comissão. Com agenda anual, o moderno era realizado em maio, na sobreloja do Palácio da Cultura, e o acadêmico, em setembro, no Museu Nacional de Belas Artes. Na década de 1970, os dois salões foram extintos e criado, em 1977, o Salão Nacional de Artes Plásticas (SNAP). O I Salão Nacional de Artes Plásticas seria realizado em 1978

¹⁶ DURAND,2009. P.67

Em 1929, fazendo frente à 36ª Exposição Geral da Escola de Belas Artes, no salão nobre da Biblioteca Nacional, acontecia o 1º Salão dos Artistas Brasileiros, preconizando princípios mais livres, sem comissão julgadora e com uma agenda de solenidades sobre artes plásticas, literatura e música¹⁷.

No mesmo ano, artistas de vários ramos e participantes desse evento, criam a **Associação dos Artistas Brasileiros –AAB**. Entre seus sócios constam artistas de variados ramos, membros de famílias com influência política e financeira, estrangeiros recém-imigrados, que procuravam se integrar nos ambientes de socialização e exposição, como Dimitri Ismailovitch, e sua discípula Maria Margarida Soutello, que seriam membros atuantes da agremiação. Inicialmente instalado no Liceu de Artes e Ofícios e, em seguida, no Teatro Casino, a partir de 1934 se fixa no Palace Hotel por meio Octávio Guinle, que se tornaria sócio benemérito da associação.¹⁸

Em São Paulo, o inconformismo com a Academia não era diferente, o Modernismo se consagra entre as elites e os proletários, e as artes plásticas ganham contornos de maior compromisso com temas sociais. A partir de 1932, artistas passam a se reunir em clubes e grupos com o objetivo de se fortalecerem e de divulgar os novos preceitos de vanguarda. Primeiro surge a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) reunindo figuras como Lasar Segall, Anita Malfatti, John Graz, Victor Brecheret, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, dentre muitos outros artistas e apoiadores.¹⁹ Criado no mesmo ano, por Flavio de Carvalho, Di Cavalcanti, Carlos Prado e Antonio Gomide, o Clube dos Artistas Modernos (CAM) promoveu exposições inovadoras, palestras, concertos, debates e peças teatrais. Com iniciativa semelhante e idealizado por Quirino da Silva, surge o Salões de Maio que conhece três edições, 1937, 1938 e 1939, na cidade de São Paulo.²⁰

Com características diferentes aos três grupos citados anteriormente, formados por artistas que pertenciam a aristocracia paulistana, surge por volta de 1935 o Grupo Santa Helena, que reunia artistas-artesãos (pintores de parede, marceneiros, ourives, professores, açougueiros e operários) que instalaram ateliers em salas do Palacete Santa Helena, na Praça da Sé, em São Paulo;²¹ em 1937, o Grupo se associa a Rossi Osir e Vittorio Gobbis se tornando participantes

¹⁷ Expuseram nomes como Portinari, Raul Pedrosa, Ismael Nery, Alvarus, Alberto Guignard, Roberto Rodrigues, Celso Kelly e Ruy Campello, Navarro da Costa.

¹⁸ VERTCHENKO, 2018.

¹⁹ NOSSO SÉCULO, 1980. Vol.1 p.271

²⁰ MONTEIRO, Paulo, Os Salões de Maio. ARS (São Paulo) 6 (12). Dez 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-53202008000200008>. Acesso em: 20 Jan. 2022.

²¹ Formado inicialmente por Rebozo Gonzales, Mário Zanini, posteriormente outros artistas aderiram ao grupo: Manoel Martins, Fulvio Pennacchi, Bonadei, Clóvis Graciano, Alfredo Volpi, Humberto Rosa e Rizzott. Todos eram artistas amadores de origem humilde, alguns descendentes de imigrantes italianos que haviam estudado na

da Família Artística Paulista - FAP²². A partir da primeira mostra em novembro de 1937, o Grupo Santa Helena passa a ter visibilidade no sistema de arte.

Em 1931, ocorre no Rio de Janeiro, O Salão Revolucionário, nome como ficou conhecida a 38ª Exposição Geral de Belas Artes, ensaiando uma abertura aos artistas modernistas no meio acadêmico²³. Nesse ano forma-se o Núcleo Bernardelli,²⁴ e constituído por jovens de poucos recursos financeiros que ocuparam uma sala na Escola Nacional de Belas Artes com o objetivo de receberem orientações de colegas mais experientes como Bruno Lechowsky, Manuel da Assunção Santiago e Quirino Campofiorito. Assim como o Grupo Santa Helena eles tinham maior preocupação com a técnica e menos com a vanguarda modernista²⁵

Os Salões de Arte e as instituições de ensino estão entre os componentes do sistema das artes e são importantes instâncias de legitimação, no entanto deixam de ser majoritários e o circuito expositivo paralelo se encontra definitivamente consolidado, cenário que vai permitir que a crítica de arte se torne mais regular na imprensa, que havia se expandido com a criação dos Diários Associados, e o surgimento de novas revistas ilustradas, como *a Eu Sei Tudo*, e a publicação semanal *O Cruzeiro*, que em 1940 passa a liderar o mercado nacional de revistas.²⁶ Os diários e as revistas tornam-se importantes veículos de divulgação das Artes, por meio de colunas próprias que escreviam sobre salões e exposições, cujos comentários interferiam no reconhecimento dos artistas e na construção de uma carreira de prestígio. Os colunistas como Celso Kelly²⁷, do *A Noite*, Oscar D'Alva²⁸, da *Fon-fon*; Branca de Castro, do *Diário de Notícias*,

Escola Profissional Masculina do Brás, e ou, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e na Escola Paulista de Artes. GRUPO Santa Helena. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo520054/grupo-santa-helena>. Acesso em: 16 de janeiro de 2022. Verbetes da Enciclopédia

²² O Movimento nasceu como reação ao elitista e recém criado Salões de Maio. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>. Acesso em 21 dez. 2021.

²³ O evento aconteceu durante o curto período em que o arquiteto Lucio Costa ficou à frente da ENBA (1930-1931), que assumira com a intenção de projetar a arte moderna no país. Por conta dessa iniciativa, em 1940, criou-se uma divisão Moderna do Salão Nacional, que antecedeu a criação do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1951.

²⁴ Assim nomeado em homenagem aos irmãos Rodolfo e Henrique Bernardelli, e com a participação de artistas como Eugênio Sigaud, Edson Motta, Bustamante de Sá, Ado Malagoli, os japoneses Takaoka e Tamaki, José Pancetti e Milton Dacosta.

²⁵ NOSSO SÉCULO, 1980. p.275

²⁶ Idem.p.276

²⁷ Celso Otávio do Prado Kelly – (1906 ,Niterói,RJ / 1979,Rio de Janeiro,RJ) Jornalista, teatrólogo, escritor, historiador, professor, pintor, crítico de arte, bacharel em direito. Como jornalista colaborou em vários jornais mas fez sua carreira em “ A Noite” desde redator até diretor. Dirigiu a Rádio Nacional e foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e da Associação dos Artistas Brasileiro (AAB). Na área da educação e cultura teve vários cargos de destaque em instituições públicas. Em 1929 dirigiu a exposição individual de Candido Portinari, no Palace Hotel, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://arquivoteca.tst.jus.br/uploads/r/tribunal-superior-do-trabalho-10/9/e/c/9ece9ae4540c8340e3f5818f624b5081b8332434747bbba9368b5d81c36b9f6b/06.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

²⁸ Oscar D'Alva (1874 - São Luís, MA- 1946 - Rio de Janeiro, RJ) era o pseudônimo usado pelo escritor Antonio dos Reis Carvalho para assinar vários de seus artigos. Poeta, ensaísta, teatrólogo, jornalista e professor. Escrevia

Guerra Duval²⁹, de *A Nação*, Quirino Campofiorito³⁰, Norman de Sá, da *Gazeta de Notícias*, entre outros, que não só escreviam como também participavam dos comitês de seleção de exposições.

1.2. Entre acadêmicos e modernos

No início do século XX, o campo artístico brasileiro acompanhava as inovações internacionais dos movimentos como o Fauvismo, o Cubismo (1907) e o Manifesto Futurista (1909) de Marinetti, que revolucionavam a pintura na Europa. Ainda que no Brasil alguns pintores continuavam fiéis a tradição acadêmica, outros já se aventuravam ao olhar e a técnica do Impressionismo como Eliseu Visconti, que também dialogava com outras tendências mais contemporâneas do início do século como o *art nouveau*, o simbolismo, o pontilhismo, mas desprezava o realismo burguês. A pintura histórica entrou em declínio tal qual sua apreciadora e principal mantenedora, a Corte imperial. Sustentados e aplaudidos pelas elites burguesas, os pintores passaram a pintar os valores e ideais dessa aristocracia, bem como seus modos e costumes. Como Rodolfo Amoedo, e as cenas da vida noturna, Almeida Júnior, e os tipos regionais, e Belmiro de Almeida, e seus modelos de adolescentes românticas.

A busca de uma arte de superação da tradição acadêmica e burguesa teve seus fundamentos lançados à partir da Semana de Arte Moderna em 1922, evento que incluiu conferências, poesia, música, e exposições de artes plásticas e arquitetura, defendendo a renovação da arte e a temática nativista, procurando a emancipação em relação à cultura que se submetia a padrões importados.³¹

a coluna “Notas de Arte” da revista Fon-Fon, e foi colaborador de numerosos periódicos como a revista “Kosmos”, publicada entre 1904 e 1909, além da “Revista Brasileira de Música” (RBM). Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=7611>. Acesso em 05 abr. 2022.

²⁹ Fernando Guerra Duval (?-1950) Foi um entusiasta da fotografia e um dos fundadores do Photo Club Brasileiro (1923), entidade que representou a consolidação do fotoclubismo no país, devido à sua abrangência espacial e temática e que desempenhou papel fundamental na produção de fotografias pictoriais e na reflexão sobre a fotografia como arte. Outra paixão sua era o automobilismo, sendo o primeiro proprietário de um veículo com motor a explosão na cidade do Rio de Janeiro. Álvares, 2016. p.33.

³⁰ Quirino Campofiorito (Belém PA 1902 - Niterói RJ 1993). Pintor, desenhista, gravador, crítico e historiador da arte, ilustrador, caricaturista, professor. A produção artística e intelectual de Quirino Campofiorito transita por diferentes áreas em torno das artes plásticas. Trabalha em sua difusão como crítico de arte. Como professor, compromete-se com a consolidação e reforma de um sistema de ensino artístico. Como artista, dedica-se às artes gráficas, sobretudo à pintura. Paralelamente à sua carreira artística, Quirino Campofiorito tem relevante atuação como historiador da arte e publica, em 1983, o livro “História da Pintura Brasileira no Século XIX”. QUIRINO Campofiorito. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa146/quirino-campofiorito>. Acesso em: 07 de abril de 2022. Verbete da Enciclopédia

³¹ ENDO, Maira. A auto-organização no campo da arte no Brasil | 1922 – 1970. Disponível em <https://cortex.art.br/a-auto-organizacao-no-campo-da-arte-no-brasil-1930-1970/>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Esse movimento é revigorado pelo nacionalismo e o patriotismo a partir da Revolução de 30, que promoveria profundas transformações no país. O primeiro empreendimento do novo governo a abrir as portas para o modernismo, foi o Salão Revolucionário de 1931, e não foi por acaso que o escolhido para ser presidente seria o poeta Manoel Bandeira. Diante das irreversíveis conquistas do Modernismo, Getúlio Vargas passou a cortejar os intelectuais que participaram do Semana de 22 com o objetivo de incorporá-los nas esferas da cultura oficial. Em 1932, através de um decreto governamental surgia o *Conselho de Orientação Artística*. A partir da nomeação de Gustavo Capanema para o Ministério da Educação, em 1934, seria desenvolvida uma política sistemática de cooptação desses pensadores. Para a chefia de seu gabinete o ministro trouxe de Minas Gerais, o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Em 1937, com a implantação do Estado Novo essa política se fortaleceria com a nomeação de Mario de Andrade para chefiar o Departamento Cultural da Prefeitura de São Paulo, e do poeta Augusto Meyer para direção do Instituto Nacional do Livro.

Nesse mesmo ano começaria a construção da nova sede do Ministério da Educação com projeto elaborado a partir de estudos do arquiteto suíço Le Corbusier.³² Na equipe chefiada por Lucio Costa estavam os arquitetos Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Affonso Eduardo Reidy e com participação do então estagiário Oscar Niemeyer. Para a decoração reuniram-se os pintores Cândido Portinari, Pancetti e Guinard, o escultor Bruno Giorgi, o paisagista Burle Marx e outros. O edifício se tornaria o grande marco da arquitetura moderna, e o Estado, o patrocinador de muitas obras se afirmando como símbolo de modernidade e progresso.

Noutro campos das artes, outros artistas foram beneficiados com o apoio governamental, como foi o caso de Cândido Portinari, pintor e muralista, que trabalhara na decoração do Ministério da Cultura, em 1935 já havia sido convidado para lecionar pintura na Universidade do Distrito Federal; em 1936 recebera sua primeira encomenda oficial: os murais do Monumento Rodoviário na estrada São Paulo- Rio, e até 1945 realizaria várias encomendas de murais dentro e fora do país assim como escultor paulista Bruno Giorgi que também receberia várias encomendas oficiais.

Na música podemos destacar Heitor Villa-Lobos maestro e compositor, também um representante da intelectualidade que se tornou funcionário público, atuante e influente no campo da música nacional, principalmente nas escolas, onde teve seu projeto de Canto Orfeônico implementado com o objetivo de desenvolver o estudo da música. Em 1932, foi criada a Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) para que Villa-Lobos

³² NOSSO SÉCULO, 1980. p. 170

executasse o projeto orfeônico que havia iniciado em São Paulo no final de 1930, logo depois ele se tornaria coordenador da instituição.³³

A nova maneira de pensar o Brasil se ampliou para todos os campos do saber a partir dos anos 30, levando artistas e pensadores a revisar a formação do povo brasileiro. A historiografia e as ciências sociais, até então estavam impregnadas por preconceitos antropológicos como a “supremacia racial” dos europeus.

Em 1933 são publicados dois livros que marcariam as gerações intelectuais posteriores: *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, e *Evolução Política no Brasil*, de Caio Prado Júnior. Em conjunto com *Raízes do Brasil* (1936), de Sergio Buarque de Holanda, essas obras representam um momento de “redescoberta” do Brasil, com princípios essencialmente opostos aos dos pensadores da República Velha.

A literatura com temática nacionalista e a crítica social vai ganhando espaço e resgatando nossas raízes históricas com a presença de personagens negros, caipiras, indígenas, paisagens de canaviais nordestinos e cafezais do Sul.³⁴ Ao longo dos anos 30 e 40 os clássicos da literatura com temas brasileiros também chegaria ao cinema com filmes produzidos pela Cinédia, Brasil Vita Filmes, INCE (Instituto de Cinema Educativo) e a partir de 1941, também pela Atlântica Cinematográfica.³⁵

É interessante observar que ao mesmo tempo que a cultura está em busca de uma identidade nacional através da pesquisa de suas raízes, a arte moderna se encontra em um processo de internacionalização absorvendo a inovação dos movimentos europeus, mas também a procura de uma linguagem original, movimento que vem ao encontro do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade. Nesse contexto de transição procuro situar brevemente a produção artística de Maria Margarida Soutello e de seu mestre Dimitri Ismailovitch, que teve grande participação na trajetória da pintora.

Dimitri Ismailovitch, era um imigrante ucraniano chegado ao país em 1927, com formação clássica e uma sólida carreira de desenhista e pintor, conforme veremos no capítulo seguinte. Ele, como muitos outros artistas, fez da arte sua profissão e dependia dela para sobreviver. Seu ingresso na AAB lhe proporcionou um amplo convívio com figuras de diversos setores da sociedade carioca, e por ser um exímio desenhista passou a pintar o retrato de personagens da elite e de ilustres personalidades. Esse arroubo cultural de redescoberta da

³³MATIAS, Carlos dos Passos Paulo e ZANELATTO, João Henrique. O Estado Novo foi uma mãe..., para o Villalobos! ESTUDIOS HISTÓRICOS – CDHRPyB- Año VIII - Julio 2016 - Nº 16. Disponível em: <https://estudioshistoricos.org/16/eh1614.pdf>. Acesso em: 27 dez.2021

³⁴ NOSSO SÉCULO, 1980. p. 162

³⁵ Idem. p.268

brasilidade, com o surgimento do SPHAN e o interesse pelas cidades históricas coloniais de Minas Gerais, Parati, Olinda, entre outras, se tornam interesse de pesquisa para pintores e inclusive de Ismailovitch, que em 1936, ilustra o livro *Mucambos do Nordeste* de Gilberto Freyre e nos anos 40, os dois volumes de *Introdução à Antropologia Brasileira* de Arthur Ramos, quando pintou uma série de estudos etnográficos. Nesse sentido o pintor se aproxima da temática modernista ao mesmo tempo que convive com intelectuais importantes do movimento, seja através de trabalhos ou de eventos sociais ligados às artes. No mais, já no final da sua vida troca a figuração realista fazendo algumas incursões na abstração, mas sua grande predileção sempre foi a figura humana. Como professor teve em Maria Margarida a discípula com maior destaque e que por muito anos seria sua parceira de exposições e de convívio na casa onde dividiam moradia e espaço de atelier e onde recebiam importantes artistas brasileiros, políticos, escritores, músicos e estrangeiros que os visitavam³⁶.

Maria Margarida inicia sua carreira sob influência do seu mestre, mas logo se distancia e segue uma trajetória particular recebendo calorosos comentários diante da inovação com temáticas provocantes como cristos negros, anjos mulatos, dramas sociais vividos pelas pessoas simples e retratados de forma muito original, pela técnica apurada do seu desenho e efeitos de sombras e cores, resultados de sua dedicação ao estudo, inclusive de química e física, em busca de constante aperfeiçoamento. Ao longo dos anos de 1930, 1940 e 1950 tanto ela como Ismailovitch são frequentadores assíduos das colunas de arte dos diários e revistas de destaque no Rio de Janeiro. A cada exposição suas novas obras quase sempre são comentadas e alvo de críticas que procuram enquadrá-la em diferentes movimentos, seja do modernismo ou realçando características clássicas herdadas de seu mestre. Para Maria Margarida o que interessa é sua independência frente a sua criação:

[...] quero sentir o bem que ela me faz, porque a arte, quando não faz bem ao artista, não é arte. Tenho-a como algo de infinito, e por isso, até hoje, não me pude conformar com a ideia de que pudesse enquadrá-la, ou antes, limitá-la a essa ou aquela escola, a esta ou aquela corrente. Se assim o fizesse, estaria ligada a alguns milhares de criaturas, mas me sentiria separada de outros milhões que fazem o conjunto total.³⁷

A imprensa também é porta voz do que acontece no mundo do entretenimento da elite e da classe média, evidenciando um panorama diversificado e efervescente. Nos teatros predominavam comédias ingênuas e conservadoras e o teatro de revistas, com temas picantes e políticos e grandes atores e atrizes como Procópio Ferreira, Rodolfo Mayer, Dulcina de Moraes

³⁶ ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. *O Globo*, 25 set. 1984. Segundo Caderno

³⁷ MENEZES, Maria Wanderley. A mulher e a pintura. *Carioca*, 2 set. 1948.

e Alda Garrido. Festas apoteóticas e as mesas dos cassinos frequentadas por uma elite milionária que se fortalecera com o Estado Novo. (Os Guinle, Lage, os Seabra, os Ascards). Os salões, clubes e cassinos se multiplicavam, transformando a Capital Federal no maior centro de jogatina do país: Cassino da Urca, do Copacabana Palace, o Icaraí em Niterói, Quitandinha em Petrópolis e o Pampulha em Belo Horizonte.³⁸

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em andamento, o início dos anos 40 assistiria a uma ostensiva ofensiva econômica e cultural norte-americana sobre a América do Sul, sobretudo o Brasil, assegurando ricos mercados e eliminando os concorrentes europeus. Lentamente a “*American way of life*” penetrou na vida da sociedade brasileira através dos filmes de Hollywood e da revista *Seleções do Reader's Digest* que desempenhavam papel de difusores culturais e ideológicos.³⁹

Durante a Segunda Guerra houve um corte nas comunicações com a Europa, polo criador e difusor das artes modernas, causando uma sensação de vazio e estagnação. Em São Paulo, que não tivera o apoio de instituições públicas às artes como no Rio de Janeiro, o investimento em cultura seria o grande fator de diferenciação entre as afortunadas famílias paulistas e de onde surgem os três mecenas que polarizaram o setor e criaram instituições artísticas que mudariam a história cultural do país.

O empresário Assis Chateaubriand, o magnata da imprensa da época, funda em 1947 um dos primeiros museus de arte de São Paulo, o MASP, cujo projeto foi dirigido pelo italiano Pietro Maria Bardi, e foi também o responsável pela chegada da televisão ao Brasil, inaugurando em 1950 a primeira emissora de televisão do país, a TV Tupi.⁴⁰

Em 1948, Francisco Matarazzo Sobrinho, o “Cicillo”, empresário de origem italiana, inaugura o Museu de Arte Moderna (MAM). No mesmo ano, em parceria com outro empresário italiano, Franco Zampari, cria o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), e no ano seguinte a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Em 1951, por sugestão do pintor Danilo Di Prete, de origem italiana, Matarazzo realizou a I Bienal de São Paulo. Assessorado por Lourival Gomes Machado e Sérgio Millet, o empresário construiu um pavilhão no Parque Trianon e organizou a grande mostra. Participaram 21 países e foram trazidas 1800 obras com nomes de artistas importantes do século XX, predominantemente de cunho abstrato, impulsionando o ingresso das correntes abstrato-geométricas no país. A Bienal aconteceria em 1953, 1955, 1957, 1959 respectivamente a II, III, IV e V Bienais. A partir desses primeiros anos a grande exposição pôs

³⁸ Idem. p. 190, 259,260

³⁹ Idem.p.243

⁴⁰ Idem.p.92-94

a arte brasileira em dia com a produção internacional.⁴¹ Em 1956, o Concretismo se instaura no Brasil com a exposição Nacional de Arte Concreta, no Museu de Arte Moderna de São Paulo da qual participaram artistas cariocas e paulistas, promovendo o rompimento definitivo com a figuração e também evidenciando as diferenças entre os grupos. Os paulistas defendendo os princípios racionalistas do Concretismo, e os cariocas abertos à experimentação e a expressão logo criariam o Neoconcretismo, cuja a primeira exposição aconteceu em 1959.

A chegada dos anos 1960 e a construção de Brasília, representaram o ápice de uma visão de modernidade na cultura brasileira que se desenvolve no contexto desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitchek (1956-1960). Durante o governo de João Goulart (1962-1964) o debate cultural se volta para as questões populares e durante o regime militar (1964-1984) para a defesa das liberdades democráticas.

Dos anos 1950 aos 1970 o Brasil acompanharia as inúmeras tendências das vanguardas internacionais. Após o esgotamento do abstracionismo geométrico e informal, os anos de 1960, traz a discussão da retomada da figuração, inspirada na Pop arte, na Nova Figuração argentina, no Novo Realismo francês, entre outros. Para Frederico Morais duas características são marcantes na década de 1960:

[...] a extrema velocidade dos ismos, associada à multiplicação dos meios expressivos e suportes, e a retomada da figura. Essencialmente urbanas, captam e expressam o conteúdo da sociedade de consumo, apropriando-se de linguagens dos meios de comunicação massiva.⁴²

A figura passa a receber novos tratamentos com mistura de técnicas e materiais e, mais expressiva, era transformada pelo significado proposto pelo artista, sua atitude era crítica e polêmica. Em plena ditadura militar muitos artistas reagem com postura militante fazendo da sua arte o seu protesto. O final da década presenciou o surgimento da arte conceitual que abre mão do formalismo e dos objetos para se concentrar em ideias e conceitos.

A década de 1970, no Brasil, foi marcada pelo endurecimento do regime pós 1964 e pela censura. Apesar das perseguições algumas iniciativas no sentido de criar uma política cultural aconteciam, como a criação da Funarte e da Embrafilme.

Surgem novas expressões artísticas como a arte postal, apresentando-se como maneira alternativa de circulação da obra, os livros de artista, as instalações (obras produzidas para um local específico, performance (execução de uma ação espontânea ou teatral com a possibilidade de participação do público) e arte de rua. Os artistas exercitavam a multiplicidade de estilos, a

⁴¹ Idem.p.104-107

⁴² MORAIS, Frederico. Anos 60: a volta à figura: marcos históricos. 1994. P.7-8

fusão de gêneros, a mescla de técnicas, a ruptura de suportes, valorizando assim o caráter multidisciplinar da arte.

Nos anos 1980 o Brasil assiste uma nova geração se expressando através da pintura, desenho, gravura e escultura, caracterizando uma volta aos suportes tradicionais.

É importante pontuar que essa cronologia linear traçada para contextualizar o ambiente sócio cultural em que Maria Margarida desenvolve sua trajetória artística, tem sido revista pela história contemporânea na medida que entende que múltiplos olhares e projetos de modernidade aconteceram em circuitos distintos no meio artístico, desenvolvidos por artistas que não estavam sob os holofotes do movimento modernista e das disputas por protagonismo que marcaram todos os outros movimentos de vanguarda que surgiram ao longo do século XX. Mergulhada na dicotomia entre os “ismos” a historicidade oficial foi relegando e deixando a margem, a trajetória pessoal e a produção de muitos artistas que não se enquadravam nos modelos hegemônicos do sistema da arte. São artistas que não abriram mão da figuração, do colorido e do quadro, que abordaram inúmeras variações temáticas e técnicas e eram protagonistas em outros círculos e ambientes que aconteciam concomitantemente no meio das artes, mas de alguma forma foram desqualificados e esquecidos pelo enredo oficial.

Até meados de 1970, Maria Margarida fez parte de um desses círculos de artistas que se mantiveram presentes e atuantes, com participação no mercado, vendendo suas produções e marcando espaço no rumo da arte. A revisão histórica tem sido lentamente realizada na medida que surgem novas pesquisas que trazem luz ao percurso desses artistas, homens e mulheres, esquecidos e ofuscados, resgatando e recontando a história da arte sob a ótica de um largo espectro onde muitos outros foram protagonistas.

2 TRAJETORIA PESSOAL E ARTÍSTICA

O capítulo irá comentar a trajetória pessoal de Maria Margarida de Lima Soutello destacando sua biografia e comentando duas personalidades de grande participação pessoal e artística, Morel Soutello e Dimitri Ismailovitch.

2.1. Maria Margarida de Lima, uma emigrante açoriana

Maria Margarida de Lima nasceu a 21 de dezembro de 1900,⁴³ em Vila Nova, do Concelho da Praia da Vitória, na ilha Terceira⁴⁴, filha de Manoel Caetano de Lima e Maria da Conceição de Lima, O concelho integrava, com São Jorge e Graciosa, o distrito de Angra do Heroísmo, do Arquipélago dos Açores. Em 18 de novembro de 1902 nasceu sua irmã Deolinda, e no ano seguinte seu irmão Manoel, a 10 de agosto de 1903.⁴⁵

A menina Margarida adorava o sol de Açores e a praia, por lá se esquecia do tempo a desenhar os barcos que observava na linha do horizonte e a tudo o que seus olhos viam naquelas imensas paisagens. Sua atenção se desviou quando chegou uma professora francesa para lhe educar, mas logo a menina voltaria a admirar o seu amigo sol e a desenhar tudo o que via e a pintar as árvores do jardim de sua casa.⁴⁶

Ainda na primeira década de 1900, a família de Maria Margarida emigrou para o Brasil. Manoel Caetano, então com 29 anos, teria vindo em 1905⁴⁷, dentre os 68 passageiros da 3ª classe do paquete alemão Córdoba⁴⁸ que atracou no Porto do Rio de Janeiro, e trazido a família posteriormente. Eles seguiram uma tendência de mobilidade portuguesa que envolveu, entre 1815 a 1930, cerca de 1,8 milhão de indivíduos, tendo o Brasil como principal destino. Nos Açores, mesmo quando os Estados Unidos foi o destino preponderante dos que saíam do porto da Horta, nos demais distritos, a opção pelo Brasil ainda preponderou.⁴⁹ Segundo os pesquisadores Jose Damiao Rodrigues e Gilberta Pavão Rocha, essa mobilidade pode ser

⁴³: Região Autónoma Açores, Presidência Governo, Direcção Regional Cultura. Registos Paroquiais. TER-PV-VILANOVA-B-1900-1911, Fonte: BPAR - Angra do Heroísmo, Data: 1900

⁴⁴ A Terceira é uma das nove ilhas dos Açores, integrante do chamado "Grupo Central", e, por sua posição geoestratégica em pleno Atlântico Norte, desempenhou um importante papel na manutenção do Império Português.

⁴⁵ Região Autónoma Açores, Presidência Governo, Direcção Regional Cultura. Registos Paroquiais. TER-PV-VILANOVA-B-1900-1911, Fonte: BPAR - Angra do Heroísmo, Data: 1903

⁴⁶ O CRUZEIRO, 1939, n. 44.

⁴⁷ Segundo registro na "Entrada de Estrangeiros no Brasil - Porto do Rio de Janeiro", BRRJANRIO.OL.0.RPV.PRJ.9125, ele teria desembarcado a 11 jun. de 1905, do navio Córdoba, vindo dos Açores, Portugal, e registrado com o no. 046.

⁴⁸ JORNAL DO BRASIL. 12 jun. 1905, p. 4

⁴⁹ RODRIGUES, José Damião e ROCHA, Gilberta Pavão Nunes. A emigração açoriana para o Brasil: ritmos e destinos, p. 257.

entendida “tanto como estratégia do poder político e económico, como uma opção individual e familiar fundamentada no desejo de ascensão social”⁵⁰

Maria Margarida chega no Brasil com sete anos de idade, como havia sido educada por uma professora francesa, falava bem como uma mocinha educada de Paris⁵¹. Podemos conhecer um pouco da menina luso-brasileira através das palavras de Diogo de Macedo que conversou com a artista quando a conheceu em 1951:

A pequena Maria Margarida, açoriana na fantasia e no culto do desconhecido, embarcara para longe, sem nunca ter vindo à Metrópole; e então, deleita-se em curiosidade ao ouvir contar desta, como em êxtases. O seu espanto e a sua satisfação, quando alguém nota na sua Arte a emoção lusíada e insulana! Não admira, pois, que ela tanto anseie vir a Portugal para se reconhecer ao conhecê-lo, e particularmente, aos Açores.

Sua família emigrara para o Brasil e por lá se ficou esquecida em pesares de saudade, para nunca mais. É esta a história anónima de milhares de famílias portuguesas, hoje continuadas noutras igualmente anónimas e de incoerentes sentimentos brasileiros. Maria Margarida fora criada em liberdade, educada em cismares que a contemplação dos grandes panoramas excita, derivando em abstrações que os rumos incertos ajudaram, como os sons nos ecos da floresta ou a vista nas águas infindas.

[...] Tagarela e traquina, ingénua e tímida, refugiava-se nos sítios, falando com as árvores e interrogando as nuvens; o vento que vinha, sabia ela lá de onde, respondia-lhe. Era feliz nessa gandaia de gazela, conta que a arredavam das praias, não fosse desejar o retorno ou outros tormentos de paixão. Nesta auscultação inocente, quase isolada, foi crescendo a par do mistério que a perturbava, e assim surgira, sem se aperceber doutros encantos, a mulher de flexuosidades no pensamento, atraída pelo ocultismo das coisas que ignorava e, particularmente, sensível à música.⁵²

Mas sua infância no Brasil não parece ter sido tão feliz como fora em Açores, seu pai viera antes para organizar algumas empresas e a menina veio com sua mãe e o irmão caçula algum tempo depois para viverem em Santa Cruz. Sua irmã Deolinda só viria para o Brasil, já viúva, em 1961 conforme dados da imigração⁵³. Em entrevista a Gilberto Trompowsky na revista *O Cruzeiro*⁵⁴, Maria Margarida relata que mais tarde sua família perdeu a fortuna e foi morar no Rio de Janeiro, mas nessa ocasião ela foi entregue aos cuidados de D. Maria José Tinoco da Silva, uma aristocrata que havia transformado sua residência em uma eficiente escola de meninas, no Morro da Boa Vista, Curato de Santa Cruz, onde terminou seus estudos primários. Sua paixão pelo saber a fez estudar sem tréguas e a vencer os obstáculos que a falta de recursos impuseram. Vivendo num lar com um pai triste e uma mãe resignada a jovem Maria

⁵⁰ Idem. p 258

⁵¹ RAMIREZ, Danilo. Pintores: Maria Margarida. *O Cruzeiro*, 11 fev. 1939 [Álbum de recortes X, p. 84]

⁵² MACEDO, Diogo de. Ocidente. *Revista Portuguesa Mensal* Volume XLII. N° 165 a 170. *Notas de Arte*. A pintora Maria Margarida. Jan a Jun de 1952. p. 253

⁵³ Ficha Consular de Imigração. Serviço de Registro de Estrangeiros, Rio de Janeiro. D.F. 23 de agosto de 1961.

⁵⁴ TROMPOWSKY, Gilberto. *O Nome da Semana*. Senhora Morel Soutello. *O Cruzeiro*. 11 ago. 1956, p.100 e 101

Margarida viveu uma adolescência severa e sem a vivacidade característica dessa fase. Em 1915 seu irmão Manoel foi enviado para o colégio seminarista do Caraça e poucos meses depois foi entregue a família por motivo de “falta de aptidão e gosto para o estudo”.⁵⁵

No Rio de Janeiro fez o Curso Comercial, do Liceu de Arte e Ofício e posteriormente, em 1937, se tornaria bacharel em Humanidades pelo Colégio Independência⁵⁶, situado na rua Barão de Bom Retiro, 226, que em 1952 passa a abrigar a Seção Norte do Colégio Pedro II, atualmente denominada Unidade Escolar do Engenho Novo⁵⁷.

Maria Margarida conheceu seu futuro marido, Morel Soutelo,⁵⁸ no Liceu de Artes e Ofícios. Criado pela Sociedade Propagadora das Belas Artes (SPBA), fundada em 1856, o Liceu iniciou suas atividades em 1858, se constituído como instituição pioneira no ensino técnico e artístico voltado para as camadas populares, com aulas diurnas e noturnas.⁵⁹ Inovou ao acolher mulheres em 1881 e, no ano seguinte, inaugurou o curso comercial, que funcionou gratuitamente até 1958.⁶⁰

Margarida e Morel se casaram a oito de fevereiro de 1923; no registro civil consta que se apresentaram como solteiros, ele do comércio e ela, doméstica, e residentes à Rua Buenos Aires 193.⁶¹ A *Revista da Semana* publicou foto do casal em trajes de casamento, com a chamada “Enlace Lima-Soutello”, e a seguinte legenda: “Casamento da senhoria Maria Margarida de Lima com o brilhante ilustrador sr. Morel Soutello, colaborador da revista”.⁶²

Em seus planos de estudo estava o desejo de ser advogada, no entanto não pode concluir o curso de Direito por motivo de doença. Morel foi um companheiro muito dedicado e procurou de várias formas tirá-la da tristeza que tomou conta da sua vida com a morte de seu irmão

⁵⁵Santuário do Caraça. Disponível em: <https://www.santuariodocaraca.com.br/o-colegio-e-seminario/ex-alunos/livro-de-matricula-1905-1968/livro-de-matricula-1915/>. Acesso em 10 fev. 2021.

⁵⁶JORNAL DO BRASIL, 24 out. 1976, p. 5.

⁵⁷Colégio Pedro II. Campus Engenho Novo. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/engenhonovo2/campus-engenho-novo-ii/>. Acesso em 10 fev.2021

⁵⁸Filho de Manoel Ferreira Pacheco Soutello Maria Francisca Bastos Soutello (? - 1944), irmão de Marieta, Marina, Misael, Maria Alcina (A noite, 24 jan. 1944, p. xx)

⁵⁹Em 1911, foram criadas as oficinas gráficas, de douração, encadernação e o ateliê de água-forte que funcionavam juntamente com as oficinas de gravura, cerâmica e xilogravura, cujos ateliês atendiam os Palácios do Catete e do Itamaraty. Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao115540/liceu-de-artes-e-oficios-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em: 15 mai. 2021.

⁶⁰Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao115540/liceu-de-artes-e-oficios-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em 15 mai. 2021.

⁶¹Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012 Rio de Janeiro 02ª Circunscrição Matrimônios 1923, Jan-abr, p. 92

⁶²REVISTA DA SEMANA, 31 mar. 1923, p. 32.

caçula, Manoel. A pintura viria num futuro próximo ajudá-la a superar essa dor. O casal permaneceu unido até a morte de Morel, em 7 de outubro de 1972⁶³, e não tiveram filhos.

Imagem 1: Maria Margarida Soutello no seu atelier.



Fonte: O Cruzeiro, 11 fev. 1939

Imagem 2: Enlace Lima-Soutello



Fonte: Revista da Semana, s/d 1923.

2.2 Maria Margarina Soutello - a mulher-artista e seus encantos

Ao longo de sua vida Maria Margarida desenvolveu muitas habilidades e interesses em vários campos artísticos. Já estudava música quando aprendeu a tocar harpa depois de ter comprado o instrumento para ajudar uma amiga com dificuldades, e na festa de centenário da Escola de Música chegou a executar o “Largo”, de Händel.⁶⁴ Estudava filosofia e era apaixonada pela maneira como P. D. Ouspenski⁶⁵, matemático e filósofo russo, observava a vida. Em entrevista à Revista da Semana a artista afirma que “se no meu tempo existisse

⁶³ Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012 Rio de Janeiro 05ª Circunscrição Óbitos 1972, Set-Dez, p. 44 Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-D49Z-5?i=46&cc=1582573>.

Acesso em: 10 fev. 2021.

⁶⁴ ANDRADE, 1984 p. 2,3.

⁶⁵ Piotr Demianovitch Ouspenski, matemático e filósofo russo (1878-1947) Seus trabalhos se concentraram na discussão da existência de dimensões mais elevadas que a terceira, a partir de análises tanto do ponto de vista geométrico quanto psicológico.

Faculdade de Filosofia, lá teria estudado. Resolvi pintar porque senti que pintando faço a vida mais bela.”⁶⁶

Na literatura, gostava de ficção e de ler os clássicos na sua versão original o que a estimulava a aprender diferentes idiomas. Ela conta que depois de casada adquiriu o costume de ir sozinha aos vesperais do Teatro Lírico, no Largo da Carioca, onde certa vez conheceu pessoalmente o pianista Alexander Brailovski⁶⁷ que lhe ofertou um retrato autografado. Ele achou engraçado o agradecimento emocionado, meio em inglês, parte em francês e com seu orgulho ferido Maria Margarida lhe disse que dá próxima vez que ele viesse ela estaria falando russo. A essa altura ela já falava e lia em latim, grego, inglês, francês, alemão, espanhol e italiano. Determinada ela copiou o alfabeto russo de uma enciclopédia e procurou um professor nativo que não acreditou muito na sua seriedade, no entanto dois anos depois Brailovski ouviu sua mãe falando e gritou entusiasmado: “*Elle parle russo*” e a partir disso tornaram-se amigos.⁶⁸

Sua predileção pelos grandes autores russos que lia no original, a levou a criar uma série de pinturas denominada D’après Dostoiévski. Foi o domínio da língua que mudou sua vida, ao conhecer o pintor ucraniano Dimitri Ismailovitch (1890-1976) em um jantar na casa do casal Príncipe Gagarin,⁶⁹ em 1931.

Encantado com a eloquência da jovem, o pintor, considerado um importante mestre do realismo, ofereceu-se para fazer seu retrato. A partir desse dia, ela Morel e Ismailovitch se tornaram amigos. Durante as sessões em que posava, o artista observava o capricho e dedicação da modelo ao anotar verbos e declinações, e a convidou a pintar: “Se a senhora é tão disciplinada para estudar, com certeza será uma boa pintora”.⁷⁰ Segundo Maria Margarida ao primeiro convite ela respondeu que justamente desenho e pintura era a disciplina em que tirava as notas

⁶⁶ MOREL, Carlos. “Eu Pinte um anjo negro”. Revista da Semana. 30 mai. 1953.

⁶⁷ Alexander Brailowsky (1896 -1976) nasceu em Kiev, então parte do Império Russo. Foi um dos maiores pianistas do século XX, tendo se dedicado principalmente à obra de Chopin, sendo o primeiro pianista no mundo a apresentar a obra completa do compositor em uma série de 6 recitais, em 1924. Depois de Arthur Rubinstein, ele foi o pianista favorito das plateias brasileiras, tendo tocado mais de 90 vezes no país entre 1922 e 1953. Fonte: Instituto Piano Brasileiro. IPB. Disponível em:

<https://www.facebook.com/InstitutoPianoBrasileiro/posts/3047065418643028/>. Acesso em 08 abr. 2022

⁶⁸ ANDRADE, 1984.

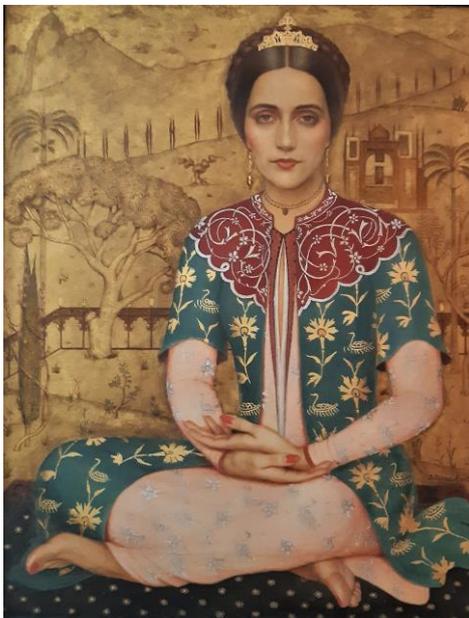
⁶⁹ O pintor russo Paulo Gagarin (1885-1980), radicado no Brasil para consequência da revolução bolchevique. Paulo Gagarin (São Petesburgo, Rússia, 1885 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980). Pintor. Filho de um ex-governador do Cáucaso, estuda no Liceu de São Petersburgo entre 1900 e 1904 e na Universidade de São Petersburgo de 1905 a 1910. Em 1911, ingressa no serviço militar russo, participa de uma série de expedições militares e serve como oficial de artilharia pesada durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), terminada a guerra emigra para a França. Em 1921, vem ao Rio de Janeiro como copeiro do navio brasileiro Pelotas. No ano seguinte, realiza sua primeira individual, na Associação dos Empregados do Comércio. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24361/paulo-gagarin>. Acesso 15 mar. 2021

⁷⁰ ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. O Globo, Rio de Janeiro, 25 set 1984. Segundo Caderno.

mais baixas na escola.⁷¹ Mas com a insistência do pintor ela disse ao seu marido: “Vou pintar só pra esse russo deixar de me amofinar”, e assim foi, logo se tornaria sua aluna.

Quando se fala de Maria Margarida, nos comentários sobre as exposições e seus trabalhos, é constante o enaltecimento da sua intelectualidade, da sua elegância, da sua beleza particularmente exótica. A maneira como transporta para a pintura o seu gosto pela literatura, pela música e sua forma de ver o mundo, são quase sempre permeados por observações sobre suas características pessoais, seus atributos físicos e intelectuais.

Imagem 3: Dimitri. Ismailovitch,
Princesa Persa. ca193.
Óleo sobre tela
Margarida Soutello (modelo)



Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

Imagem 4: Oswaldo Teixeira
Harmonia em negro [Retrato da pintora Maria Margarida de Lima Soutello], 1929
Óleo sobre tela



Fonte: Acervo do Museu de Belas Artes

Maria Margarida exercia um magnetismo que atraía os olhares para ela, possuía uma maneira elegante de se portar, uma postura longilínea modelada por vestidos quase sempre pretos que se destacavam imprimindo um estilo particular de se vestir, seus belos chapéus, seu jeito de pentear os longos cabelos em forma de tranças contornando a cabeça e que se tornaram uma marca do seu visual que seguiria até o final de sua vida. Várias são as menções à sua presença em eventos diversos, jantares e saraus em residência de artistas e intelectuais da época. Ela gostava da vida social, quando passou a ser conhecida era frequentemente convidada a

⁷¹ FRIAS, Lena. Maria Margarida alfinetando os homens e as paisagens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1976. Caderno B

frequentar os salões dos diplomatas que também compravam suas obras, às vezes eram vários eventos em uma única noite.⁷²

Essa mulher que não vinha de família rica, que aprendeu a falar seis idiomas, a estudar música e aprender a tocar harpa, amante da literatura dos grandes autores russos, de filosofia e de ocultismo, se forjou uma intelectual que todos admiravam.

O clima de encantamento que envolvia as pessoas que acabavam conhecendo Maria Margarida pessoalmente, pode ser demonstrado nas palavras de Branca de Castro, colunista que escrevia sobre artes plásticas para a revista *Brasil Feminino* em uma visita ao atelier da artista:

Margarida Soutello não é apenas uma artista plástica. Ela é também uma intelectual de fina sensibilidade e rara cultura, uma mulher encantadora, cheia de mocidade e de alegria que possui uma figura física onde a beleza plasmou primores em detalhes preciosos. Aqueles enormes olhos. Aquela magnífica cabeleira quase loura...Aquela boca fresca onde o sorriso encontra o engaste próprio.⁷³

A equipe da revista havia visto a artista uma única vez na última exposição do *Grupo Ismailovitch* na Associação dos Artistas brasileiros e haviam sido gentilmente acolhidos pela artista. Admirados com duas telas que a artista havia exposto no último "salão", e curiosos pelas outras que deveriam ter no atelier foram visitá-la. E continua:

[...] Uma recepção encantadora de simplicidade fidalga...a nossa curiosidade por *ela* e por sua arte, punha-nos em situação embaraçosa pela exigente divisão de atenção que éramos obrigados a fazer, entre o encanto envolvente da artista e a tentadora sequência de telas espalhadas pelas paredes do seu "home" de artistas, pois Margarida Soutello é casada com Morel Soutello, um artista realizando os dois um par criador de notáveis expressões de beleza artística. [...] falemos, porém em primeiro lugar da *Artista*: Fina nos gestos e nas expressões, heráldica na graça esguia do seu porte de princesa de lenda: encantadora na simplicidade natural de sua alma a revelar-se a cada frase que pronuncia; dona de uma raríssima cultura intelectual e artística que ressalta sem ostentações ridículas no decorrer de sua conversação brilhante, essa mulher que o Brasil fez artista... Margarida Soutello, ela só daria assunto para profundos estudos de psicologia, tal é a complexidade revelada pelo seu espírito embebido de beleza, de sonhos de arte e de ansiedades transcendentas.⁷⁴

Em entrevista à revista *O Cruzeiro*, em fevereiro de 1939, o repórter abre a matéria descrevendo fisicamente a artista e revelando a simplicidade e a sobriedade de sua elegância:

Suas tranças imperiais cruzam-se formando um diadema natural. Os cabelos lisos e brilhantes, arrumados para trás como os cabelos das nadadoras, e apanhados todos naquelas tranças grossas, são o seu único adorno. As orelhas não têm brincos. Os braços sem pulseiras e o colo sem colares e broches.⁷⁵

⁷² ANDRADE, 1984.

⁷³ CASTRO, Branca de. Artes Plásticas. *Brasil Feminino*, n. 25, s/d., p.7 [Álbum de recortes X, p.38]

⁷⁴ CASTRO, Branca de. Artes Plásticas. *Brasil Feminino*, n. 25, s/d., p.7 [Álbum de recortes X, p.38]

⁷⁵ RAMIREZ, Danilo. Pintores: Maria Margarida. *O Cruzeiro*, 11 fev. 1939 [Álbum de recortes X, p. 84]

Nos primórdios da década de 1950, Maria Margarida ainda era uma artista desconhecida para os seus compatriotas. Em visita ao Brasil no ano de 1951, Diogo de Macedo, diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea de Chiado, em Lisboa⁷⁶ foi convidado por um conterrâneo a conhecer e a pintora, que até então desconhecia, e o seu atelier no casarão da Rua São Clemente. O resultado dessa visita rendeu dois artigos, ambos intitulados “Um Trio de Arte” onde fala sobre a experiência de conhecer os três pintores que dividiam o espaço. No primeiro artigo, publicado na revista Ocidente em 1951, falou sobre Ismailovitch e Morel Soutello mencionando que a sra. Maria Margarida merecia um capítulo a parte:

Desta, pela sua condição de Senhora, pela simpatia de sua obra original e por direito sentimental nos deveríamos ocupar primeiro. A sua pintura intelectual, emotiva, espiritual e simbólica, tão religiosa e musical nos temas, nos ritmos e no mistério, é obra de ternura e de sugestões: mas tão sensacional, que, sendo a mais surpreendente, dela cuidaremos com mais delongas⁷⁷

Em 1952, ele finalmente escreve sobre ela, dedicando cinco páginas na mesma revista onde fala sobre a artista desde sua infância em Açores e faz uma longa análise sobre a sua obra. Ao descrever o encontro com a pintora no seu atelier ele comenta:

Maria Margarida apareceu, sorrindo, aliciante e formosa, jovem e elegante, no seu vestido de longas pregas, em veludo preto; com o cabelo em bandos, os olhos agachados em forte sombra, exótica um tanto e de fala doces, quase tímidas, mas contentes, assim a conheci. [...] logo me foram mostrados todos os seus quadros e os do seu Professor [...] interior perturbante era aquele, onde Maria Margarida figurava em todos os perfis e atitudes, destacando-se num retrato em que surgia com traje persa, sentada no chão, sobre tapetes de estrelas, de pernas em cruz, as mãos finas no regaço, a olhar para nós, de frente, tal e qual, bela, cativante e esfíngica. Os seus olhos maliciosos vivem numa moldura profunda.⁷⁸

⁷⁶ Diogo de Macedo (1889-1959) era escultor, museólogo e escritor português. Dirigiu o Museu Nacional de Chiado, em Lisboa, desde 1944 até sua morte.

⁷⁷ MACEDO, 1951.

⁷⁸ MACEDO, 1952.

2.3 Um Trio de Arte

O termo “ Um trio de Arte” usado por Diogo de Macedo para falar sobre o encontro dos três artistas em sua visita ao Rio de Janeiro, nos parece muito adequado para designar esses três personagens que viviam e produziam em harmonia entre as paredes da casa-atelier, até o final de suas vidas. Morel Soutello, marido de Maria Margarida, e o mestre Ismailovitch, tiveram uma participação fundamental na vida da artista, e conhecer um pouco sobre suas trajetórias é imprescindível.

2.3.1 Morel Soutello

Nascido no Rio de Janeiro em 30 de agosto de 1890, filho de Manoel Ferreira Pacheco Soutello (fiel da Tesouraria da Caixa de Amortização, falecido antes de 1909) e de Maria Francisca Bastos Soutello, falecida em Janeiro de 1944⁷⁹. Foi apresentado como “inventor, desenhista, ilustrador e escultor brasileiro, professor no Liceu de Artes e Ofícios, era descendente de família portuguesa, de Trás-os-Montes”.⁸⁰ Tem-se algumas referências sobre sua inserção no meio artístico.

Em 1914, ele participou na seção de escultura da exposição que a Juventas promoveu na Associação dos Empregados Comércio.⁸¹ A entidade, criada em 1910 com a denominação Centro Artístico Juventas, promovia exposições anuais, em que acolhia muitos dos que não tinham sido aceitos do Salão Nacional de Belas Artes. Em 1932, Morel participaria, entre dezenas de artistas plásticos, dentre eles o pintor Henrique Bernardelli e o casal Georgina e Lucílio de Albuquerque, signatários do diploma promovido pela entidade, já então denominada Sociedade Brasileira de Belas Artes, a Antônio Parreiras, em homenagem ao seu jubileu artístico⁸².

A atividade que obteve maior repercussão na imprensa foi sua exposição, de interiores e naturezas mortas, realizada no Palace Hotel, em março de 1948, acompanhado por Batista e Moraes. A mostra foi noticiada pelo *Diário Carioca*⁸³ e pela *Gazeta de Notícias*,⁸⁴ a *Vida doméstica* publicou dois registros fotográficos da inauguração, um com os artistas expositores

⁷⁹ JORNAL DO BRASIL, 14 jan. 1944

⁸⁰ MARIA Margarida, uma grande pintora do Brasil nascida nos Açores *Diário da Manhã*. Lisboa. 04 dez. 1943. n.. 4522, [Álbum de recortes V, p; 6]1

⁸¹ CENTRO Artístico Juventas. *A Ilustração Brasileira*, 16 jun. 1914, p. II

⁸² DIPLOMA da Sociedade Brasileira de Belas Artes, jubileu artístico de Antonio Parreiras. Rede Web de Museus

⁸³ EXPOSIÇÃO Morel Soutello com Jose B. Moraes no Palace Hotel (*Diário Carioca* 24 mar. 1948); Morel Soutello no Palace Hotel (*Diário Carioca* 31 março 1948)

⁸⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS, 18 mar. 1948, p.6; 20 mar. 1948, p.6; 26 mar. 1948, p. 6; 28 mar 1948, p.6

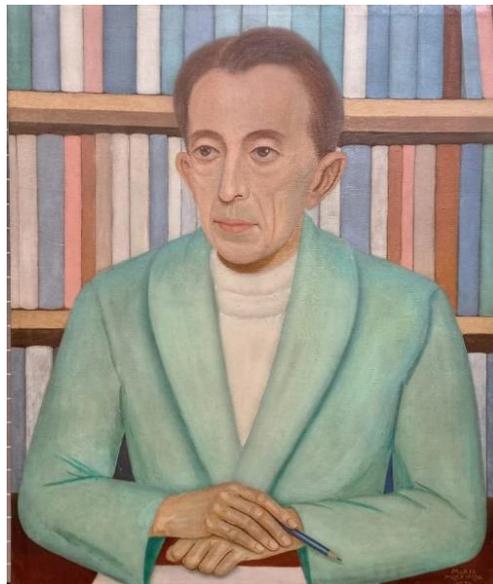
e outro dos convidados da abertura do evento,⁸⁵ e o *Jornal do Comercio* lhe dedicou um extenso comentário na seção “Notas de Arte”⁸⁶. A coluna o apresenta como engenheiro e arquiteto, e associa a sua profissão à predileção por retratar interiores de igrejas das cidades históricas, e ao caráter de estudo e documentação de suas telas. Aluno de Ismailovitch, ele já teria sido premiado no LII São Oficial de Belas Artes, em 1947, e na Exposição de Arte Religiosa, do Ministério da Educação. A exposição prosseguiria no saguão do Liceu de Artes e Ofícios.⁸⁷

Por essa ocasião, em maio de 1948, a *Ilustração Brasileira*, com o título “Chafarizes de Ouro Preto”, um conjunto de desenhos de chafarizes coloniais segundo o seu estilo documental, seguido de comentários elogiosos ao autor, “senhor de uma técnica perfeita, desenhista vigoroso”.

Ele participaria ainda, ao lado de Ismailovitch, Maria Margarida, Georgina de Albuquerque, entre outros, do Salão da Associação dos Artistas Brasileiros.⁸⁸

Morel Soutello faleceu no Rio de Janeiro em 07 de outubro de 1972, na sua residência/atelier onde morava com sua esposa Maria Margarida Soutello e o pintor Ismailovitch no bairro de Botafogo. Eles não tiveram filhos e não deixou herança.

Imagem 5: Maria Margarida
Morel Soutello.,1971
Óleo sobre tela



.Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

⁸⁵ VIDA DOMÉSTICA, abril 1948

⁸⁶ JORNAL DO COMERCIO 17 mar, p.6; 20 mar. p. 6; 21 mar., p. 9; 25 de mar. 1948

⁸⁷ A NOITE, 23 set. 1948, p.5; Jornal do Comercio, 24 set. 1948, p. 7; 30 set.1948, p. 6

⁸⁸ JORNAL DO COMMERCIO, 15 out 1949, p.7.

2.3.2 Dimitri Ismailovitch

Pintor e desenhista, Ismailovitch nasceu em 11 de abril de 1890 na cidade de Satanov, na Ucrânia, que integrava o Império Russo. Filho de Nathalia e Basilio Ismailovitch, a família de tradição militar orientou-o a fazer formação nas armas e de 1900 a 1907 cursou a Escola de Cadetes de Kiev e a seguir fez três anos de Academia Militar, em São Petersburgo.

Em 1911 já era tenente e foi a França participar das Grandes Manobras militares nas quais o Exército Russo servia como um modelo para o mundo. Em Paris trocou as instruções militares pela visita ao Louvre e outros museus onde passava dias inteiros estudando as obras, mas o desinteresse pelas armas já se anunciava no início de sua formação militar quando em sala de aula rabiscava os perfis dos colegas. Quando retornou a São Petersburgo seus conhecimentos militares não haviam evoluído e seus pensamentos se voltavam para os grandes mestres que conhecera de perto nos museus da capital francesa.⁸⁹ Logo estourou a Primeira Guerra Mundial e o jovem Dimitri teve que adiar seu sonho de artista para servir na frente de batalha como metralhador, sendo posteriormente promovido a oficial membro do Estado-Maior do general Brusilov.

Em paralelo fez seus primeiros estudos de pintura com Dimitriev-Kavkazki⁹⁰, Zinovieff e Selesnioff.⁹¹ De 1917 a 1919, em meio ao conturbado momento político que instaurava o regime comunista no seu país, estudou na Academia de Belas Artes da Ucrânia onde estudou com os professores Juk⁹², Buratchek⁹³ e Krychevski⁹⁴ e fez sua primeira exposição individual.⁹⁵ A Revolução Bolchevique mudaria seu destino e em meados de 1919 se beneficiando da influência da sua família, conseguiu fugir do regime indo para Constantinopla na função de diplomata, como pretexto para se exilar.

⁸⁹ SOARES, Afranio Brasil. Ismailovitch: encontrei a paz mas não a satisfação *O Cruzeiro*, 23 jan. 1974.

⁹⁰ O Estúdio-Escola de LE Dmitriev-Kavkazki, em São Peterburgo, consta na formação de vários artistas russos.

⁹¹ Os nomes desses pintores-professores foram relatos por D. Ismailovitch em carta datilografada ao diretor do Museu de Pintura e Escultura, em Bordeaux, França. Devido a ausência de nome completo não foi possível encontrar referências fidedignas. [Álbum de recortes VI, pg. 168 a 170]

⁹² Zhuk, Mykhailo (1883-1964) Pintor, artista gráfico e escritor. Em 1917, Zhuk foi um dos professores fundadores da Academia Estatal de Artes da Ucrânia. Disponível em:

<http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CZ%5CH%5CZhukMykhailo.htm>.

Acesso em: 12 abr. 2022.

⁹³ Burachek, Mykola (1871-1942) Pintor impressionista e pedagogo. Sua primeira exposição foi realizada em 1907. Em 1910-12 trabalhou no estúdio de H. Matisse em Paris. Em 1917-1922 atuou como professor na Academia Estatal de Artes da Ucrânia em Kieve. Disponível em:

<http://www.encyclopediaofukraine.com/pages/B/U/BurachekMykola.htm>. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁹⁴ Fedir Krychevsky (1879-1947). Foi um influente pintor modernista ucraniano. Em 1917, foi um dos fundadores e reitor (de 1920 a 1922) da Academia Estatal de Artes da Ucrânia. Disponível em: <http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkPath=pages\K\R\KrychevskyFedir.htm>. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁹⁵ SCHUBERT, Padre Guilherme. Biografia. 1951. In. Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 2013-2014. Catálogo de exposição A Ceia Brasileira de Ismailovitch. Homenagem ao Aleijadinho.

Completou seus estudos em Istambul, onde viveu por sete anos, dedicando-se às artes bizantina e persa. Influenciado pelo pintor de vanguarda russo Alexis Gritchenko (1883-1977)⁹⁶ fundiu arte bizantina e a arte russa com o modernismo europeu nas suas pinturas a óleo e aquarelas. Permaneceu seis meses nos Estados Unidos depois de ter passado por Londres e Atenas, onde a convite do governo executou vários trabalhos e realizou algumas exposições. Em 1927 chegou ao Brasil e expôs na embaixada norte-americana, tendo seu catálogo prefaciado por Ronald de Carvalho. Fixou residência na capital da república e naturalizou-se brasileiro em 1937 vivendo até o fim de sua vida no Rio de Janeiro onde faleceu em 1976.

Nos seus primeiros anos no país, conheceu Graça Aranha, escritor modernista, que se tornou um grande amigo e o introduziu no meio artístico e intelectual. Participou do Salão Revolucionário de 1931, na Escola Nacional de Belas Artes, e nos anos seguintes, por diversas vezes, do Salão Nacional de Belas Artes, no Rio. Participou do Salão Paulista nos anos de 1939, 1940, 1949 e 1952, e da Exposição no Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York e no Riverside Museum, em 1939. Obteve medalha de prata de Desenho e Artes Gráficas, no XLV Salão Nacional de Belas Artes, em 1939,⁹⁷ e pequena medalha de prata no Salão Paulista de Belas Artes, em 1939.

Seguindo sua tradição de viajante fez exposição individual no Museu de Belas Artes de Bordeaux, em 1948, participou da Exposição Internacional de Arte Sacra, Roma, 1950, outra individual em Hamburgo no Museum für Kunst und Gewerbe, em 1966 e diversas outras em solos internacionais.

No Brasil expôs individualmente no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP) participou da Bienal de São Paulo, do Salão Nacional de Arte Moderna (RJ), em 1966, entre outras. No Rio de Janeiro fez inúmeras exposições no salão da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, entre elas muitas com sua discípula Maria Margarida Soutello.

Em 1936 ilustrou o livro *Mucambos do Nordeste*, de Gilberto Freyre, e entre 1943 e 1947, pintou uma série de estudos etnográficos para o antropólogo de Arthur Ramos que foram publicados nos dois volumes de “Introdução à Antropologia Brasileira”, de sua autoria. Embora pintasse paisagens, tivesse um gosto especial por igrejas e uma obra bem diversificada, retratar o rosto humano era a sua predileção e este foi o gênero que o destacou.

⁹⁶ Alexis Gritchenko (1883-1977) foi um pintor e teórico da arte ucraniano. Dedicou seu trabalho teórico ao tema da arte bizantina e suas ligações com a arte moderna, publicou vários livros e artigos, sendo os mais importantes seus estudos sobre o ícone em relação à arte ocidental, e também participou de discussões contemporâneas sobre diversos aspectos da arte moderna. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Alexis_Gritchenko. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁹⁷ JORNAL DO COMERCIO, 19 set. 1939.

Nos anos que sucederam à 1ª Guerra Mundial, o *The New Times* já o consagrava como um dos três maiores retratistas do mundo. No Brasil, durante cinco décadas conviveu e pintou o retrato das mais ilustres personalidades, entre eles muito amigos, e tornou um dos mais respeitáveis e renomados pintores da época.⁹⁸

Segundo críticos, dentre as várias influências de Ismailovitch podem ser citadas a iconografia russa, a arte bizantina e persa, o cubismo, o *art deco*, as xilogravuras japonesas, a arte mexicana e marajoara. Destacou-se como retratista, embora tenha se dedicado à paisagem, à natureza morta, a documentação da flora, a arte sacra, aos estudos antropológicos e a abstração.

Em 1964, Ismailovitch fez uma exposição na Casa H. Stern apresentando retratos, desenhos e abstrações. O catálogo recebeu prefácio do crítico Antonio Bento que escreveu:

[...] Como retratista, a reputação do expositor é conhecida, desde que se fixou no Brasil. Pode-se mesmo dizer que nesse domínio iria tornar-se o nosso mestre realista por excelência....Não há dúvida que a sua técnica é também das mais sólidas, disso resulta que os seus quadros a óleo, feitos há mais de trinta anos, encontram-se hoje tão bem conservados como no momento em que foram pintados, creio que esse é um dos maiores elogios que podem ser feitos ao pintor, dono de um *métier* dos mais vigorosos, numa época em que tantos pintores modernos ignoram quase totalmente o esplêndido artesanato dos mestres antigos.⁹⁹

As obras de Ismailovitch fazem parte de inúmeras coleções particulares e podem ser vistas no Museu Nacional de Belas Artes (RJ), no Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), no Museu Nacional (RJ), na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu Pushkin, na Bibliothèque Nationale de France, no Harvard Art Museum, dentre outros.

O pintor faleceu no Rio de Janeiro em outubro de 1976, e o poeta Carlos Drummond de Andrade, como amigo fiel, escreveu lhe dedicou homenagem em sua coluna, “Ismailovitch e o Mosteiro”. No texto ele faz referência a crítica de Antonio Bento sobre a exposição na de 1964 na Casa H Stern, referida anteriormente, onde o artista surpreendeu a todos inaugurando uma nova fase apresentando pinturas abstratas. E o poeta escreveu:

Exímio no retrato- e numerosos escritores brasileiros dos últimos 50 anos, que passaram pelo seu pincel "exato e minucioso", como diria Manuel Bandeira, o atestam — Ismailovitch, em sua fase derradeira, trocou a figura realista pela abstração. Um crítico de autoridade, como é Antônio Bento, afirma o caráter original dessa experiência, que se desenvolveu à margem de correntes e tendências abstracionistas da moda. Cada quadro é distinto do

⁹⁸ SOARES, Afranio Brasil. Ismailovitch: encontrei a paz mas não a satisfação. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1974. p. 57,58 e 59

⁹⁹ BENTO, Antonio. Retratos e abstrações de Ismailovitch. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1964- Artes e Letras, p.8

outro, pela variação de soluções plásticas, constituindo o conjunto uma aventura pessoal de sentido muito particular. Dir-se-ia que Ismailovitch brincava tranquilo e consciente, entre formas e problemas, com a segurança de um domador de imagens e a leveza de um bailarino.

E o fez depois de deixar pelos museus e coleções particulares um universo de retratos, naturezas-mortas, estudos antropológicos e milhares de anotações icônicas e paisagísticas de Constantinopla, onde viveu na mocidade.... Faleceu há dias, cercado de silêncio, como o silêncio foi, de resto, um dos elementos nutritivos que contribuíram para a realização de sua obra vasta, plena de modéstia e de consciência profissional.

Sem ruído se foi o mestre, que tinha alguma coisa de muro, de ingênuo mesmo, em sua identificação com a arte, e que, sob a impassibilidade aparente das composições, colocava uma dose imensa de humanidade. Os amigos sabiam disso. À paixão de Ismailovitch era retratar sempre velhas amizades, pelo prazer de retratá-las, oferecendo os quadros a seus modelos diletos.¹⁰⁰

Imagem 6: Dimitri Ismailovitch.

Autorretrato, 1939

Óleo sobre tela



Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

Imagem 7: Ismailovitch e Maria

Margarida com *Professor Agache*, obra da pintora ao fundo.



Fonte: Revista da Semana, 27 out 1945

2.3.3 O atelier – um mosteiro de devoção à arte

A casa em que morava o casal Soutello, se localizava na Rua São Clemente n. 291, próximo ao local onde futuramente seria a sede do Consulado Geral de Portugal e de frente para o Morro Dona Marta. A partir de 1936, convidado pelo casal, o espaço passou a abrigar também o pintor e professor Dimitri Ismailovitch que havia perdido sua mãe e que se encontrava com

¹⁰⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Ismailovitch e o Mosteiro. *Jornal do Brasil*, 21 out 1976, p.5

dificuldades financeiras. O casarão com diversos cômodos, além de moradia se transformou em local de trabalho para os três artistas, cada um em seu atelier: o professor na sala de visitas, Maria Margarida na sala de jantar e Morel Soutello no andar superior.

O espaço era um misto de atelier, museu e depósito, com quadros pendurados em todas as paredes até o teto e dispostos sobre os móveis. O olhar dos visitantes era impactado pela quantidade de pinturas e desenhos que se espalhavam por todos os lugares daquela casa. Numa entrevista da revista *O Cruzeiro* com Ismailovitch, quando este já estava com seus 84 anos, o jornalista descreve esse mundo com que seu olhar se deparou ao entrar naquela casa-museu:

“Os quadros à óleo e os estudos se amontoam desordenadamente. Em todos os recantos, por sobre as poltronas e estantes, nas paredes, seja na sala de visitas, quartos, corredor, escadaria ou sala de jantar – há uma infinidade de quadros. A maioria – retratos.”¹⁰¹.

Em outra ocasião, em uma reportagem sobre Maria Margarida para o jornal *o Globo*, Maria Julieta Drummond, filha do poeta Carlos Drummond de Andrade, descreve o ambiente onde o professor pintava:

Na pequena sala de visitas, 16 quadros grandes pendurados, quase sem separação entre eles, todos representado nas mais diversas atitudes e vestimentas, um modelo único, de rosto alvo e traços marcantes: a própria Maria Margarida.¹⁰²

Impressionada com o cenário dominado por pinturas cuja modelo era a anfitriã, a entrevistadora comentou, “vê-se que Ismailovitch tinha fascinação por você” e a artista prontamente a corrigiu, “ele tinha fascinação pela pintura”.¹⁰³

O artista, museólogo e escritor português, Diogo de Macedo, então diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, conheceu os três artistas em visita ao atelier da São Clemente no início da década de 1950. Esse encontro rendeu dois artigos intitulado *Um Trio de Arte* e publicados na revista *Ocidente*, uma publicação portuguesa, no ano de 1951 sobre Ismailovitch e em 1952 sobre Maria Margarida¹⁰⁴. Ao entrar na moradia segundo ele, a sua sensação foi de adentrar numa casa-museu e casa-laboratório onde três artistas de orientações distintas trabalham comungando num ideal de unidade e em harmonia produzem isolados uns dos outros com obras pessoais independentes, mas irmãos no sonho, “nada tendo a ver a pintura do Mestre com a da discípula, nem a desta com a do marido”¹⁰⁵.

¹⁰¹ SOARES, Afranio Brasil. Ismailovitch: encontrei a paz mas não a satisfação. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1974. p. 57,58 e 59

¹⁰² ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. *O Globo*, 25 set. 1984. Segundo Caderno.

¹⁰³ Idem, 1984, p., 2-3

¹⁰⁴ MACEDO, Diogo de. 1951

¹⁰⁵ MACEDO, 1951.

A casa foi sempre frequentada por artistas, por muitos intelectuais, diplomatas e outras variadas personalidades. O *Trio* promovia encontros animados recebendo amigos e convidados, ocasiões em que aproveitavam para mostrar e vender seus novos trabalhos. Essas reuniões também frequentavam as colunas sociais:

Casa de Artistas – No ambiente exótico, diferente, com as paredes forradas de quadros de alto a baixo, na casa onde trabalham três pintores: Maria Margarida – Morel Soutello – Dimitri Ismailovitch – inúmeras e diferentes personalidades se movimentam. Diplomatas, artistas, figuras do “*Ballet*” russo e da sociedade, industriais, banqueiros, jornalistas, críticos de arte se encontram num convívio simpático. - As conversas variadas entretiveram, durante longas horas, os convidados que, além do sabor da reunião, puderam admirar os mais recentes trabalhos dos três pintores.¹⁰⁶

Em outubro de 1976, na semana do falecimento de Ismailovitch, a pintora concedeu uma entrevista para a jornalista Lena Frias do *Jornal do Brasil*, e esta descreveu o ambiente que encontrou no interior da casa, além da excelente documentação do fotógrafo Carlos Mesquita. Nas telas do professor que preenchiam as paredes encontravam-se os retratos de muitos personagens que eram visitantes assíduos da casa, e uma em especial reunia os ainda jovens Villa-Lobos, Manuel Bandeira, Luis Jardim, José Lins do Rego, Gilberto Freire e o próprio pintor, todos ladeando Maria Margarida.¹⁰⁷ No seu tour pelos cômodos ela foi analisando e descrevendo o que viu por todos os cantos:

Em Morel, o clima da escola clássica, as perspectivas perfeitas, em Maria, um sentido de permanente participação, os objetos inanimados, nas suas naturezas mortas tem qualquer coisa de animados, dão a sensação de terem sido tocados, até de serem finitos: as intenções da pintora têm algo de provocador – cristos negros, anjos mulatos, sua branca de neve é negra, usa roupa branca e traz nas mãos uma máscara de carnaval. De repente os quadros tomam uma outra e inesperada direção: esbatidos, tons pastel, “Debussy. Sempre achei que se Debussy pintasse, seria assim. Por isso essa série tem esse nome: Debussy”. Os quadros de Maria tem muito de inesperado, uma, às vezes, desconcertante pulsação de vida, quando não uma velada ironia.¹⁰⁸

Um dos intelectuais visitante assíduo da casa desde 1937, era o poeta Carlos Drummond de Andrade. Muito amigo do *trio*, mantinha com Maria Margarida um contato muito próximo e costumavam se falar por telefone com muita frequência.¹⁰⁹ A artista havia ficado viúva em 1972 e quando Ismailovitch faleceu ela passou a ficar sozinha no enorme casarão. Diante dessa

¹⁰⁶ O JORNAL, 14 jul. 1946, p. 2

¹⁰⁷ FRIAS, Lena. Maria Margarida alfinetando os homens e as paisagens. *Jornal do Brasil*. 24 out. 1976, p. 5

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ O *Inventário Drummond* contém cartas de ambos e uma poesia que fez para a artista e publicada no blog Biblioteca de Manoel Motta. Maria Margarida, o poeta e a pintora. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20101011132235/http://www.manoelmotta.com.br/arte/literatura/maria-margarida>. Acesso em: 19 nov. 2020.

nova perda o poeta escreveu um texto intitulado “Ismailovitch e o Mosteiro” que foi publicado no *Jornal do Brasil* e onde fala sobre a casa e seus moradores:

Quem foi recebido uma vez naquela velha casa da Rua São Clemente, de janelas cerradas e lâmpadas acesas no dia claro, com a série de madonas a recobrir paredes de alto pé-direito e a rebrilhar no ouro das auréolas e dos fundos bizantinos, nunca se esquecerá do ambiente e de seus moradores, como que desligados de qualquer cuidado secular e imergidos para sempre numa atmosfera mística de arte convertida em religião.[...]Ali encontravam os fiéis – pois a casa tinha fiéis, que podiam cultivar gostos e ideias diferentes, mas se uniam na afeição dos moradores –um casal de artistas portugueses e um pintor ucraniano, indiferentes à trama de rivalidade e mexericos, que costuma envolver a práticas das artes. O trabalho absorvia-os, sem a preocupação de fazer dele escada para sucesso material ou mundano. Não estavam na crista da onda publicitária, mas em penumbra que não impedia fossem conhecidos e admirados tanto na Europa como nos Estados Unidos. Assim viveram e criaram, por muitos anos, o casal Morel Soutello e o professor Dimitri Ismailovitch, iniciador, em pintura, de Maria Margarida Soutello, a “madona” de tranças pretas que ele fixou em tantos quadros dos quais não pretendia separar-se, como costumam fazer certos artistas. ... Falecido Morel, Maria Margarida e Ismailovitch continuaram a cumprir, em quase silêncio, com algo de monacal, o destino que se traçaram, de devotamento integral à pintura. Para ela, a noite é dia: lê pinta nas horas em que estão dormindo os artistas, os modelos e as cosias, e uma claridade de sonho lucido parece banhar suas telas de misticismo longamente absorvido na meditação e nos estudos filosóficos – misticismo que não exclui a técnica rigorosa, haurida do seu mestre.¹¹⁰

O poeta segue falando do amigo, da sua vida estrangeira, de suas habilidades e características da sua pintura, e continua:

A paixão de Ismailovitch era retratar sempre velhas amizades, pelo prazer de retratá-las, oferecendo os quadros a seus modelos diletos. A um, depois de fixá-lo sob diferentes maneiras, ele cismou de ver dentro de um hábito de monge;

- Você está ganhando cada dia mais a cara de monge. Quero fazer seu retrato vestido de monge.

- Monge, eu? Longe disto. Você sim, você é o perfeito monge, de um mosteiro que fica na terra por engano.

Agora, Maria Margarida está sozinha no mosteiro.¹¹¹ “

¹¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Ismailovitch e o Mosteiro. *Jornal do Brasil*, 21 out 1976.

¹¹¹ Idem.

Imagem 8: Maria Margarida Soutello em sua casa-atelier.
Foto: Carlos Mesquita



Fonte: Cpdoc JB 22 out1976

Imagem 9: O Mosteiro (Casa-atelier dos artistas Maria Margarida, Morel Soutello e Ismailovitch)
Foto: Carlos Mesquita



Fonte: Cpdoc JB 22out1976

Imagem 10: O Mosteiro (Casa-atelier dos artistas Maria Margarida, Morel Soutello e Ismailovitch)
Foto: Carlos Mesquita



Fonte: Cpdoc JB 22out1976

O mosteiro era um espaço também de compartilhamento de ideias, e a criação de uma memória de suas práticas artísticas fazia parte do cotidiano, com a organização de álbuns de recortes. Ismailovitch já tinha uma prática anterior de coleta de notícias sobre a sua atuação e assim produziu 8 (oito) álbuns¹¹² reunindo e documentado o que se escreveu sobre ele na imprensa mundial ao longo de sua carreira artística. Os recortes são escritos em mais de 20 línguas, com predomínio do russo, inglês e português. Além dessas três línguas, Ismailovitch falava ucraniano, o turco, o grego, o francês, o espanhol e o italiano.¹¹³

Por sua vez, Maria Margarida produziu 3(três) álbuns de recortes¹¹⁴, com as mesmas dimensões do conjunto anterior e que também integram o acervo. O primeiro abrange o período de 1933 até 1939, o segundo abrange o período de 1941 até 1946, e o terceiro inicia em setembro de 1946 e vai até os anos 1980.

Nos álbuns de ambos os artistas encontramos recortes de editoriais impressos diversos coletados pela *Lux Jornal Recortes do Rio de Janeiro*¹¹⁵. A partir de 1935 pode se encontrar o clipping da Lux Jornal nos álbuns de ambos os artistas.

Além de registrar a sua trajetória, os álbuns do pintor russo também apresentam muitos artigos que contemplam informações de Maria Margarida, uma vez que ao longo de muitos anos fizeram diversas exposições juntos.

O período que vai dos anos 1930 aos anos 1970, a época mais fecunda de produção artística no “mosteiro” está coberta pelos álbuns de recortes. Neles estão documentados os principais anos de carreira na pintura, vida social, recortes de interesse particular, programas de suas exposições, algumas cartas, telegramas e convites recebidos, entre outros.

Os álbuns apresentam certa sequência cronológica, no entanto em alguns momentos, recebem inserções que fogem à regra, principalmente no último álbum de Maria Margarida. Uma possível explicação pode ser observada na fotografia de Margarida, com pacote com centenas de recortes que ainda não haviam sido classificados e colados, que ilustra entrevista cedida por ocasião da morte Ismailovitch.

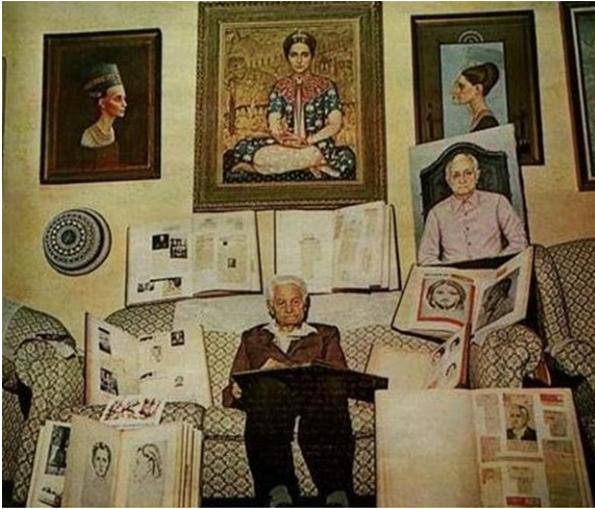
¹¹² O conjunto de álbuns foi adquirido em uma única transação pelo colecionador Eduardo M Cavalcanti através de um comerciante de arte. Os álbuns medem 40 x 60 cm e têm mais de 80 páginas.

¹¹³ O CRUZEIRO.23 jan, 1974, p.57,58 e 59

¹¹⁴ TOVAR, Beatriz. Mulheres Portuguesas no Brasil,1966.

¹¹⁵ A empresa é pioneira de clipping no Brasil desde 1928. Disponível em: <http://luxjornal.com.br/sobre/>. Acesso em: 03. jan. 2021

Imagem 11: Ismailovitch com seus 8 Álbuns de recortes



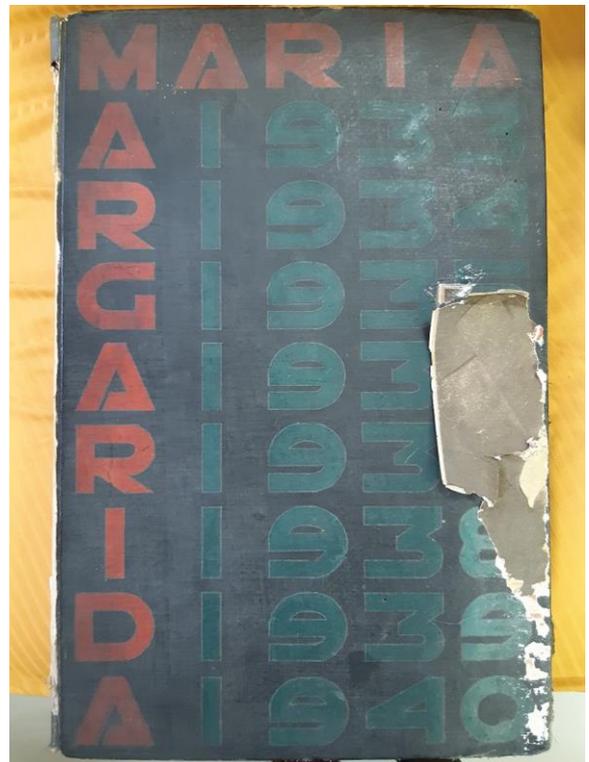
Fonte: O Cruzeiro, 23 jan. 1974

Imagem 12: Maria Margarida com seus Álbuns de recortes.



Fonte: Jornal do Brasil, 22 out.1976

Imagem 13: Capa do primeiro Álbum de recortes de Maria Margarida. Coleção Mendes Cavalcanti.



Fonte. Foto da autora

3 O PERCURSO ARTÍSTICO DA PINTORA

A partir de janeiro de 1933, Maria Margarida passou a estudar pintura com o “Professor” Ismailovitch que assim o chamou até o final da vida. Além de se tornar sua aluna, ela continuou sendo sua modelo e foi retratada por ele como “Princesa Persa”, “Madona Bizantina”, “Nefertiti” e se transformou em várias outras para os pincéis do mestre.

Em entrevista a Maria Julieta Drummond de Andrade, Maria Margarida afirmou:

Minha vocação devia estar escondida, pois a criatura humana nunca chega a descobrir seus próprios mistérios. Às vezes penso que os acontecimentos estão no tempo, como os objetos no espaço. Em tudo há 50 por cento de possibilidades de um lado e 50 do outro. Se a gente acredita no que pretende fazer, passa a ter 51 por cento. Eu nunca tinha visto ninguém pintar, porque quando pousava para o Professor, o cavalete me impedia de observá-lo direito. Apesar disso criei coragem e fiz uma natureza morta, a primeira da série “D’après Debussy¹¹⁶” e não parei mais.¹¹⁷

Em setembro de 1933, ela expôs pela primeira vez no Palace Hotel, participando da exposição GIM- Gagarin, Ismailovitch e Makurin junto com Beatriz Bomilcar outra discípula do seu professor. Depois dessa estreia Maria Margarida ficou em evidência, recebendo elogios e conquistando espaço na mídia impressa. Em 1935 obtém “Menção Honrosa” no Salão Nacional de Belas Artes, com a obra “Chez Sonia”.

Em 1939 já figurava ao lado do mestre integrando a representação brasileira na Exposição Internacional de Nova York, onde obteve um Diploma de Honra e uma ótima crítica do renomado historiador Robert Smith. A artista participou e foi premiada em outras exposições coletivas: Medalha de Bronze no Salão Nacional de Belas Artes e no Salão Paulista, Medalha de Prata no Salão de Porto Alegre.

Realizou inúmeras exposições, juntamente com Dimitry Ismailovitch, no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Poços de Caldas e Porto Alegre.

Maria Margarida gostava da vida social, era uma mulher culta que encantava por sua inteligência, o que lhe rendia muitos convites para frequentar assiduamente os salões de diplomatas, que sempre a admiraram e adquiriram suas pinturas. A artista possui obras em coleções no Japão, Itália, Polônia, Estados Unidos, Indonésia, Açores, França e no Brasil no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, Museu Villa Lobos, na Coleção H. Stern, Col. Marcos

¹¹⁶ Aqui houve um erro da matéria ou um engano da artista. A série que Maria Margarida fez no início da sua carreira foi D’après Dostoiewski, que começou com a obra “Chez Raskolnikov”. Da série D’après Debussy consta obras a parti dos anos 1940 (ver foto FCG- Espólio de Digo de Macedo)

¹¹⁷ ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 set. 1984. Segundo Caderno.

Carneiro de Mendonça, Col. Arthur Martins Sampaio, Col. Celso da Fonseca, Col. Chagas Freitas, entre outras.

Circulava entre os artistas e intelectuais contemporâneos, a convite de Villa-Lobos participou com Di Cavalcanti e Ismailovitch, da ornamentação do bloco carnavalesco Sôdade do Cordão criado pelo músico em 1940, rememorando os antigos carnavais. Era amiga de Carlos Drummond de Andrade com o qual conversava diariamente por telefone e foi numa destas ligações em 1951 que o poeta lhe recitou um poema feito para ela e ainda inédito. Em 1969 ao lado de Roberto Burle Marx, Iberê Camargo, Celso Kelly e Adonias Filho participou da comissão julgadora que num concurso escolheu a marca símbolo do Banco do Brasil.

Para além das influências do professor, a artista desenvolveu uma linguagem singular que não se limitou ao olhar figurativo da representação. Sua obra é permeada por uma aura mística, simbólica e psicorrealista, fugindo das categorias convencionais do “acadêmico” e “moderno”. Abordou temáticas variadas, mas com forte inclinação ao drama social que a inquietava muito.

Em 1984, Maria Margarida foi entrevistada por Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do poeta, com publicação no Jornal O Globo. Aos 83 anos ela afirmou que ainda trabalhava e vivia da venda de quadros que lhe encomendavam.

No final de 1994 ela recebeu uma ação de despejo do imóvel onde viveu e trabalhou quase a vida inteira. Ao seu socorro veio a Sra. Maria Aparecida Mattos, sua melhor amiga que lhe proporcionou um apartamento e uma empregada. Em meados de 1995 muda-se então para a Av. Rui Barbosa, n. 40 ap. 101, no Flamengo e ali ela vive até seu falecimento em 01 de dezembro de 1996.

A trajetória de Maria Margarida se estendeu por quase 50 anos, entre sua estreia, em 1933, e sua última exposição, em 1982. O período é marcado pelo crescente interesse pela “discípula” de Ismailovitch”, que conquista espaço próprio e original no cenário artístico Brasileiros. Ela foi premiada com Medalha de Bronze no 46º Salão Nacional de Belas Artes (1940), Medalha de Bronze do Salão Paulista (1940), e Medalha de Prata, pelo 2º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1940) e pelo 8º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1958).

A primeira apresentação pública de Maria Margarida foi em 1933, na Exposição G.I.M., promovida pela Associação de Artistas Brasileiros (A.A.B.), inaugurada a 4 de setembro no salão do Palace Hotel. A mostra reunia obras de três experientes artistas, Gagarin, Dimitri Ismailovitch, e Makurin, e de duas alunas de Ismailovitch, Margarida e Beatriz Bomilcar. Segundo folheto da mostra, ela apresentou sete obras – *D'après Dostoiewsky, Bule e maçã, Le*

renard et la cigogne (Fabula de La Fontaine), *L'ane et le chien* (Fabula de La Fontaine), *Paisagem Brasileira, Paisagem Africana e Paisagem Russa*¹¹⁸. A reportagem sobre a exposição em *A nação*, de Fernando Guerra Duval, foi receptiva às estreatas: “Tanto uma como outra demonstraram possuir dons artísticos inatos, apenas avivados pelo ensino recente, e certa originalidade de visão que se há de afirmar vigorosamente com o amadurecimento do trabalho”.¹¹⁹ E comenta alguns dos trabalhos de Margarida:

D. Margarida Soutello, para a interpretação de duas fábulas de Lafontaine (sic), serve-se de brinquedos e os dispõe de modo equilibrado. Seus conhecimentos técnicos já lhe permitem dar a sensação exata da matéria, sem cair na infantilidade do “trompe-l’oeil”.

No quadro *D’après Dostoiewsky* (sic), resolveu difícil problema de técnica na tradução de diferentes tons brancos: o do fundo, o da caneca e o da vela, pondo cada um em seu lugar e dando a cada um a matéria própria ao objeto. Suas três paisagens, compostas com brinquedos de papelão e madeira feitos especialmente para realizar a síntese imaginada para ser pintada, denotam interessante sentimento decorativo.¹²⁰

Ao apresentar as obras de Ismailovitch, Guerra Duval não deixou de observar os três quadros que têm Margarida como modelo – *Emanação Egypcia, Faiança Persa, Ambiente Russo*:

O sr. Ismailovitch, que é um pintor senhor de todos os recursos da técnica, e que deles abusa muitas vezes pelo prazer da virtuosidade, apresenta uma espécie de figura feminina que lhe serviu de modelo, pois a ambiência dos três quadros, fragmentada pela separação no tempo e no espaço, trabalha a unidade. Um dos painéis sobressai triunfalmente: *Faiança Persa*. Só este bastava para dar renome ao pintor e perpetuar a beleza da modelo. E obra que se impe pela sinceridade do sentimento e honestidade da execução.¹²¹

Ainda naquele ano, a A.A.B promoveu o Salão de Natal, no Palace Hotel, onde Maria Margarida expõe *Desastre, Teatro de Brinquedo, e Sonho Natal*. A participação que mereceu destaque de *O Radical* que, além de publicar fotografias das duas últimas obras, comentou:

Margarida de Lima Soutello fez filosofia quando urdiu o *Sonho de Natal*. Há transcendência nesse quadro. Metafísica, a desproporção entre o boneco e Papai Noel. Ambiente bem idealizado. Técnica: a sombra do boneco. Grandeza: o muro que separa as duas figuras. Psicologia: os olhos do boneco.¹²²

¹¹⁸ ASSOCIAÇÃO ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição G.I.M. (Gagarin, Ismailovitch, Makurin), 1933. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes, X, p. 4 a 6].

¹¹⁹ DUVAL, F. Guerra. O movimento artístico no Rio de Janeiro. Exposição G.I.M. *A nação*, no. 204, 8 set. 1933, p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/120200/2972> . Acesso em: 03. jan. 2021.

¹²⁰ DUVAL, F. Guerra. O movimento artístico no Rio de Janeiro. Exposição G.I.M. *A nação*, no. 204, 8 set. 1933, p.12.

¹²¹ DUVAL, F. Guerra. O movimento artístico no Rio de Janeiro. Exposição G.I.M. *A nação*, no. 204, 8 set. 1933, p.12.

¹²² 1º SALÃO DE NATAL! A original iniciativa da Associação de Artistas Brasileiro através da obra de seus expositores de maior personalidade. *O Radical*. 31 dez. 1933. [Álbum de recortes, X, p. 11]

Em 1934, foi realizado, em maio, o VI Salão da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel.¹²³ Participaram 46 pintores e 2 escultores, cuja admissão foi livre para os interessados, sem qualquer júri de seleção ou premiação. O jornalista da *A Nação*, comentou sobre a participação de Margarida:

Chez Sonia (n. 54) de Margarida Soutello é muito mais do que uma simples ilustração para Dostoiewsky. É uma pintura completa, minuciosamente estudada, com a matéria própria a cada objeto. Os diferentes matizes dos brancos da cera da vela, do esmalte do castiçal e da caiacção do muro estão representados realisticamente. Assim também o velho tapete persa, já esfarrapado, que cobre parte do muro ao fundo. Entretanto, apesar da representação quase em “trompe d’oeil”, há um sopro de espiritualidade que dá vida e alma a obra e a coloca muito acima de uma vulgar reprodução de coisas. A sra. Soutello é uma artista bastante original. O que lhe pediríamos do agora em diante é mais largueza na execução, que ainda se ressentia da influência do professor, influencia que lhe foi benéfica dando-lhe, pela disciplina do estudo, as bases necessárias a uma obra individual solida.¹²⁴

Ainda em 1934, ela participou de exposição promovida pelo 4º. Congresso Teosófico Sul Americano, realizado de 15 a 21 de junho de 1934, na Escola de Belas Artes, que reuniu um amplo panorama de artistas, “de todos gêneros de arte”, como Georgina de Albuquerque, Osvaldo Teixeira, Manuel Santiago, Orlando Teruz, entre outros.¹²⁵

As obras de Margarida inspirada no romancista russo foram tema de artigo em número de setembro da *Revista da Semana*, “A mulher que pintou a alma de Dostoievski”, da prestigiada jornalista Magdala da Gama Oliveira, que comentou a aproximação da pintora com a cultura russa, sua música e literatura; a matéria foi ilustrada com *O chá de Makar Alexievitch*,¹²⁶ *Chez Sonia*¹²⁷, *O violino de Efimov*¹²⁸ e *Chez Raskolnikoff*.¹²⁹ Também *Fru-fru* dedicou, em outubro, matéria de duas páginas sobre a produção de Maria Margarida,¹³⁰ comentando sua técnica, sensibilidade e originalidade artísticas, ilustrada com imagens de oito obras.¹³¹

¹²³ JORNAL DO COMMERCIO, 13 maio 1934, p.17. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pesq=%22sal%C3%A3o%20dos%20artistas%20brasileiros%22&pagfis=29580. Acesso em: 03. jan. 2021.

¹²⁴ GUERRA DUVAL, F. VI Salão da Associação dos Artistas Brasileiros, Movimento Artístico Brasileiro. *A Nação*, 18 maio 1934. [Álbum de recortes, X, p. 14]

¹²⁵ 4º. CONGRESSO Teosófico Sul Americano, *Jornal do Brasil*. n. 140, 14 de junho de 1934, p. 23. http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/44139

¹²⁶ Personagem de *Gente Pobre*, romance de estreia do escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821- 1881).

¹²⁷ Personagens de *Crime e Castigo*, do escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821- 1881)

¹²⁸ Personagem de *Niétotchka Nezvanova* do escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821- 1881)

¹²⁹ OLIVEIRA, Magdala da Gama. A mulher que pintou a alma de Dostoievski. *Revista da Semana*, n. 041, 22 set. 1934. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/10840. Acesso em: 03. jan. 2021.

¹³⁰ FRU-FRU. O maravilhoso mundo emotivo de d. Maria Margarida de Lima Soutello. Outubro, 1934, p. 52-53

¹³¹ *D’après Dostoyewsky (Violino de Efimov)*, *Lixo, Desastre* (do livro “Rabiscos” de Magdala da Gama Oliveira), *Casa mal-assombrada*, *Templos*, *Fábula de Kyrlov (russo)*, *D’après Dostoyewsky (Chez Sonia)*.

Poucos meses depois, em novembro, a A.A.B. promoveu o Salão Ismailovitch, no Palace Hotel. Além do professor, com 132 trabalhos, participaram cinco de seus alunos – Maria Margarida Soutello, com 17 obras, Maria Alice Costa Azevedo, com 5, Margarida Maria Costa Azevedo, com 8, Maria Emília Chaves Lopes, com 29 e Morel Soutello, com 13¹³². Zenaide Andrea, na *Gazeta de Notícias*, em artigo ilustrado com *Lutador, conde Carol Nowina*, de Ismailovitch e *O violino de Efimoff* e *Natureza Morta*, de Margarida, comentou a participação da artista:

Do grupo de suas discípulas, destaca-se Maria Margarida de Lima Soutello – uma sensibilidade rara numa bonita moça açoriana, de máscara tão singular que todos os artistas a querem por modelo.

Margarida já passou do período de iniciação. É uma grande pintora.

Um tanto mística, amando o lado subjetivo da existência e a parte anedótica de seu objetivo, ela sofre uma forte influência da Rússia de antes de 1917.

Dostoiewsky é o seu melhor licor intelectual. Assim estimulada, investe pelo seu arquivo de dores e de preces, indo até a intimidade de seus heróis, devassando os segredos do ambiente de “Sonia” de Raskolnikoff, olhando para dentro da alma de Efimoff e das cordas partidas de um violino, provendo o chá de Makar Alexeievitch piedosamente identificada com os seus desejos e renúncias amargas. Que intenso poder de evocação! E que artista sutil...¹³³

Em 1935, Margarida participou do 41º Salão Nacional de Belas Artes, quando recebeu, juntamente com dez outros artistas, menção honrosa por *Chez Sonia*.¹³⁴ Contudo, foi *Domingo na Favela* que recebeu entusiasmado comentário de crítico de *Fon-Fon*.

Não o entendemos assim porque de fato o Salão de 1935 nos deixou uma impressão maravilhosa, através de um só, de um único quadro que olhamos e vimos, sem nenhum propósito de o olhar e ver. Quando mesmo nos chamou a atenção não era um quadro, mas um móvel tosco pendurado escandalosamente no meio das telas. Íamos perguntar a um dos guardas porque estava ali aquele monstro. Só então, ao toca-lo, verificamos que não era um móvel tosco, mas um verdadeiro quadro, que nos tinha iludido não metaforicamente, mas realmente iludido. A moringa, o candeeiro, a prateleira coberta de papel verde recortado, a folhinha, tudo aquilo que tomamos como objetos reais, era pintura, era o quadro *Domingo na Favela*, da sra. Margarida Soutello. Não nos lembramos de ter tido numa idêntica impressão. Certo já nos dera emoção semelhante, quadros de Dimitri Ismailovitch, de Hans Nobauer e da própria Margarida Soutello, só a tivemos depois de alguns instantes, depois que pelo tacto retificamos a sensação visual. Se é certo o que nos conta a Antologia Grega a propósito do poder imitativo de Zêuxis e Parrhasios – Zêuxis enganava os pássaros e Parrhasios ao próprio Zêuxis – o quadro maravilhoso

¹³² D’ALVA, Oscar. Notas de Arte. *Fon-fon*, 15 dez. 1934, p. 51 a 54. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/86933>. Acesso em: 03. jan. 2021.

¹³³ ANDREA, Zenaide. Bellas Artes, Ismailovitch sua pintura essencial e sua escola no Brasil, 9 dez. 1934. [Álbum de recortes, X, p. 23]

¹³⁴ EXCELSIOR. Ed. 094. Bellas Artes. O Salão de 1935. Outubro 1935, p. 723. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169072&pasta=ano%20193&pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=8461>. Acesso em: 03. jan. 2021.

de Margarida Soutello podia ser assignado por qualquer das duas sumidades da pintura grega... Bravo, bravíssimo à excepcional pintora!¹³⁵

Nesse ano, a exposição do grupo de Ismailovitch no Palace Hotel aconteceu de 24 de setembro a 5 de outubro. Ismailovitch apresentou 61 obras, entre retratos, naturezas mortas e paisagens, e teve a participação de William Wright, com 3 obras, Gaby Karaburdji, com 5 obras, e Maria Margarida Soutello, 9 obras – *Madona negra, Natureza Morta, Estudo do nu, Circo, Garrafas, Sonho de Natal, Bairro Moderno, Painel decorativo português e Na cella de Alliocha Karamazov (D'après Dostoïwsky n.º. 5)*¹³⁶

Falta-nos espaço para prosseguir no estudo de outras telas de Ismailovitch, pois não podemos deixar de dizer algo sobre d. Margarida Soutello, que já se mostra muito mais que uma discípula. Seu talento individual, que é evidente em alguns trabalhos, apaga-se naqueles em que pinta motivos semelhantes aos preferidos por seu mestre, por causa da identidade da técnica, e influência do sentimento escolástico que abafam sua personalidade original.

Das nove pinturas que exhibe, algumas já vista no próprio salão da A. A. B. uma há que se destaca como obra de raro mérito pelo sentimento que anima e pelas dificuldades técnicas galhardamente vencidas. Tem o no. 75 e o título: Na cela de Alliocha Karamazw. Ilustra episódio de um romance e Dostoiewsky.

Encontramos aqui a simplicidade eloquente do assunto, de fatura e de expressão que é o apanágio das verdadeiras obras de arte, porque a beleza e riqueza intrínsecas às coisas representadas, em nada concorrem para a significação artística de um trabalho de arte plástica. O que importa é a beleza da interpretação e a riqueza da sensibilidade do artista. Para impressionar com a formosura de um rosto ou de um corpo de linhas harmoniosas, que têm em si mesmos elementos de atração difíceis de separar dos que lhes dá a representação plástica, pouco precisa, o pintor. Mas é necessário talento para impressionar com composições em que entram apenas elementos banais da vida quotidiana dos pobres. Neste quadro, nada mais há do que um muro caído de branco onde se cava uma espécie de nicho que recebe uma vela branca, posta num castiçal branco. À direita e ao lato, uma imagem religiosa. Quase ao centro, uma toalha branca dependurada a um prego que não se vê. E é tudo. Mas quanta poesia evocativa nesta singeleza que se sente animada pela presença invisível de alguém, que nossa imaginação cria e ama! Como nestes cinzentos palidamente matizados com infinita delicadeza, percebe-se que a pintora é uma colorista inata! Que segurança de pincel para conseguir diferenciar a matéria de cada objeto.¹³⁷

¹³⁵ D'ALVA, Oscar. Notas de Arte *Fon-fon* ed. 0039, 23 set. 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20Soutello&pagfis=89656>. Acesso em: 03. jan. 2021.

¹³⁶ ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição do Grupo Ismailovitch. [S. l.: s.n.], 24 set. /5 out. 1935. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes X, p. 31].

¹³⁷ GUERRA DUVAL, F. O Movimento Artístico. Ismailovitch e seu grupo. Gazeta de Notícias, 29 set. 1935 [Álbum de recortes II, p. 15].

Margarida não participou da Exposição Ismailovitch de 1936,¹³⁸ mas integrou, no ano seguinte, em 1937, a mostra Primeira Exposição Paulista de Pintura que, através da Sociedade de Cultura Artística, foi apresentada em Fortaleza,¹³⁹ expondo artistas ligados aos núcleos artísticos operários paulistas, principalmente do grupo Santa Helena.¹⁴⁰ E da exposição da A.A.B. no Palace Hotel, em junho de 1937, com *Chez Sonia, Circo, Obatalá*, um Cristo negro,¹⁴¹ e *Domingo na favela*, que seria uma das obras adquiridas pelo presidente Getúlio Vargas em sua visita à mostra.¹⁴² O episódio provocou o artigo “Uma artista vitoriosa”, na edição de julho de *O malho*, que a apontou como “uma personalidade artística original”, e comentou a venda de três de seus quadros expostos, o adquirido pelo presidente e dois pelo ator Procópio Ferreira.¹⁴³ Em setembro, ela participou da Exposição Ismailovitch, no Palace Hotel, e da 43ª. Exposição Nacional de Belas Artes, que reuniu 314 trabalhos; e teve sua presença assinalada, junto a Sarah Villela, Pedro Bruno e Cadmo Fausto, por artigo no *Carioca*,¹⁴⁴ em novembro, Margarida integrou o Salão de Aquarelas, da A.A.B. no Palace Hotel.¹⁴⁵

Em 1938, Maria Margarida organizou o Salão Anual de Artes Plásticas e Aplicadas, no Liceu Literário Português, promovido pelo Club das Victórias Régias, coletivo feminino de artista, do qual é uma das fundadoras.¹⁴⁶ Participou da Exposição Maria Margarida – Ismailovitch,¹⁴⁷ no Palace Hotel, com *Mestre Obatalá, Armas, Arte chinesa e Marionettes*

¹³⁸ CASTRO, Branca de. Impressões de Arte. Exposição de pintura do professor. D. Ismailovitch. *Diário de Notícias*. N. 2918, 21 jun. 1936, p. 18. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/27405. Acesso em: 03. jan. 2021.

¹³⁹ LIMA, Roberto Galvão. A Escola Invisível: Artes Plásticas em Fortaleza 1928 – 1958.

Fortaleza: Quadricolor Editora, 2008.p.74 apud SILVA, Anderson de Sousa. O Salão de Abril em dois momentos: Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e Prefeitura Municipal de Fortaleza (1944 – 1970). Dissertação PPG História Social/UFC, 2015. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14517/1/2015_dis_assilva.pdf. Acesso em: 06 jan. 2021.

¹⁴⁰ LIMA, Roberto Galvão. A Escola Invisível: Artes Plásticas em Fortaleza 1928 – 1958.

Fortaleza: Quadricolor Editora, 2008.p.74 apud SILVA, Anderson de Sousa. O Salão de Abril em dois momentos: Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e Prefeitura Municipal de Fortaleza (1944 – 1970). Dissertação PPG História Social/UFC, 2015. Disponível em:

< http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14517/1/2015_dis_assilva.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021

¹⁴¹ DIÁRIO CARIOCA, O Salão dos Artistas Brasileiros, 5 jun. 1937 [Álbum de recortes X, p. 44].

¹⁴² As outras obras adquiridas eram de Ismailovitch, Lucílio de Albuquerque e Boscagli. VIDA DOMESTICA, n. 233, agosto de 1937, p.60. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830305/26268>. Acesso em: 03 jan. 2021.

¹⁴³ RIBEIRO, Iveta. Uma artista vitoriosa. *O malho*, ano 36, 22 jul 1937, p. 22. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/87925>. Acesso em: 08 jan. 2021

¹⁴⁴ CARIOCA, ed. 101, O “Salão de 1937”: Inovações e modernismos, 25 set. 1937, p. 33. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830259/6195>. Acesso em: 08 jan. 2021

¹⁴⁵ Também expõem Ismailovitch, Georgina de Albuquerque, Moacyr Alves, entre outros. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, n. 3615, 12 dez. 1937, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/33763. Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁴⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS. 27 de agosto de 1938.p.8. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=17933. Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁴⁷ JORNAL DO COMMERCIO. 28 de outubro de 1938. p.3. Disponível em:

turcas;¹⁴⁸ e do 44º Salão Nacional de Belas Artes, cuja presença mereceu destaque do *Carioca*, “Maria Margarida comparece ao Salão com uma de suas melhores telas: *Vida Nova*, muito sugestiva e excepcionalmente rica em brancos”,¹⁴⁹ e do Salão de Natal, da A.A.B.¹⁵⁰

Em 1939, ela foi um dos 35 artistas brasileiros convidados para a grande mostra de artistas latino-americanos apresentada no Riverside Museum, “Latin American Exhibition of Fine and Applied Art”¹⁵¹ por ocasião da Feira Mundial de Nova York. A representação brasileira teria sido organizada pela A.A.B. Ao comentar a exposição, o professor Robert C. Smith, especializado na arte colonial brasileira, assinala que a seleção representava uma perspectiva mais conversadora do que moderna¹⁵², e observa o quadro de Margarida.

Que imagem é o lindamente pintado “Sombras da vida” de Maria Margarida. Trata-se de uma natureza-morta com dois colarinhos, um varal e um ferro repousando sobre um pequeno tijolo. A uniformidade das paredes brancas e da toalha de mesa acentua a delicadeza das sombras azuis dos colarinhos recém-lavados, a textura e a coloração do prendedor de roupa e do tijolo, e a minuciosamente estudada fibra da alça de madeira do ferro de passar. A frescura e a nitidez da técnica remontam aos pintores de natureza-morta do norte da Europa do século XVII, em uma tradição já estabelecida na França por Philippe Roy e Salvador Dalí. Faz parte do novo naturalismo que vinte anos atrás começou a tomar o lugar da pintura impressionista até em círculos acadêmicos, mas sem as ideologias especiais que geralmente acompanham a mudança. Maria Margarida não é uma cubista tardia, ou uma surrealista, ou uma militante regionalista como Grant Wood. A atitude dela é tão direta quanto as dos mestres holandeses do século dezessete, inabalável em seu desejo de gravar acuradamente o que o pintor observou. No entanto, o padrão linear dos objetos e suas sombras, bem como o gosto geral do arranjo, proporcionam uma leveza e delicadeza que mantêm o conjunto unido.¹⁵³

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=56830. Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁴⁸ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 12 out. 1938, p. 9. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20de%20lima%20Soutello&pagfis=37618. Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁴⁹ KAUFFMANN, Henri. “Impressões do Salão de 1938” *Carioca*. Ed. 00166. 24 dez. 1938, p.13, 61.

¹⁵⁰ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 25 de dezembro de 1938. p.13. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20de%20lima%20Soutello&pagfis=38428. Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁵¹ A exposição reuniu 281 obras, divididos em seções nacionais: Argentina, Brasil, Chile, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, México e Paraguai.

¹⁵² SMITH, Robert C. Brazilian Painting in New York. Bulletin of Pan American Union, local, set. 1939, p. 500-506

¹⁵³ SMITH, Robert C. Brazilian Painting in New York. Bulletin of Pan American Union, local, set. 1939, p. 500-506

Imagem 14: Maria Margarida Soutello.
Sombras da vida, 1939
Óleo sobre tela



Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

Imagem 15: Maria Margarida Soutello.
Mundo do éter, 1940
Óleo sobre tela



Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

Em 1939, Maria Margarida participou do 45º Salão Nacional de Belas Artes com as obras *Greve* e *Budha*, comentadas por E. Kauffmann, no *Carioca*:

Maria Margarida de Lima Soutello enviou dois trabalhos: um “Buda”, que se recomenda pela pureza de suas cores e a alta qualidade do modelado, e “Greve”, que é um trabalho muito representativo do estilo que lhe é peculiar. De concepção muito cerebral e perfeita quanto ao desenho, essa tela tem a realçar-lhe o sentido e a qualidade a sua coloração constante de uma simples justaposição de tonalidades.¹⁵⁴

A Exposição Ismailovitch – Maria Margarida foi realizada em setembro, no Palace Hotel, quando ela recebeu comentário incentivador de Normand de Sá,

Figura insinuante, maravilhosamente retratada pelo seu mestre, ela evidencia um espírito culto e de concepção artística, assas original, escolhendo os seus temas, num profundo senso filosófico e os executando com arte e perfeição. Maria Margarida é uma artista evidentemente insinuante, que nos apresenta em todos os seus quadros uma inteligência e um arrojo artístico sempre crescente.

“Budha” é uma das telas mais ricas, “Garrafas vazias” e “Pôr do sol”, notáveis pela criação arrojada, sendo de salientar, ainda, “Navio negroiro” e “Natividade”. Este é muito original por se em silhueta.¹⁵⁵

¹⁵⁴ KAUFFMAN, Henri. “Ateliers e Exposições”. Carioca. p. 6 - Ano 1939, Edição 00206 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=12394>. Acesso em: 03 jan. 2021.

¹⁵⁵ SA Normand de. Exposições de Ismailovitch. Gazeta de Notícias. 08 out.1939. Literatura. p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=23815. Acesso em: 03 jan. 2021

Pouco depois, em novembro, Margarida e Ismalovitch fizeram parte do 4ª Salão da Primavera da Sociedade Brasileira de Belas Artes, realizado na Associação Cristã de Moços, coletiva com 48 artistas¹⁵⁶; ela ainda participou do 1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, comemorativo do Cinquentenário da Proclamação da República, em novembro de 1939, realizada no edifício Itálica Domus, reunindo 24 pintoras. Segundo Rosane Vargas, o *Correio do Povo* a citou entre os artistas premiados presente na mostra;¹⁵⁷ quando ela expõe *Abandono (d'après Dostoiesky)*, *Poema da paz*, *Vaso Chinês*, e *Leques* que recebe Pequena Medalha de Prata¹⁵⁸.

No ano seguinte, em 1940, Margarida participou do Salão de Maio, promovido pela A.A;B. no Palace Hotel,¹⁵⁹ que mereceu o seguinte comentário:

O que, porém, mais chama atenção, é o quadro intitulado “Oratorium”, de Maria Margarida de Lima Soutello. A personalidade da pintura de Maria Margarida é notável, revela-se nesse quadro em todos os seus talhes. Existe, principalmente, uma característica que o torna diferente, é o jogo de luz e sombras. Conhece-se a artista com a sua profunda psicologia, jogando com todos os fatores e possibilidades artísticas. É arrojado, de concepção, sobressaindo a cabeça de S. Hipólito, mártir, causando, ao fita-la, uma sensação estranha, pelo seu conteúdo de magnetismo impressionante. O seu quadro é original, sob todos os pontos de vista, demonstrando que, além de profundo conhecimento do emprego das tintas, existe um verdadeiro artista que consegue transmitir emoção verdadeiramente penetrante. Há, sem dúvida alguma, uma particular originalidade nesse quadro de Maria Margarida.¹⁶⁰

Ela expos também no 46º Salão Nacional de Belas Artes, que mereceu comentário no *Correio da Manhã*: “Maria Margarida expõe *Navio negreiro* já conhecido e aplaudido em sua exposição privada, e *Sombras da vida*, ambos com aquela nota de simbolismo que caracteriza essa brilhante pintora”.¹⁶¹ Ela recebeu a medalha de bronze, juntamente com outros sete artistas.¹⁶² Em setembro, Maria Margarida, Ismailovitch Anna Maria Pergili e Charitas Brandt-

¹⁵⁶ DIÁRIO CARIOCA .14 de novembro de 1937.p 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&Pesq=Ismailovitch&pagfis=40798. Acesso em: 03 jan. 2021.

¹⁵⁷ VARGAS, Rosane. Excluídas da memória. Mulheres no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Trabalho Graduação Curso de História da Arte, Instituto de Artes/UFRGS, p.65. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114583/000953062.pdf?sequence=1>> Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁵⁸ Idem p.110 e 140.

¹⁵⁹ Sá, Normad de. “Salão de Maio”, GAZETA DE NOTÍCIAS, ed. 110, 12 maio 1940, Disponível em: [p.7http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/1391](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/1391). Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁶⁰ Sá, Normad de. “Salão de Maio”, GAZETA DE NOTÍCIAS, ed. 110, 12 maio 1940, p.7. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/1391 Acesso em: 08 jan. 2021.

¹⁶¹ MAUL, Carlos. Correio da Manhã. 11 de setembro de 1940 [Álbum de recortes X, p. 118].

¹⁶² Maria Margarida expôs na divisão moderna, no primeiro ano em que o Salão teria essa modalidade além dos acadêmicos. Os outros premiados com a mesma medalha foram Borges da Costa, Rubem Cassa, Waldemar da Costa, Francisco Rebolo Gonçalves, Jose M. Moraes, Nelson Nobrega e Quirino Silva. Artes Artistas – Belas Artes. *Ilustração Brasileira* . Out 1940. N.66 Ano XVIII. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/107468/per107468_1940_00066.pdf p.34. Acesso em: 05 Jan. 2021

Lienet expuseram no Palace Hotel. Ele se destacou com a obra *Perfis brasileiros*, que trouxe os retratos de destacados artistas e intelectuais¹⁶³, ao lado de Maria Margarida e seu autorretrato, e Margarida apresentou dez obras: *Oratorium*, *Sombras do Passado*, *Casa de Caboclo*, *Máscaras brasileiras*, *Pássaro de Fogo*, *Bébé s'endort*, *Bonecas japonezas*, *Composição*, *Cidade abandonada* e *Monsieur Agache*,¹⁶⁴ que foram comentados em *A Noite*, em artigo intitulado “A arte de Maria Margarida¹⁶⁵” e na *Gazeta de Notícias*, que destacou *Casa de Caboclo*: “A sua arte, personalíssima, é altamente emotiva. Há encanto, há ternura, há todo um drama social humaníssimo no seu maravilhoso quadro.”¹⁶⁶ Em novembro deste ano, ela participa do 2º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, Comemorativo do Bicentenário de Fundação da Cidade de Porto Alegre. Margarida Soutello expôs *Casa de Caboclo*, *Sombras da Vida*, *Sombras do Passado*, *Deserdados* e *Poema Chinês*,¹⁶⁷ quando recebeu uma das seis “pequena medalha de prata”.¹⁶⁸ E expôs também no 7º Salão Paulista de Belas Artes, onde ganhou Medalha de Bronze.¹⁶⁹

Em 1941, Maria Margarida e Ismailovitch participaram do 47º Salão Nacional de Belas Artes, e mereceram entusiasmado comentário em *Fon-fon*: “A nossa impressão máxima do certame concentrou-se imediatamente em três obras-primas – *Madonna da saudade*, de Dimitri Ismailovitch; *Romântica* de Oswaldo Teixeira; *Casa de caboclo* de Maria Margarida”.¹⁷⁰ A reportagem prossegue, com extenso comentário sobre quadro de Margarida:

Casa de Caboclo – um dos magníficos espécimes da arte de Maria Margarida, arte onde se fundem a magistralidade da técnica e a originalidade da concepção. O quadro a qualquer distancia parece mais escultura que pintura. Tudo o que se vê na tela sai do plano e se faz volume: mesa, moringa e viola. Há mesmo – e isso é tão perfeito que nem por um instante desaparece a ilusão – uma imagem da Virgem-Mãe que não está *pintada*, mas *pregada* à parede. Se fosse um cacho de uvas, os pássaros viriam picá-lo, como fizeram

¹⁶³ Estão retratados Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Vila Lobos, Luís Jordão e Gilberto Freyre.

¹⁶⁴ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição de Pintura e Escultura, 9 a 21 de setembro de 1940. Catálogo. [Álbum de Recortes IV, p. 6 e 7]

¹⁶⁵ A NOITE no. 10270., 12 set 1940 p. 16. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pagfis=4534. Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁶⁶ GAZETA NOTÍCIAS, n. 226, 27 set 1940, p.8. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_07/2944. Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁶⁷ VARGAS, 2013. p. 115

¹⁶⁸ ARTES, João das. Os prêmios do Salão de Porto Alegre.s.d, s.l. abril-maio 1940

¹⁶⁹ 7º Salão Paulista de Belas Artes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento268692/7o-salao-paulista-de-belas-artes>>. Acesso em: 22 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

¹⁷⁰ D'ALVA, Oscar. Notas de Arte. *Fon-Fon*: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfusiante (RJ) n.42, 18 ou

1941, p. 21. . Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/106278> . Acesso em: 05 Jan. 2021.

outrora num quadro de Zêuxis. Em compensação, visitantes perguntavam se a imagem não estava mesmo colada no quadro.¹⁷¹

Imagem 16: Maria Margarida Soutello.
Navio Negroiro, 1938
Óleo sobre tela



Fonte; Coleção Mendes Cavalcanti

Imagem 17: Maria Margarida Soutello.
Greve, ca 1939



Fonte: Fon Fon- 07 out. 1939

Maria Margarida expôs com Ismailovitch, Ana Maria Piergili e Lucilia Ferreira no Palace Hotel, quando apresentou doze quadros, entres eles, três estudos de luz e sombra – *No mundo do éter*, *Lírios*, *Três forças (estudos de luz)*,¹⁷² estudos de cabeça e mãos – *Pregador*, *Profeta*, e *Rio Antigo*, representação de azulejos antigos.¹⁷³ A mostra mereceu crônica de Manuel Bandeira em *A manhã*. (Anexo II)

No início de 1942, uma mostra de Margarida e Ismailovitch foi apresentada em Poço de Caldas, no hall do Palace Hotel;¹⁷⁴ seguida de exposição no Grand-Hotel e Automóvel Club de

¹⁷¹ FON-FON: *Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfusiante* (RJ) n.42, 18 out 1941, p. 21. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/106278> . Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁷² TORRES, Pastorino. Belas Artes. No Salão Nobre do Palace Hotel. *Gazeta de Notícias* n. 244, 19 out 1941p.12. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/103730_07/8524 . Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁷³ TORRES, Pastorino. Belas Artes. Exposição Ismailovitch e Maria Margarida. *Gazeta de Notícias*. Belas Artes, n. 245, 21.10.1941, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_07&pagfis=8542 . Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁷⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. Belas Artes, Êxito de pintores em Poços de Caldas. 21 fev. 1942. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/10302 . Acesso em: 05 Jan. 2021.

Belo Horizonte, cujo catálogo apresentou 17 obras de pintura: *Casa de Caboclo, Sombras da Vida, Leques, No mundo do éter, Garrafas vazias, Solidão, Torre de marfim, Bonecas portuguesas, Bonecas japonesas, Marionettes turcas, Poema chinês, Prof. Agache, Lírios, Pregador, Índio, Bêbê s'endort, Painel português*.¹⁷⁵ Eles também da participaram do 48º Salão de Belas Artes, constituído de 520 obras.¹⁷⁶

Em 1943, a exposição Maria Margarida – Ismailovitch acontece em setembro, com 50 obras. Artigo de *A Notícia* destaca *Stalingrado*:

[...] natureza morta em que o subterrâneo com uma escada, uma lanterna e uma algema quebrada, tudo isso envolto numa luz vermelha, evocam a tragédia da grande cidade russa, que foi um símbolo de resistência, e de heroísmo ante as horas germânicas. *Natureza morta persa* é outro quadro interessantíssimo, de desenho sólido e bastante expressivo. *Fuga para o Egito* é um encanto no seu jogo de luzes e de sombras multicolores, cheio de movimento. E o *Procissão*, em que apenas se veem as mãos humanas em várias atitudes e gestos, sugestão de um profundo sentimento religioso, é uma das melhores obras de Maria Margarida, pela novidade de interpretação e pelo seu significado litúrgico.¹⁷⁷

O *Carioca* também comentou a produção apresentada pela pintora:

Os quadros *Fuga, Profetas, Preces, Introspecção, Sentimento do mundo, Oração ao pão* e *Nossa Senhora do Rosário*, este baseado numa gravura antiga, bem como *Aleluia*, da poesia de Carlos Drummond de Andrade, dizem com uma eloquência profunda da sua orientação simbolista e dão-nos, também, o sentido de uma evolução de Maria Margarida.¹⁷⁸

Em novembro, Ismailovitch e Maria Margarida expôs em São Paulo, no Salão Ita, quando ela apresentou vinte trabalhos.¹⁷⁹

Ao noticiar a abertura do Salão Nacional de 1944, *Vanguarda* comentou a participação de Maria Margarida, com o quadro *Pérsia*: “[...]. Mas lá há um belo quadro, entre os cem

¹⁷⁵ ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS, SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS ARTES E SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA. Exposição de Pintura Maria Margarida – D. Ismailovitch, Grande Hotel- Automóvel Clube, Belo Horizonte, 23 maio – 23 jun. 1942. Catálogo. [Álbum de recortes IX, p. 22 e 23]

¹⁷⁶ FON-FON, Semanário...Notas de Arte, 31 out.1942, p. Notas de Arte 31 out.1942.Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/108845>. Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁷⁷ A NOTÍCIA. Exposição Ismailovitch – Maria Margarida, O êxito de sua inauguração, no Palace Hotel, 17 set. 1943. [Álbum de recortes IX, p. 40]

¹⁷⁸ CARIOCA, 2 out. 1943 [Álbum de recortes IX, 45]

¹⁷⁹ *Fuga, Introspecção, Profissão, Preces, Conferencia, Aleluia, Oração ao pão, Sentimento do Mundo, Casa de Caboclo, Natureza Morta Persa, Stalingrado, Sombras do Passado, Leques, Sombras da vida, No mundo do éter, Bêbê s'endort, Pregador, Bonecas portuguesas, Bonecas japonesas, Poema chinês*. DIÁRIO DE SÃO PAULO, 23 nov. 1943 [Álbum de recortes IX, p. 58]

melhores. É o de Maria Margarida. Essa artista é inconfundível, marcante. As suas telas nem precisariam ser assinadas. [...]. Atrai, impressiona e as vezes comove”.¹⁸⁰ Também o *Jornal do Commercio* descreveu a obra: “fina e minuciosamente trabalhados, um ângulo de tapete, um chocalho de bronze pendente dum cordão e, sobre um tamborete, dois objetos menores. Não será toda a Pérsia. Mas, para quem tenha alguma imaginação.”¹⁸¹ A Exposição Maria Margarida Ismailovitch aconteceu de 16 a 31 de dezembro, e mereceu vários comentários na imprensa, como um balanço da carreira dos dois artistas pelo crítico Celso Kelly. Depois de comentar a trajetória dos dois emigrantes, e do início da parceria entre o mestre a discípula, disse o crítico:

Ela é essencialmente imaginosa. Compõe com segurança. Preocupa-se mais com as ideias do que com a aparência de gosto, o que é pouco feminino, mas é significativo. A pintura vive em si e não se pode perder no decorativismo das coisas. Não tem preconceitos de assunto, nem de técnica. Não improvisa processos. Procura construir solidamente as coisas e trabalha com sinceridade. “Poema”, por exemplo, é um grande cenário, pela sugestão profunda. A maneira por que vem interpretando os pretos atinge uma riqueza de colorido bastante curiosa. Há uma floração mística nos quadros de anjo e na “Anunciação”. O primitivismo, quase no gosto egípcio, encontra um belo exemplo em “Três meninas da mesma rua”. Luxo, esplendor, transporte do motivo para a tela, vemo-los nos quadros de leques. Cada quadro é uma intenção. Cada intenção tem o seu tratamento. Sua pintura é um laboratório em continuas pesquisas. A arte de Maria Margarida, que já colheu tantos louvores, prossegue sua bela marcha.¹⁸²

Em 1946, eles expuseram no Hotel Quitandinha, em Petrópolis;¹⁸³ e no Copacabana Palace, onde Maria Margarida apresentou: *Três meninas da mesma rua, Sombra da vida, A casa do caboclo, Sentimento do mundo, Leques, Natureza Morta Persa*¹⁸⁴

Em 1947, Maria Margarida participou com a obra *Stalingrado* no 1º Salão dos Artistas Nacionais, resultado da iniciativa de um grupo de artistas, que reuniria cerca de “200 quadros e mais de quatro dezenas de esculturas”,¹⁸⁵ no Museu de Belas Artes. Neste mesmo ano, ela participou do LII Salão Oficial de Belas Artes, com *Potsdam – prólogo*, que mereceu destaque do *Jornal do Commercio*: “muito bom quanto à parte técnica de desenho, colorido, valores,

¹⁸⁰ VANGUARDA, Salão 1944. 5 out. 1944. [Álbum de recortes IX, 46]

¹⁸¹ JORNAL DO COMMERCIO. Notas de arte, 7 out. 1944. [Álbum de recortes IX, 81]. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_13&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=22640. Acesso em: 05 Jan. 2021

¹⁸² KELLY, Celso. Dois artistas que marcham juntos. Letras e Artes, *A noite*, 19 dez. 1944. [Álbum de recortes IX, p. 96]

¹⁸³ DIÁRIO DA NOITE. Exposição de Ismailovitch e Maria Margarida. [Álbum de recortes IX, p.3]

¹⁸⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS 15 set 1946. Belas-Artes. D. Ismailovitch e Margarida no “Copacabana Palace” – por Álvaro Ladeira. [Álbum de recortes IX, p. 12]. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_07&pagfis=28408. Acesso em: 05 Jan. 2021.

¹⁸⁵ JORNAL DO COMMÉRCIO. RJ. Notas de arte. 18 jul. 1947. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_13&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=36326. Acesso em: 05 Jan. 2021

composição, matéria; e interessante pela concepção humorística, em que os países são representados por objetos característicos de cada um”¹⁸⁶.

Imagem 18: Maria Margarida Soutello.
Sentimento do mundo, 2ª versão, 1961
Óleo sobre tela



Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

Imagem 19: Maria Margarida Soutello.
Casa de Caboclo, 1940
Óleo sobre tela



Fonte: Coleção Mendes Cavalcanti

Em 1948, Margarida e Ismailovitch apresentaram uma ampla retrospectiva, com 244 obras, de suas obras no salão do Ministério da Educação e Saúde, exibida de 29 de julho a 15 de agosto de 1948¹⁸⁷, cuja inauguração foi comentada no *Jornal do Commercio*.¹⁸⁸ A mostra assinalou os 21 anos da chegada de Ismailovitch no Brasil e os 15 das atividades artísticas de Margarida.

Ela participou da organização da Exposição Feminina de Belas Artes, promovida pelo Comitê Nacional da Comissão Interamericana de Mulheres, que reuniu obras de artistas da Argentina, da República Dominicana, dos Estados Unidos, do Uruguai e do Brasil. A seção brasileira participou com obras de 44 artistas, e Margarida apresentou três trabalhos: *Bébé*

¹⁸⁶ JORNAL DO COMMÉRCIO. ed. 064. Rio, 13 de dezembro de 1947. Notas de Arte. LII Salão Oficial de Belas Artes (V), p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/38291. Acesso em: 05 Jan. 2021

¹⁸⁷ MARIA MARGARIDA E D. ISMAILOVITCH. Exposição Retrospectiva no Salão do Ministério da Educação, 29 de julho a 15 de agosto, 1948. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes XI, p. 31, 32]

¹⁸⁸ JORNAL DO COMMERCIO, n. 255, 30 jul. 1948, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/41506. Acesso em: 05 Jan. 2021

s'endort, Solidão e Fuga.¹⁸⁹ Em outubro, ela participou também na 2ª Exposição de Pintura da Câmara do Distrito Federal, juntamente com Yvonne Visconti Cavalleiro, Regina Veiga, D. Ismailovitch e Henrique Cavalleiro.¹⁹⁰

Ela deu um depoimento para a jornalista Maria Wanderley Menezes, no *Carioca*, falando sobre sua vida e trajetória e que foi publicado com o título “A mulher e a pintura” na edição de 2 setembro de 1948.¹⁹¹

Em 1949, Maria Margarida e D. Ismailovitch realizaram exposição de 17 a 31 de outubro, no Salão Nobre do Palace Hotel.

Em 1951, ela integrou, juntamente com Ismailovitch, do Conselho Consultivo do recém-criado Instituto Brasileiro de Psicognomia,¹⁹² dedicado à divulgação desse ramo da psicologia, voltado para os estudos da estrutura psicológica dos indivíduos por meio do estudo craniofacial. O Instituto teve concorrida sessão de instalação, no auditório do Ministério da Educação a 5 de maio de 1951, com a presença de autoridades civis e militares, diplomatas, intelectuais e artistas¹⁹³.

Em 1954, ela expôs na seção contemporânea, ao lado de Teruz, Osvaldo Teixeira e Nardi, da Exposição Nossa Senhora das Artes, organizada pela Sociedade Brasileira de Artes Cristã, realizada no Museu Nacional de Belas Artes; foram apresentadas obras do período colonial e contemporâneas, e estrangeiras.¹⁹⁴

Em 1955, ela participou do I Salão de Arte em homenagem Dia das Mães, 26 de abril a 8 de maio, na Mesbla. Com *N. S. das Bonecas, Berceuse do Menino Rico, Berceuse do Menino Pobre, Berceuse do Menino Morto, e Madona e Menino*.¹⁹⁵ E, em julho desse ano, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, Margarida e Ismailovitch expôs na Exposição de Pintura Religiosa, na Mesbla; ele apresentou trabalhos sobre templos eslavos, igrejas ucranianas, mosaicos e afrescos de igreja bizantina e igrejas barrocas mineiras, e uma Santa

¹⁸⁹ COMITÊ NACIONAL DA COMISSÃO INTERAMERICANA DE MULHERES. Exposição Feminina de Belas Artes, 1948. Edifício do Ministério da Educação e Saúde, Catálogo da Exposição [Álbum de recortes XI, p. 52]

¹⁹⁰ CATÁLOGO DA 2ª. EXPOSIÇÃO DE PINTURA. Maria Margarida, Regina Veiga, D; Ismailovitch, Henrique Cavalleiro, 22 de outubro a 12 de novembro de 1948. [Álbum de recortes XI, p. 61]

¹⁹¹ MENEZES, Maria Wanderley. A mulher e a pintura. *Carioca*, 2 set. 1948. [Álbum de recortes XI, p. 56] – Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=40889>. Acesso em: 05 jan. 2021

¹⁹² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14 mar. 195, n. 18707, 14 mar. 1951, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/8502. Acesso em: 05 jan. 2021

¹⁹³ JORNAL DO BRASIL Instituto Brasileiro de Psicognomia n. 103, 6 de maio de 1951, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/10664. Acesso em: 05 jan. 2021

¹⁹⁴ CORREIO DA MANHÃ. Artes plásticas. Nossa Senhora das Artes. 17 dez. 1954 [Álbum de recortes XI, p. 118]

¹⁹⁵ I SALÃO DE ARTE. Programa da exposição. Datilografado, 1955.

Ceia, que reproduz os profetas de Aleijadinho. Margarida apresentou uma série de anjinhos pretos e brancos e mais uma fuga para o Egito; entre outras obras, que mereceram comentários do jornalista Barbosa Lima Sobrinho:

Um conjunto de telas de Maria Margarida feitas com aquela segurança de quem sabe encontrar, nos motivos religiosos, a oportunidade para a confissão de um profundo misticismo. Os seus anjinhos vivem, os serafins arrancam o visitante ao cenário das velhas Igrejas eslavas para o pátio dos templos brasileiros. Há uma intensa expressão simbólica no quadro da comunhão, com as duas meninas, uma aristocrática e loura, outra humilde e preta, expressando a comunhão das raças, nas mãos entrelaçadas que se apertam e se confundem, sob a força de sentimentos tão fortes quanto a própria vida. A Madona pintada como se fosse de azulejo não destacaria dos quadros apanhados na antiga Igreja dos Imperadores Bizantinos, em Constantinopla, senão em que ela já sabe expressar técnica artística e sentimentos de nossa época.¹⁹⁶

Nessa ocasião, em julho de 1955, a Associação de Artistas Brasileiros promoveu exposição no salão da Câmara dos Vereadores, quando Margarida expôs *Madona e o menino*, que “a todos impressionou pela clareza espontânea, pelo traço, pela suavidade do colorido e da expressão, pelo savoir-faire, enfim, característico da pintora que não é senão uma poetisa do pincel.¹⁹⁷ No fim daquele ano, ela integrou o LX Salão Nacional de Belas Artes, realizado no Museu da Escola Nacional de Belas Artes, que reuniu 358 trabalhos de pintura, além de esculturas, desenhos e gravura.¹⁹⁸ Ainda em dezembro de 1955, ela participou do 6º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, quando expôs “Profetas”, “Anjinho preto” e “Anjinho branco”.¹⁹⁹

O *Brazil Herald* dedicou a sua coluna “Visits to Rio Studios”, da edição de 16 de julho de 1957 à carreira de Maria Margarida, ilustrada por *Carnaval e Navio Negreiro*.²⁰⁰

Em 1958, ela participou do 1º Salão Pan-Americano de Arte – Comemorativo do cinquentenário da fundação do Instituto de Belas Artes do RS, 8º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul, inaugurado em abril de 1958, com as obras *Sagrado Coração*,

¹⁹⁶ LIMA SOBRINHO, Barbosa. Jornal do Brasil. Museu de Arte Religiosa Barbosa Lima Sobrinho, 31 jul, 1955 (XI, 117) Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=Maria%20margarida%20soutello&pagfis=53333 . Acesso em: 08 Jan. 2021.

¹⁹⁷ JORNAL DO BRASIL, Associação de Artistas Brasileiros, 13 jul. 1955 (XI, 115)

¹⁹⁸ CAMPOFIORITO, Quirino. *Vida Doméstica*. Vida Artística. LX Salão Nacional de Belas Artes, Ano XXXVI, n. 453, dezembro 1955.

¹⁹⁹ VARGAS, 2013. p.126

²⁰⁰ BRAZIL HERALD. *Visits do Rio Studios*: Maria Margarida. Tuesday, 16 July 1957. [Álbum de recortes XI, p. 124]

Portuguesa e "Berceuse" do menino morto,²⁰¹ e, no ano seguinte, em 1959, ela participou do 64º Salão Nacional de Belas Artes.²⁰²

Em 1968, Maria Margarida participou do 73º Salão Nacional de Belas Artes, “*Kaieri (Nbulullah)*, a Santa dos peles vermelhas americanas, beatificada em 1624”, ilustrou matéria do *O Jornal* sobre o evento.²⁰³ E, dois anos depois, em 1970, ela participou do 75º Salão Nacional de Belas Artes,²⁰⁴ quando seria um dos oito artistas premiados, ao lado do consagrado Oswaldo Teixeira.

Em 1982, ela expôs na Galeria de Arte, situada na Rua Delfim Moreira 54, obras com temas religiosos e místicos.²⁰⁵

Em 1983, a galeria de arte e antiguidades Nostalgika de propriedade de Dimitri Ribeiro e Vania Merhy, por ocasião do lançamento de um pôster poema de Tereza Cristina Roque de Motta como ilustrações do proprietário, realizou uma homenagem pelo 50 anos de ofício artístico de Maria Margarida.²⁰⁶

Em 1985, o tradicional salão, então denominado VIII Salão Nacional de Artes Plásticas, foi conduzido pela Funarte, e ocupou o Museu de Arte Moderna, apresentando 117 artistas, selecionado dentre 1700 inscritos. Foram organizadas também salas temáticas, e uma mostra especial, “A outra geração 80” com curadoria de Quirino Campofiorito, com artistas com mais de 80 anos.²⁰⁷ Maria Margarida esteve entre os vinte artistas veteranos homenageados, em meio a destacados artistas de sua geração.²⁰⁸

A trajetória de Maria Margarida se estendeu por quase 50 anos, entre sua estreia, em 1933, e sua última exposição, em 1982. O período é marcado pelo crescente interesse pela

²⁰¹ VARGAS, 2013. p.135

²⁰² Documento Salão Nacional de Belas Artes 64ª (1959) [Catálogo]

Disponível em: <http://arquivo.bienal.org.br/pawtucket/index.php/Detail/documento/84629>. Acesso em: 02 fev. 2021.

²⁰³ A página traz também retrato a óleo de Ismailovitch, e de esculturas de Angelo Pereira e Tilde Bonicelli. LXXIII Salão de Nacional de Belas Artes – 414 Expositores disputam prêmios em várias seções. O JORNAL, 2º cad. 29 set. 1968, p.9 [Álbum de recortes VIII, p. 10]. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pagfis=68110. Acesso em: 02 fev. 2021.

²⁰⁴ 75º Salão Nacional de Belas Artes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento244102/salao-nacional-de-belas-artes-75-1970-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 06 de Jun. 2021

²⁰⁵ (sem indicação de data e jornal [Album de recortes XI p. 127])

²⁰⁶ Jornal do Commercio. 23 de outubro de 1983. ANO 1983/Edição 00019. Artes Plásticas. Nostalgika. Walmir Ayala. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_17/32207. Acesso em: 02 fev. 2021.

²⁰⁷ Salão Nacional: as tintas postas em questão. *O Globo*, Segundo Caderno, 13 dezembro 1985, p. 1

²⁰⁸ Integram a mostra, além de Quirino e Margarida: Volpi, Fulvio Penacchi, Walter Levy, Felícia Leirner, Hugo Adami, Tamaki, Zélia Salvado, Bruno Giorgi, Geza Heller, Alfredo Herculano, Geraldo Orthoff, Silvia de Leon, Armando Vianna, Manoel Santiago, Hilda Campofiorito, Cassio M. Boy, Theodoro de Bonas e Livio Abramo. Idem.

“discípula” de Ismailovitch”, que conquistou espaço próprio e original no cenário artístico nacional e internacional.

3.1 Salões e Premiações

Maria Margarida participou de duas edições do **Salão Paulista de Belas Artes**, criado em 1933, nos moldes do Salão Nacional, por iniciativa do governo estadual, e inaugurado em 25 de janeiro de 1934, data comemorativa da fundação de São Paulo. No 6º Salão, em 1939, Ismailovitch foi premiado como a Pequena Medalha de Ouro, e, em 1940, no 7º Salão Paulista de Belas Artes, Maria Margarida Soutello (medalha de bronze — pintura)²⁰⁹.

Em 1935, ela participou do **41º Salão Nacional de Belas Artes**, cujo júri lhe concedeu, juntamente com dez outros artistas, menção por “*Chez Sonia*”,²¹⁰ Contudo, foi *Domingo na Favela* que recebeu entusiasmado comentário de crítico de *Fon-Fon*.

[...] não o entendemos assim porque de fato o Salão de 1935 nos deixou uma impressão maravilhosa, através de um só, de um único quadro que olhamos e vimos, sem nenhum propósito de o olhar e ver. Quando mesmo nos chamou a atenção não era um quadro, mas um móvel tosco pendurado escandalosamente no meio das telas. Íamos perguntar a um dos guardas porque estava ali aquele monstro. Só então, ao toca-lo, verificamos que não era um móvel tosco, mas um verdadeiro quadro, que nos tinha iludido não metaforicamente, mas realmente iludido. A moringa, o candeeiro, a prateleira coberta de papel verde recortado, a folhinha, tudo aquilo que tomamos como objetos reais, era pintura, era o quadro *Domingo na Favela*, da sra. Margarida Soutello. Não nos lembramos de ter tido numa idêntica impressão. Certo já nos dera emoção semelhante, quadros de Dimitri Ismailovitch, de Hans Nobauer e da própria Margarida Soutello, só a tivemos depois de alguns instantes, depois que pelo tacto retificamos a sensação visual. Se é certo o que nos conta a Antologia Grega a propósito do poder imitativo de Zêuxis e Parrhasios – Zêuxis enganava os pássaros e Parrhasios ao próprio Zêuxis – o quadro maravilhoso de Margarida Soutello podia ser assignado por qualquer das duas sumidades da pintura grega... Bravo, bravíssimo à excepcional pintora!²¹¹

²⁰⁹ 7º Salão Paulista de Belas Artes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento268692/7-salao-paulista-de-belas-artes>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2021. Verbete da Enciclopédia.

²¹⁰ EXCELSIOR. Ed. 094. Bellas Artes. O Salão de 1935. Outubro 1935, p. 723 <
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169072&pasta=ano%20193&pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=8461>>

²¹¹ D’ALVA, Oscar. Notas de Arte *Fon-fon* ed. 0039, 23 set. 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20Soutello&pagfis=89656>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

Em 1938, a participação de Margarida no **44º Salão Nacional de Belas Artes**, mereceu comentário do *Carioca*: “[...] Maria Margarida comparece ao Salão com uma de suas melhores telas: “Vida Nova”, muito sugestiva e excepcionalmente rica em brancos”²¹².

Em 1939, Maria Margarida participou do **45º Salão Nacional de Belas Artes** com as obras *Greve* e *Budha e as obras* mereceram comentários na imprensa. Em *A Noite*, Celso Kelly comenta: [...] “Greve”, de Margarida Soutello, mereceu os mesmos louvores já expedidos por sua exposição no Palace Hotel.²¹³ E Kauffmann o destaca, em seu comentário no *Carioca* sobre as obras expostas no Salão.

Maria Margarida de Lima Soutello enviou dois trabalhos: um “Buda”, que se recomenda pela pureza de suas cores e a alta qualidade do modelado, e “Greve”, que é um trabalho muito representativo do estilo que lhe é peculiar. De concepção muito cerebral e perfeita quanto ao desenho, essa tela tem a realçar-lhe o sentido e a qualidade a sua coloração constante de uma simples justaposição de tonalidades.²¹⁴

Em novembro do mesmo ano participou da 1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, comemorativo do Cinquentenário da Proclamação da República, quando ela expôs *Abandono (d’après Dostoiesky)*, *Poema da paz*, *Vaso Chinês*, e recebeu uma das seis Pequena Medalha de Prata pela obra *Leques*²¹⁵.

Em 1940, a participação de Margarida no **46º Salão Nacional de Belas Artes** foi assinalada pelo *Correio da Manhã*: “Maria Margarida expõe “Navio negreiro” já conhecido e aplaudido em sua exposição privada, e “Sombras da vida”, ambos com aquela nota de simbolismo que caracteriza essa brilhante pintora”.²¹⁶ Ela recebeu a medalha de bronze, juntamente com outros sete artistas, Borges da Costa, Rubem Cassa, Waldemar da Costa, Francisco Rebolo Gonçalves, Jose M. Moraes, Nelson Nobrega e Quirino Silva²¹⁷.

Em 1941, Maria Margarida e Ismailovitch participaram do **47º Exposição de Artes Plásticas do MNBA**, cuja participação mereceu entusiasmado comentário em *Fon-fon*:

²¹² KAUFFMANN, Henri. “Impressões do Salão de 1938” *Carioca*. Ed. 00166. 24 dez. 1938, p.13, 61

²¹³ KELLY, Celso. O Salão Nacional de Belas Artes. *A Noite*. Ed. 09916, 17 set 1939, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&Pesq=Ismailovitch&pagfis=67095> Acesso em: 02 fev. 2021.

²¹⁴ KAUFFMAN, Henri. “Ateliers e Exposições”. *Carioca*. Pág. 6 - Ano 1939, Edição 00206 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%201939&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=12394>. Acesso em: 02 fev. 2021.

²¹⁵ VARGAS, Rosane. Excluídas da memória. *Mulheres no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul*. Trabalho Graduação Curso de História da Arte, Instituto de Artes/UFRGS, p.110 e p.140. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114583/000953062.pdf?sequence=1>>

²¹⁶ MAUL, Carlos. *Correio da Manhã*. 11 de setembro de 1940 [Álbum de recortes X, p. 118].

²¹⁷ ILLUSTRACÃO BRASILEIRA Artes Artistas – Belas Artes. Out 1940. N.66 Ano XVIII. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/107468/per107468_1940_00066.pdf p.34>. Acesso em: 20 fev. 2021. “O Salão de 1940”. *Correio da Noite*. [Álbum de recortes X, p. 122]

A única arte de quer poderíamos ser – e não somos, é a arte da palavra. [...] Das outras artes, repetimos, somos apenas, crítico leigo, simples cronista, noticiarista de impressão.

E como tal que temos escritos e continuamos a escrever as nossas – Notas de arte. É assim que estamos escrevendo agora a relativa ao Salão de 1941.

A nossa impressão máxima do certame concentrou-se imediatamente em três obras-primas – Madonna da saudade, de Dimitri Ismailovitch; Romântica de Oswaldo Teixeira; “Casa de caboclo de Maria Margarida.

[...] Casa de Caboclo – um dos magníficos espécimes da arte de Maria Margarida, arte onde se fundem a magistralidade da técnica e a originalidade da concepção. O quadro a qualquer distancia parece mais escultura que pintura. Tudo o que se vê na tela sai do plano e se faz volume: mesa, moringa e viola. Há mesmo – e isso é tão perfeito que nem por um instante desaparece a ilusão – uma imagem da Virgem-Mãe que não está *pintada*, mas *pregada* à parede. Se fosse um cacho de uvas, os pássaros viriam picá-lo, como fizeram outrora num quadro de Zêuxis. Em compensação, visitantes perguntavam se a imagem não estava mesmo colada no quadro.²¹⁸

Em 1947, aconteceu o **1º Salão dos Artistas Nacionais**, resultado da iniciativa de um grupo de artistas, “sem distinção de escolas ou grupos, e sob a orientação da sra. Odete Barcelos,²¹⁹ que reuniu cerca de “ 200 quadros e mais de quatro dezenas de esculturas”,²²⁰ no Museu de Belas Artes. Maria Margarida participou com a obra “Stalingrado”, comentada pelo *Jornal do Commercio*: “de grande simplicidade e timo desenho”²²¹

A participação de Margarida no **LII Salão Oficial de Belas Artes**, em 1947, com “Potsdam – prólogo”, mereceu destaque *Jornal do Commercio*: “muito bom quanto à parte técnica de desenho, colorido, valores, composição, matéria; e interessante pela concepção humorística, em que os países são representados por objetos característicos de cada um”²²².

Em 1959, ela participou do **64º Salão Nacional de Belas Artes**,²²³ em 1968, Maria Margarida participou do **73º Salão Nacional de Belas Artes**, “Kaieri (Nubullah), a Santa dos peles vermelhas americanas, beatificada em 1624”, que ilustra matéria do *O Jornal* sobre o evento²²⁴

²¹⁸ FON-FON: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfusante (RJ) n.42, 18 ou 1941, p. 21.. 2021. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/106278> . Acesso em: 15 fev. 2021.

²¹⁹ JORNAL DO COMMERCIO, 0233, 6 de julho de 1947, p.9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/36167 . Acesso em: 15 fev. 2021.

²²⁰ Idem.

²²¹ JORNAL DO COMMÉRCIO, n. 243, Notas de Arte, 18 de Julho de 1947, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_13&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=36326 . Acesso em: 15 fev. 2021.

²²² JORNAL DO COMMÉRCIO. ed. 064. Rio, 13 de dezembro de 1947. Notas de Arte. LII Salão Oficial de Belas Artes (V), p.6 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/38291. Acesso em :15 fev. 2021.

²²³ Documento Salão Nacional de Belas Artes 64ª (1959) [Catálogo] Acesso em :15 fev. 2021

Disponível em: <http://arquivo.bienal.org.br/pawtucket/index.php/Detail/documento/84629>.

²²⁴ A página traz também retrato a óleo de Ismailovitch, e de esculturas de Angelo Pereira e Tilde Bonicelli. LXXIII Salão de Nacional de Belas Artes – 414 Expositores disputam prêmios em várias seções. O JORNAL, 2º cad, 29 set. 1968, p.9 .Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/68110 . Acesso em :15 fev. 2021

Em 1970, ela participou do **75º Salão Nacional de Belas Artes**²²⁵, quando seria um dos oito artistas premiados, ao lado do consagrado Oswaldo Teixeira.

Em 1971, participou do **76º Salão Nacional de Belas Artes**, com as obras *Sombras do passado*, “Namastê”, “Ode a la France” (da série Debussy)²²⁶. No ano seguinte, no **77º Salão Nacional de Belas Artes** apresentou a obra *Nossa Senhora Rainha do Universo*.²²⁷

Em 1973 participou do **78º Salão Nacional de Belas Artes**, com as obras *Profetas*, *Oratório (São Jerônimo)*, “Le vent dans la plaine” (da série Debussy)²²⁸.

Em maio de 1974, participou do **Primeiro Salão dos Grandes Mestres da Pintura no Brasil**²²⁹, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura de Nova Friburgo, RJ, e em novembro, do **XIX Salão Valenciano de Artes Plásticas**, promovido pela Academia Valenciana de Letras- Valença, RJ, onde apresentou a obra “*Berceuse*” do menino morto.²³⁰

Em 1983 foi convidada a participar do **Salão de Artes Plásticas do Instituto Brasil-União Soviética**, promovido pelo Instituto Brasil-União Soviética.²³¹

Em 1985, o Salão, denominado **8º Salão Nacional de Artes Plásticas**, conduzido pela Funarte, ocupou o Museu de Arte Moderna, apresentando 117 artistas, dos 1700 inscritos, além de salas especiais temáticas, e uma mostra especial.²³² “A outra geração 80”. Com curadoria de Quirino Campofiorito, um dos vinte homenageados, estava Margarida Soutello, em meio a destacados artistas de sua geração.²³³

²²⁵ 75º Salão Nacional de Belas Artes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento244102/salao-nacional-de-belas-artes-75-1970-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 06 de Jun. 2021 <Ref. SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, 75. 1970. Catálogo. Rio de Janeiro: MNBA, 1970.

²²⁶ Catálogo do LXXVI Salão Nacional de Belas Artes, 1971 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²²⁷ Catálogo do LXXVII Salão Nacional de Belas Artes, 1972 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²²⁸ Catálogo do LXXVIII Salão Nacional de Belas Artes, 1973 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²²⁹ Carta da Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, RJ em agradecimento a participação. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²³⁰ Certificado de participação. Jubileu de prata. XIX Salão Valenciano de Artes Plásticas. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²³¹ Diploma de participação como convidada na seção Pintura. Salão de Artes Plásticas do Instituto Brasil-União Soviética. Datado e assinado em 12 de dezembro de 1983. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti.

²³² Salão Nacional: as tintas postas em questão. O Globo, Segundo Caderno, 13 dezembro 1985, p. 1

²³³ Integram a mostra, além de Quirino e Margarida: Volpi, Fulvio Penacchi, Walter Levy, Felícia Leirner, Hugo Adami, Tamaki, Zélia Salvado, Bruno Giorgi, Geza Heller, Alfredo Herculano, Geraldo Orthoff, Sílvia de Leon, Armando Vianna, Manoel Santiago, Hilda Campofiorito, Cassio M. Boy, Theodoro de Bonas e Livio Abramo. Idem.

Imagem 20: Maria Margarida Soutello.
Máscaras, 1940
Óleo sobre tela, 149 x 117cm



Fonte: Acervo Museu Villa-Lobos

Imagem 21: Maria Margarida Soutello
Nossa. Sra. de Aparecida. 1945
Óleo sobre tela



Fonte: Acervo Museu de Angra do Heroísmo.
Açores, Portugal

3.2 Cronologia de exposições e salões

ANO	MÊS	TÍTULO	LOCAL/ PROMOTOR	OBRAS
1933	Setembro	GIM- Gagarin, Ismailovitch e Makurin	Palace Hotel / Associação de Artistas Brasileiros (A.A.B.)	<i>D'après Dostoiewsky, Bule e maçã, Le renard et la cigogne</i> (Fabula de La Fontaine), <i>L'ane et le chien</i> (Fabula de La Fontaine), <i>Paisagem Brasileira, Paisagem Africana e Paisagem Russa</i> ²³⁴
	Dezembro	Salão de Natal	Palace Hotel / Associação de Artistas Brasileiros (A.A.B.)	<i>Desastre, Teatro de Brinquedo, e Sonho Natal</i> ²³⁵
1934	Maio	VI Salão da Associação dos Artistas Brasileiros	Palace Hotel (A.A.B.) ²³⁶	<i>Chez Sonia</i> ²³⁷
	Junho		Escola de Belas Artes / 4º Congresso Teosófico Sul Americano ²³⁸	<i>O chá de Makar Alexievitch</i> , ²³⁹ <i>Chez Sonia</i> ²⁴⁰ , <i>O violino de Efimov</i> ²⁴¹ e <i>Chez Raskolnikoff</i> . ²⁴²
1934	Novembro	Salão Ismailovitch	Palace Hotel / A.A.B	Participa com 5 obras , entre elas <i>O violino de Efimoff</i> e <i>Natureza Morta</i> ²⁴³
1935	Outubro	41º Salão Nacional de Belas Artes	Escola Nacional de Belas Artes	Recebeu menção honrosa por <i>Chez Sonia</i> . ²⁴⁴ <i>Domingo na Favela</i> ²⁴⁵

²³⁴ ASSOCIAÇÃO ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição G.I.M. (Gagarin, Ismailovitch, Makurin), 1933. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes, X, p. 4 a 6].

²³⁵ 1º SALÃO DE NATAL! A original iniciativa da Associação de Artistas Brasileiro através da obra de seus expositores de maior personalidade. *O Radical*. 31 dez. 1933. [Álbum de recortes, X, p. 11]

²³⁶ JORNAL DO COMMERCIO, 13 maio 1934, p.17. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pesq=%22sal%C3%A3o%20dos%20artistas%20brasileiros%22&pagfis=29580. Acesso em: 03 jan. 2021.

²³⁷ GUERRA DUVAL, F. VI Salão da Associação dos Artistas Brasileiros, Movimento Artístico Brasileiro. *A Nação*, 18 maio 1934. [Álbum de recortes, X, p. 14]

²³⁸ 4º. CONGRESSO Teosófico Sul Americano, *Jornal do Brasil*. n. 140, 14 de junho de 1934, p. 23. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/44139 . Acesso em: 03 jan. 2021.

²³⁹ Personagem de *Gente Pobre*, romance de estreia do escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821- 1881).

²⁴⁰ Personagens de *Crime e Castigo*, do escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821- 1881)

²⁴¹ Personagem de *Niétotchka Nezvanova* do escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821- 1881)

²⁴² OLIVEIRA, Magdala da Gama. A mulher que pintou a alma de Dostoiévski. *Revista da Semana*, n. 041, 22 set. 1934. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/10840. Acesso em: 03 jan. 2021

²⁴³ ANDREA, Zenaide. Bellas Artes, Ismailovitch sua pintura essencial e sua escola no Brasil, 9 dez. 1934. [Álbum de recortes, X, p. 23]

²⁴⁴ EXCELSIOR. Ed. 094. Bellas Artes. O Salão de 1935. Outubro 1935, p. 723. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169072&pasta=ano%20193&pesq=%22Maria%20Margari da%22&pagfis=8461>. Acesso em: 03 jan. 2021.

²⁴⁵ D'ALVA, Oscar. Notas de Arte *Fon-fon* ed. 0039, 23 set. 1935. Disponível em:

	Set/Out	Grupo Ismailovitch	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Madona negra, Natureza Morta, Estudo do nu, Circo, Garrafas, Sonho de Natal, Bairro Moderno, Pannel decorativo português e Na cella de Alliocha Karamazov</i> ²⁴⁶ (<i>D'après Dostoiwsky n.º. 5</i>) ²⁴⁷
1936	Agos/ Novembro	42º Salão Nacional de Belas Artes ²⁴⁸	Escola Nacional de Belas Artes	
1937	Abril	Primeira Exposição Paulista de Pintura	Sociedade Cearense de Artes Plásticas, Fortaleza ²⁴⁹	
1937	Junho	O Salão dos Artistas Brasileiros	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Chez Sonia, Circo, Obatalá, um Cristo negro,</i> ²⁵⁰ e <i>Domingo na favela</i>
	Setembro	Exposição Ismailovitch	Palace Hotel	
	Setembro	43ª. Exposição Nacional de Belas Artes ²⁵¹	Escola Nacional de Belas Artes	
	Novembro	Salão de Aquarelas	Palace Hotel/ A.A.B ²⁵²	
1938	Agosto	Salão Anual de Artes Plásticas e Aplicadas	Liceu Literário Português/ Clube	

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20Soutello&pagfis=89656> . Acesso em: 03. jan. 2021

²⁴⁶ GUERRA DUVAL, F O Movimento Artístico. Ismailovitch e seu grupo. Gazeta de Notícias, 29 set. 1935 [Álbum de recortes II, p. 15].

²⁴⁷ ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição do Grupo Ismailovitch. [S. l.: s.n.], 24 set. /5 out 1935. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes X, p. 31].

²⁴⁸ CASTRO, Branca de. O Salão Oficial de 1936. Impressões de Arte. Diário de Notícias. 01 nov 1936. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=29032. Acesso em: 03 jan. 2021.

²⁴⁹ LIMA, Roberto Galvão. A Escola Invisível: Artes Plásticas em Fortaleza 1928 – 1958.

Fortaleza: Quadricolor Editora, 2008.p.74 apud SILVA, Anderson de Sousa. O Salão de Abril em dois momentos: Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e Prefeitura Municipal de Fortaleza (1944 – 1970). Dissertação PPG História Social/UFC, 2015. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14517/1/2015_dis_assilva.pdf> Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁵⁰ DIARIO CARIOCA, O Salão dos Artistas Brasileiros, 5 jun. 1937 [Álbum de recortes X, p. 44].

²⁵¹ CARIOCA, ed. 101, O “Salão de 1937”: Inovações e modernismos, 25 set. 1937, p. 33. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830259/6195>. Acesso em: 08 jan. 2021

²⁵² Também expõem Ismailovitch, Georgina de Albuquerque, Moacyr Alves, entre outros. DIARIO DE NOTICIAS, n. 3615, 12 dez. 1937, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/33763. Acesso em: 08 jan. 2021.

			das Vitória Régias 253	
	Outubro	Exposição Maria Margarida – Ismailovitch	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Mestre Obatalá, Armas, Arte chinesa e Marionettes turcas;</i> ²⁵⁴
	Dezembro	44º Salão Nacional de Belas Artes	Escola Nacional de Belas Artes	<i>Vida Nova</i> ²⁵⁵
1938	Dezembro	Salão de Natal	Palace Hotel/ A.A.B 256	
1939	Junho	“Latin American Exhibition of Fine and Applied Art” ²⁵⁷	Riverside Museum	<i>Sombras da vida</i> ²⁵⁸
		45º Salão Nacional de Belas Artes		<i>Budha, Greve</i> ²⁵⁹
	Setembro	Exposição Ismailovitch – Maria Margarida	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Budha, Garrafas vazias, Pôr do Sol, Navio negroiro, Natividade</i> ²⁶⁰
	Novembro	4ª Salão da Primavera da Sociedade Brasileira de Belas Artes	Associação Cristã de Moços - ACM	

²⁵³ O Club das Vitória Régias é um coletivo feminino de artistas do qual Maria Margarida é uma das fundadoras. GAZETA DE NOTÍCIAS. 27 de agosto de 1938, p.8. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=17933. Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁵⁴ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 3903, 21 out. 1938, p. 9. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20de%20lima%20Soutello&pagfis=38428. Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁵⁵ KAUFFMANN, Henri. “Impressões do Salão de 1938” *Carioca*. Ed. 00166. 24 dez. 1938, p.13, 61

²⁵⁶ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 25 de dezembro de 1938. p.13. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20de%20lima%20Soutello&pagfis=38428. Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁵⁷ A exposição reuniu 281 obras, divididos em seções nacionais: Argentina, Brasil, Chile, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, México e Paraguai.

²⁵⁸ SMITH, Robert C. Brazilian Painting in New York. Bulletin of Pan American Union, local, set. 1939, p. 500-506 -

²⁵⁹ KAUFFMAN, Henri. “Ateliers e Exposições”. *Carioca*. p. 6 - Ano 1939, Edição 00206 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=12394>. Acesso em: 03 jan. 2021.

²⁶⁰ SA Normand de. Exposições de Ismailovitch. Gazeta de Notícias. 08 out.1939. Literatura. p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=23815. Acesso em: 03 jan. 2021.

	Novembro	1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul	Edifício Itália Domus	<i>Abandono (d'après Dostoiesky), Poema da paz, Vaso Chinês, e Leques.</i> ²⁶¹
1940	Maio	Salão de Maio	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Oratorium</i> ²⁶²
	Setembro	46º Salão Nacional de Belas Artes ²⁶³	Escola Nacional de Belas Artes	<i>Navio negreiro, Sombras da vida</i> ²⁶⁴
	Setembro	Maria Margarida, Ismailovitch, Anna Maria Pergili e Charitas Brandt-Lienet	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Oratorium, Sombras do Passado, Casa de Caboclo, Máscaras brasileiras, Pássaro de Fogo, Bêbé s'endort, Bonecas japonezas, Composição, Cidade abandonada e Monsieur Agache,</i> ²⁶⁵
	Novembro	2º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul	Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul	<i>Casa de Caboclo, Sombras da Vida, Sombras do Passado, Deserdados e Poema Chinês,</i> ^{266 267}
	Dezembro	7º Salão Paulista de Belas Arte ²⁶⁸		
1941	Outubro	47º Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Casa de caboclo</i>
1941		Maria Margarida, Ismailovitch, Ana Maria Piergili e Lucilia Ferreira	Palace Hotel/ A.A.B	<i>No mundo do éter, Lírios, Três forças estudos de luz,</i> ²⁶⁹ estudos de cabeça e mãos – <i>Pregador, Profeta, e Rio Antigo</i>

²⁶¹ VARGAS, 2013. p.110.

²⁶² Sá, Normad de. “Salão de Maio”, GAZETA DE NOTÍCIAS, ed. 110, 12 maio 1940, p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/1391 Acesso em: 08 jan. 2021

²⁶³ Maria Margarida ganha a Medalha de Bronze, junto a outros sete premiados: Borges da Costa, Rubem Cassa, Waldemar da Costa, Francisco Rebolo Gonçalves, Jose M. Moraes, Nelson Nobrega e Quirino Silva. Artes Artistas – Belas Artes. *Ilustração Brasileira*. Out 1940. N.66 Ano XVIII. http://memoria.bn.br/pdf/107468/per107468_1940_00066.pdf p.34

²⁶⁴ MAUL, Carlos. Correio da Manhã. 11 de setembro de 1940 [Álbum de recortes X, p. 118].

²⁶⁵ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição de Pintura e Escultura, 9 a 21 de setembro de 1940. Catálogo. [Album de Recortes IV, p. 6 e 7]

²⁶⁶ VARGAS, 2013. p. 115

²⁶⁷ ARTES, João das. Os prêmios do Salão de Porto Alegre.s.d, s.l. abril-maio 1940. Maria Margarida recebe uma das seis “pequena medalha de prata.”

²⁶⁸ 7º Salão Paulista de Belas Artes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento268692/7o-salao-paulista-de-belas-artes>>. Acesso em: 22 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia. Neste Salão, Maria Margarida ganha Medalha de Bronze.

²⁶⁹ TORRES, Pastorino. Belas Artes. No Salão Nobre do Palace Hotel. *Gazeta de Notícias* n. 244, 19 out 1941p.12. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/103730_07/8524. Acesso em: 05 Jan. 2021.

1942	Fevereiro	Exposição de Pintura Maria Margarida – D. Ismailovitch	Palace Hotel - Poços de Caldas, Minas Gerais	<i>Casa de Caboclo, Sombras da Vida, Leques, No mundo do éter, Garrafas vazias, Solidão, Torre de marfim, Bonecas portuguesas, Bonecas japonesas, Marionettes turcas, Poema chinês, Prof. Agache, Lírios, Pregador, Índio, Bebê s'endort, Painel português.</i> ²⁷⁰
			Grand-Hotel e Automóvel Club de Belo Horizonte,	
			Automóvel Club de Belo Horizonte	
	Outubro	48º Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	Lírios ²⁷¹
1943	Setembro	Maria Margarida – Ismailovitch	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Natureza morta persa, Fuga para o Egito, Procissão, Profetas, Preces, Introspecção, Sentimento do mundo, Oração ao pão, Aleluia, Nossa Senhora do Rosário, Stalingrado.</i> ²⁷² <i>Leques, Conferencia, Casa de Caboclo, Natureza Morta Persa, Sombras do Passado, Sombras da vida, No mundo do éter, Bebê s'endort, Pregador, Bonecas portuguesas, Bonecas japonesas, Poema chinês.</i> ²⁷³
	Novembro		Salão Ita, São Paulo	
1944	Outubro	50º Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Natureza morta Persa</i> ^{274 275}
	Nov /Dez	Maria Margarida e Ismailovitch	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Poema, Anunciação, Três meninas da mesma rua, Leques</i> ²⁷⁶

²⁷⁰ ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTA BRASILEIROS, SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS ARTES E SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA. Exposição de Pintura Maria Margarida – D. Ismailovitch, Grande Hotel- Automóvel Clube, Belo Horizonte, 23 maio – 23 jun. 1942. Catálogo. [Álbum de recortes IX, p. 22 e 23].

²⁷¹ FON-FON, Semanário...Notas de Arte, 31 out.1942, p. Notas de Arte 31 out.1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/108845>. Acesso em: 05 Jan. 2021.

²⁷² A NOTICIA. Exposição Ismailovitch – Maria Margarida, O êxito de sua inauguração, no Palace Hotel, 17 set. 1943. [Album de recortes IX, p. 40]

²⁷³ *Fuga, Introspecção, Profissão, Preces, Conferencia, Aleluia, Oração ao pão, Sentimento do Mundo, Casa de Caboclo, Natureza Morta Persa, Stalingrado, Sombras do Passado, Leques, Sombras da vida, No mundo do éter, Bebê s'endort, Pregador, Bonecas portuguesas, Bonecas japonesas, Poema chinês.* DIARIO DE SÃO PAULO, 23 nov. 1943 [Álbum de recortes IX, p. 58]

²⁷⁴ VANGUARDA, Salão 1944. 5 out. 1944. [Álbum de recortes IX, 46]

²⁷⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Notas de arte, 7 out. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_13&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=22640. Acesso em: 05 Jan. 2021.

²⁷⁶ KELLY, Celso. Dois artistas que marcham juntos. Letras e Artes, *A noite*, 19 dez. 1944. [Álbum de recortes IX, p. 96]

1946		Maria Margarida e Ismailovitch	Hotel Quitandinha, em Petrópolis ²⁷⁷	
			Copacabana Palace, RJ	<i>Três meninas da mesma rua, Sombra da vida, A casa do caboclo, Sentimento do mundo, Leques, Natureza Morta Persa</i> ²⁷⁸
1947		1º Salão dos Artistas Nacionais	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	
1947		52º Salão Nacional de Belas Artes		<i>Potsdam – prólogo</i> ²⁷⁹
1948	Jul /Ago	Retrospectiva de Margarida e Ismailovitch	Salão do Ministério da Educação e Saúde	²⁸⁰ ²⁸¹
		Exposição Feminina de Belas Artes/ Comitê Nacional da Comissão Interamericana de Mulheres	Ministério da Educação e Saúde	<i>Bebê s'endort, Solidão e Fuga</i> ²⁸²
	Out/Nov	2ª Exposição de Pintura da Câmara do Distrito Federal		²⁸³
1949	Outubro	Maria Margarida e D. Ismailovitch	Salão Nobre do Palace Hotel	
1953	Setembro	LVIII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Nossa Senhora Aparecida, Comunhão</i> ²⁸⁴

²⁷⁷ DIÁRIO DA NOITE. Exposição de Ismailovitch e Maria Margarida. [Álbum de recortes IX, p.3]

²⁷⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS. 15 set 1946 . Belas-Artes. D. Ismailovitch e Margarida no “Copacabana Palace” – por Álvaro Ladeira. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_07&pagfis=28408 . Acesso em: 05 Jan. 2021

²⁷⁹ JORNAL DO COMÉRCIO. ed. 064. Rio, 13 de dezembro de 1947. Notas de Arte. LII Salão Oficial de Belas Artes (V), p.6 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/38291. Acesso em: 05 Jan. 2021.

²⁸⁰ MARIA MARGARIDA E D. ISMAILOVITCH. Exposição Retrospectiva no Salão do Ministério da Educação, 29 de julho a 15 de agosto, 1948. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes XI, p. 31, 32]

²⁸¹ JORNAL DO COMÉRCIO, n. 255, 30 jul. 1948, p.6. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/41506. Acesso em: 05 Jan. 2021

²⁸² COMITÊ NACIONAL DA COMISSÃO INTERAMERICANA DE MULHERES. Exposição Feminina de Belas Artes, 1948. Edifício do Ministério da Educação e Saúde, Catálogo da Exposição [Álbum de recortes XI, p. 52]

²⁸³ CATÁLOGO DA 2ª. EXPOSIÇÃO DE PINTURA. Maria Margarida, Regina Veiga, D; Ismailovitch, Henrique Cavaleiro, 22 de outubro a 12 de novembro de 1948. [Álbum de recortes XI, p. 61]

²⁸⁴ Catálogo do LVIII Salão Nacional de Belas Artes, 1953 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

1954		Exposição Nossa Senhora das Artes	Museu Nacional de Belas Artes /Sociedade Brasileira de Artes Cristã	
		LIX Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Branca de Neve, Profeta</i> ²⁸⁵
1955	Abr /Maio	I Salão de Arte em homenagem Dia das Mães	Mesbla	<i>N. S. das Bonecas, Berceuse do Menino Rico, Berceuse do Menino Pobre, Berceuse do Menino Morto, e Madona e Menino.</i> ²⁸⁶
	Julho	Exposição de Pintura Religiosa	Mesbla / Congresso Eucarístico Internacional	<i>Série de anjinhos pretos e brancos e outra versão de Fuga para o Egito.</i> ²⁸⁷
		Associação de Artistas Brasileiros	Salão da Câmara dos Vereadores	<i>Madona e o menino</i> ²⁸⁸
	Dezembro	LX Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Portuguesa, Imigrante</i> ^{289 290}
Dezembro	6º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul	Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul	<i>“Profetas”, “Anjinho preto” e “Anjinho branco”.</i> ²⁹¹	
1956		LXI Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Holandesas, Japonesa</i> ²⁹²
1957		LXII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Berceuse do menino morto</i> ²⁹³

²⁸⁵ Catálogo do LIX Salão Nacional de Belas Artes, 1954 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²⁸⁶ I SALÃO DE ARTE. Programa da exposição. Datilografado, 1955.

²⁸⁷ LIMA SOBRINHO, Barbosa. Jornal do Brasil. Museu de Arte Religiosa Barbosa Lima Sobrinho, 31 jul, 1955 (XI, 117) Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=Maria%20margarida%20soutello&pagfis=53333. Acesso em: 08 Jan. 2021.

²⁸⁸ JORNAL DO BRASIL, Associação de Artistas Brasileiros, 13 jul. 1955 (XI, 115)

²⁸⁹ Catálogo do LX Salão Nacional de Belas Artes, 1955 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²⁹⁰ CAMPOFIORITO, Quirino. *Vida Doméstica*. Vida Artística. LX Salão Nacional de Belas Artes, Ano XXXVI, n. 453, dezembro 1955.

²⁹¹ VARGAS, 2016. p.126

²⁹² Catálogo do LXI Salão Nacional de Belas Artes, 1956. Divisão Moderna. Disponível em: <https://tinyurl.com/yckt2dm4>. Acesso em: 10 mar. 2022.

²⁹³ Catálogo do LXII Salão Nacional de Belas Artes, 1957 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

1958		LXIII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Berceuse do menino órfão, Menino</i> ²⁹⁴
	Abril	8º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul / 1º Salão Pan-Americano de Arte	Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul	<i>Sagrado Coração, Portuguesa, "Berceuse" do menino morto.</i> ²⁹⁵
1959		64º Salão Nacional de Belas Artes. ²⁹⁶	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>La fille aux cheveux de lin, Japonezinha, Stalingrado</i> ²⁹⁷
1960		LXV Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Abolição, Let us breala bread together</i> ²⁹⁸
1961		LXVI Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Rasoira, Cruz de sangue, Procissão</i> ²⁹⁹
1962		LXVII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Conferência permanente, Solidão, O primeiro sari</i> ³⁰⁰
1962		XXXIII Salão de Artes Plásticas da AAB	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Madoninha, Campanhas orientais, Indiana</i> ³⁰¹
1963		XXXIV Salão de Artes Plásticas da AAB	Palace Hotel/ A.A.B	<i>Berceuse do menino orfão, Baianinha, Stalingrado</i> ³⁰²
		LXVIII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Assim na terra como no céu (com louvor de João³⁰³ XXIII), Comungante pretinha, Comungante lourinha</i>
1964		LXIX Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Três madonas, Duas Giocondas, Debutante</i> ³⁰⁴

²⁹⁴ Catálogo do LXIII Salão Nacional de Belas Artes, 1958. Disponível em: <https://tinyurl.com/yckt2dm4>. Acesso em: 10 mar. 2022.

²⁹⁵ VARGAS, 2013. p.140.

²⁹⁶ Documento Salão Nacional de Belas Artes 64ª (1959) [Catálogo].

Disponível em <http://arquivo.bienal.org.br/pawtucket/index.php/Detail/documento/84629>. Acesso em: 02 fev. 2021.

²⁹⁷ Catálogo do LXIV Salão Nacional de Belas Artes, 1959 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

²⁹⁸ Catálogo do LXV Salão Nacional de Belas Artes, 1960. Disponível em: <https://tinyurl.com/yckt2dm4>. Acesso em: 10 mar. 2022.

²⁹⁹ Catálogo do LXVI Salão Nacional de Belas Artes, 1961 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰⁰ Catálogo do LXVII Salão Nacional de Belas Artes, 1962 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰¹ Catálogo XXXIII Salão de Artes Plásticas da AAB (Associação dos Artistas Brasileiros), 1962. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰² Catálogo XXXIV Salão de Artes Plásticas da AAB (Associação dos Artistas Brasileiros), 1963. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰³ Catálogo do LXVIII Salão Nacional de Belas Artes, 1963 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰⁴ Catálogo do LXIX Salão Nacional de Belas Artes, 1964. Disponível em: <https://tinyurl.com/yckt2dm4>. Acesso em: 10 mar. 2022.

1968		73º Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Kaieri (Nubullah)</i> ³⁰⁵ , <i>Anchieta</i> ³⁰⁶
1969		LXXIV Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Madona e menino, Felicidade, Conto de fadas</i> ³⁰⁷
1970		75º Salão Nacional de Belas Artes, ³⁰⁸	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Carnaval (Coleção H. Stern)</i> ³⁰⁹
1971		LXXVI Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Sobras do passado, Namastê, Ode a la France (da série Debussy)</i> ³¹⁰
1972		LXXVII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Nossa Senhora Rainha do Universo</i> ³¹¹
1973		LXXVIII Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Profetas, Oratório (São Jerônimo), Le vent dans la plaine (da série Debussy)</i> ³¹²
	Março		Galeria Centro Lume	³¹³
1974	Maio	Primeiro Salão dos Grandes Mestres da Pintura no Brasil ³¹⁴	Prefeitura Municipal de Nova Friburgo - Secretaria de Educação e Cultura, Nova Friburgo, RJ	
	Novembro	XIX Salão Valenciano de Artes Plásticas	Academia Valenciana de Letras- Valença, RJ	<i>Berceuse do menino morto</i> ³¹⁵

³⁰⁵ A página traz também retrato a óleo de Ismailovitch, e de esculturas de Angelo Pereira e Tilde Bonicelli. LXXIII Salão de Nacional de Belas Artes – 414 Expositores disputam prêmios em várias seções. O JORNAL, 2º cad. 29 set. 1968, p.9 [Álbum de recortes VIII, p. 10] . Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pagfis=68110 . Acesso em: 02 fev. 2021.

³⁰⁶ Catálogo do LXXIII Salão Nacional de Belas Artes, 1968 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰⁷ Catálogo do LXXIV Salão Nacional de Belas Artes, 1969 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³⁰⁸ 75º Salão Nacional de Belas Artes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento244102/salao-nacional-de-belas-artes-75-1970-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 06 de Jun. 2021 – Maria Margarida seria uma dos oito artistas premiados, ao lado do consagrado Oswaldo Teixeira.

³⁰⁹ Catálogo do LXXV Salão Nacional de Belas Artes, 1970 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹⁰ Catálogo do LXXVI Salão Nacional de Belas Artes, 1971 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹¹ Catálogo do LXXVII Salão Nacional de Belas Artes, 1972 – Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹² Catálogo do LXXVIII Salão Nacional de Belas Artes, 1973 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹³ Carta de agradecimento da Centro Lume pela exposição das obras de Maria Margarida na galeria. Datada e assinada em 21 mar 1973. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹⁴ Carta da Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, RJ em agradecimento a participação. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹⁵ Certificado de participação. Jubileu de prata. XIX Salão Valenciano de Artes Plásticas. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

		LXXIX Salão Nacional de Belas Artes ³¹⁶	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	
1975		LXXX Salão Nacional de Belas Artes	Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)	<i>Abolição, Anjinho preto, Anjinho branco</i> ³¹⁷
1982			Galeria de Arte/ Leblon , RJ	318
1983	Dezembro	Salão de Artes Plásticas do Instituto Brasil-União Soviética	Instituto Brasil-União Soviética	319
1985		VIII Salão Nacional de Artes Plásticas. “A outra geração 80” ³²⁰	Museu de Arte Moderna/ FUNARTE	321

³¹⁶ Catálogo do LXXIX Salão Nacional de Belas Artes, 1974. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc2ej3x2>. Acesso em: 10 mar. 2022.

³¹⁷ Catálogo do LXXX Salão Nacional de Belas Artes, 1975 - Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

³¹⁸ Não consta indicação de data e jornal [Album de recortes XI p. 127]

³¹⁹ Diploma de participação como convidada na seção Pintura. Salão de Artes Plásticas do Instituto Brasil-União Soviética. Datado e assinado em 12 de dezembro de 1983. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti.

³²⁰ Salão Nacional: as tintas postas em questão. *O Globo*, Segundo Caderno, 13 dezembro 1985, p. 1

³²¹ “A outra geração 80” com curadoria de Quirino Campofiorito, com artistas com mais de 80 anos. Maria Margarida esteve entre os vinte artistas veteranos homenageados, em meio a destacados artistas de sua geração. Integravam a mostra, além de Quirino e Margarida: Volpi, Fulvio Penacchi, Walter Levy, Felícia Leirner, Hugo Adami, Tamaki, Zélia Salvado, Bruno Giorgi, Geza Heller, Alfredo Herculano, Geraldo Orthoff, Silvia de Leon, Armando Vianna, Manoel Santiago, Hilda Campofiorito, Cassio M. Boy, Theodoro de Bonas e Livio Abramo. Idem.

4 A COLEÇÃO, O COLECIONADOR E O INVENTARIO

O ato de colecionar e a sua consequência, as coleções, se perde na memória coletiva acompanhando o homem desde a Pré-história. A história do colecionismo se funde com a história dos museus, desde os gabinetes de curiosidades até a criação dos museus nacionais no século XIX, contribuindo continuamente para o enriquecimento dos seus acervos. Os motivos que levam os colecionadores a criarem suas coleções podem ser provenientes de estímulos diversos, no entanto uma coisa comum entre eles, e que lhes confere grande importância, é que são todos guardiões de memória.

O acervo dos irmãos Eduardo e Leonardo Mendes Cavalcanti se caracteriza pela dinamicidade já que se encontra em constante processo de aquisição. A coleção da artista é o núcleo central de onde partiu a minha pesquisa, cuja formação é imprescindível conhecer.

Cabe, contudo, esclarecer dois conceitos-chaves dessa prática: coleção e colecionismo. Segundo Krzysztof Pomian (1934), um dos principais teóricos sobre o tema, em uma extensa análise sobre o seu significado das Coleções, indica uma infinidade de possibilidades de objetos colecionáveis, e nos convida a observar que as coleções estão por toda a parte:

[...] Conjuntos de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, submetidos a uma proteção especial e expostos ao olhar, acumulam-se com efeito nas tumbas, nos palácios dos reis e nas residências de particulares.³²²

No entanto, ele também nos adverte sobre a distinção entre um conjunto acumulado de objetos naturais ou de artefatos, descritos como se fosse um inventário -, e a busca de uma unidade, de elementos comuns a estes objetos que os levem a ganhar um outro sentido, que não mais o de utilidade.

O ato de colecionar e a sua consequência, as coleções, se perde na memória coletiva acompanhando o homem desde a Pré-história. Motivados por razões que desconhecemos e que vão além da sobrevivência, os estudos arqueológicos nos mostram que acumulavam repetidos artefatos.

Na Antiguidade surgem as cidades-estados e os Estados organizados, e com eles a formação das primeiras elites urbanas colecionadoras. O acúmulo de riquezas e conhecimentos frutos de transformações decisivas desse período, levaram ao aperfeiçoamento da linguagem cujo apogeu foi o nascimento da escrita ocorrido na Suméria de ~3.150 a.C.³²³ Na Mesopotâmia surgem os primeiros livros da humanidade e as primeiras bibliotecas, sabemos de muitas

³²² POMIAN, 1984, p. 55

³²³ MARSHALL, 2005, p. 14

coleções na Grécia e Roma e, em todas essas sociedades, o colecionismo também era fruto de saques normalmente associadas a espólios de guerra, produtos provenientes de diferentes povos. As maiores coleções eram as romanas, com objetos vindos de todos os lugares de seu império, desde egípcios, romanos, gregos, judaicos, outros vindos da Ásia e do norte da África, expostos com finalidade de ostentar riqueza, educação e bom gosto, bem como demonstrar seu poder de dominação.³²⁴

Na Idade Média o colecionismo permanece através das igrejas e monastérios principalmente com as relíquias de santos, mas ainda acumulavam variados objetos doados pela população e pela realeza, que seguia colecionando. Desta forma o clero e os detentores do poder afirmavam a sua posição dominante.

No Renascimento, o humanismo propulsiona uma grande mudança de perspectiva e de valores em substituição ao domínio do teocentrismo que prevalecera por séculos. Durante esse período se dá a formação de novos grupos sociais com diversidade de ocupações e interesses, são acadêmicos, cientistas e estudiosos que buscam nas coleções a possibilidade enunciarem novos saberes, um conhecimento mais ampliado do mundo. Favorecidos pela Expansão Marítima, as realezas europeias e os intelectuais dos séculos XVI e XVII adquiririam suas próprias coleções. Os vestígios da cultura clássica grega e romana, tornam-se valorizados e disputados pelos humanistas e poderosos, e se tornariam o norte principal do colecionismo nesse período.

É nesse contexto que surgem os Gabinetes de Curiosidades, os Wunderkammer, conhecidos por abrigarem coleções extremamente diversificadas, em armários ou cômodos que reuniam diversos objetos, espécimes de fauna e flora, livros raros, obras de arte da Antiguidade e modernas, frutos da curiosidade do homem renascentista, elementos representativos e significativos da cultura da época. Ao mesmo tempo esses colecionadores financiavam artistas, como Leonardo da Vinci, Rafael e Botticelli na criação de obras para suas coleções.

Durante o Renascimento se inicia essa divisão, os colecionadores começam a se especializar e a definir perfis diferentes para suas coleções entre as áreas de Ciência e Arte. Mais adiante, essa divisão levaria ao surgimento do museu de belas artes e do museu de história natural, cada um ao seu tempo. Ao lado dos Wunderkammer surgem os Shatzkammers (tesourarias) que reuniam menos raridades e espécimes naturais, seu acervo continha basicamente objetos de alto custo, tais como ourivesaria, camafeus, esmaltes e gemas, miniaturas etc. Seguindo a mesma tendência existiam os Studiolos, pequenos aposentos que os

³²⁴ ALMEIDA, 2001. p. 127

nobres possuíam em seus palácios, onde se isolavam para usufruir de seus bens preciosos como livros, pinturas e esculturas. Era um símbolo de refinamento espiritual e mundano. Já existiam as galerias, destinados à exposição de obras-primas, eram áreas maiores, geralmente, salas muito longas, com numerosas arcadas ou janelas de um lado, pelas quais penetrava a luz que iluminava a parede oposta, onde se encontravam as pinturas.³²⁵ Todos esses espaços eram de acesso restrito a “alta sociedade” já que neles guardavam seus “tesouros”. A partir do século XVII começa a haver pressão para que as outras classes tivessem acesso às coleções e dessa forma propulsionam o surgimento dos primeiros museus e bibliotecas.

A história do colecionismo se funde com a história dos museus, chegando a ser considerado um fenômeno sociocultural necessário para o surgimento deles como os conhecemos na atualidade.

As coleções, portanto, podem ser constituídas por objetos infinitamente diversificados e que elas existem em variados contextos os quais determinam o valor dado aos objetos produzidos em cada um deles. A prática do colecionismo estabelece vínculos entre o indivíduo e a esfera social através da sua relação com determinados objetos, assim é possível dizer que é uma das formas de reconhecimento e de interação do sujeito com o mundo. Conforme Suano, (1986) os estudos sobre o tema levam a crer que:

(...) recolher aqui e ali objetos e “coisas” seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou então dominar. Por isso é que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em “coleção”³²⁶

4.1 A coleção dos Mendes Cavalcanti

A coleção que deu partida a essa pesquisa, faz parte de um acervo de propriedade dos irmãos Eduardo e Leonardo Mendes Cavalcanti, e se localiza na cidade do Rio de Janeiro, que será designada como Coleção Mendes Cavalcanti.

Para conhecer a história por trás dessa coleção, eu entrevistei Eduardo no dia 14 de fevereiro de 2021, através do aplicativo Zoom.

Eduardo Mendes Cavalcanti é administrador de empresas e membro do Conselho Científico de Exposições do Museu Nacional de Belas Artes e, junto com seu irmão Leonardo Mendes Cavalcanti, engenheiro por formação, possuem e administram uma empresa familiar de eventos e são proprietários de um acervo composto pelas coleções de obras de Dimitri

³²⁵ GIRAUDY e BOUILHET, 1990. p 25-27

³²⁶ SUANO, 1986

Ismailovitch e de Maria Margarida Soutello, bem como documentos textuais e fotográficos relacionados a elas. Ambos têm grande interesse por arte e trocam informações a respeito de novas aquisições para o acervo, no entanto Eduardo é o responsável pela administração e consultoria artística, enquanto seu irmão se ocupa dos aspectos financeiros.

O embrião do acervo surgiu com seus pais, que desenvolveram amizade com ambos os artistas e possuíam 10 quadros que haviam sido presenteados por eles. Seu pai, Manuel Mendes Cavalcante Filho, era médico cirurgião e oficial de marinha, e durante certo período foi diretor do hospital da Marinha, localizado na Praça Mauá, RJ. A mãe se chamava Laurita de Almeida Mendes, era dentista e trabalhou muitos anos no Instituto do Açúcar e do Alcool, extinto em 1990. Eduardo não soube especificar como seus pais conheceram os artistas, mas acredita que tenha sido em alguma recepção, ou exposição de arte, possivelmente no Clube Naval, local onde acontecia variados tipos de eventos sociais.

Essa relação de amizade aparenta ter sido bem próxima porque Eduardo contou que Maria Margarida chamava seu pai de “Nezinho”, diminutivo de Manoelzinho, e ele, como diretor de um hospital, oferecia tratamento médico para o Ismailovitch e Maria Margarida e normalmente mandava um motorista para buscá-los. Ele complementou comentando que naquela época não existia plano de saúde e as coisas eram bem mais difíceis, e dessa forma a amizade também foi se consolidando.

Entre as obras presenteadas estão retratos do pai, da mãe, do irmão e da sua tia, ambos feitos por Ismailovitch.³²⁷ Sobre Maria Margarida Eduardo Mendes Cavalcanti comenta que:

[...] antes do meu irmão nascer, ela fez um anjo, ... ela pintava ícones, esses anjinhos, e deu de presente para minha mãe na véspera do nascimento do meu irmão falando que este anjo seria ele, a gente guarda essa obra com muito carinho, [...] além do colecionismo em si, tem um envolvimento, um carinho, por essas coisas, por esses detalhes todos.³²⁸

Desde pequenos, eles se acostumaram com essas obras em casa. Essas memórias afetivas despertariam neles o interesse por arte e futuramente os influenciariam a dar continuidade ao pequeno acervo familiar. Ao falar sobre a diversidade de motivações e subjetividades que podem levar a colecionador a reunir objetos e formar uma coleção, Pomian, conclui:

[...] um estudo das coleções e dos colecionadores não pode fechar-se no quadro conceitual de uma psicologia individual que explica tudo utilizando

³²⁷ Eduardo lamenta não ter um retrato dele porque coincidiu com o período em que seu pai adoeceu seriamente e sua mãe se distanciou socialmente para poder cuidar dele.

³²⁸ Entrevista com Eduardo Mendes Cavalcanti, realizada em 14 de fevereiro de 2021, através do aplicativo Zoom. Rio de Janeiro, RJ

como referências noções como o “gosto”, o “interesse” ou ainda o “prazer estético”. É exatamente o fato de o gosto se dirigir para certos objetos e não para outros, de se interessar por isto e não por aquilo, de determinadas obras serem fonte de prazer, que deve ser explicado. Os caracteres dos indivíduos, a sua maior ou menor sensibilidade, são importantes apenas na medida em que a organização da sociedade deixa um espaço livre ao jogo das diferenças individuais.³²⁹

Em meados dos anos de 1970, quando Eduardo tinha doze anos, seu pai ficou muito doente e isso se estenderia por alguns anos até o seu falecimento. Durante esses tempos tão difíceis com a mãe trabalhando, cuidando do marido doente e de seus dois filhos, acabaram perdendo o contato com os artistas.

O núcleo inicial do pequeno acervo familiar era composto por dez obras apresentadas, quatro de Maria Margarida Soutello, e seis de Dimitri Ismailovitch. Os irmãos só começariam a colecionar obras de ambos os artistas bem mais tarde, no início dos anos de 1990, quando Eduardo começou a frequentar o mercado de arte. Ao perguntar sobre as motivações e o despertar do interesse deles sobre os artistas, o entrevistado comenta:

[...] em primeiro lugar foi...o meu interesse por arte, há mais de 25 anos eu comecei a frequentar leilões de arte, e a partir daí eu fui tendo o contato com obras deles, não só do Ismailovitch como da Maria Margarida, e aí sim, a partir desse início da minha participação no Mercado de Arte, como em leilões principalmente, a gente foi adquirindo, aos poucos, ... durante muitos anos, ou seja a partir de um momento você já fica um pouco conhecido e os comerciantes, os marchands de arte eles já te oferecem diretamente, são coisas que às vezes nem vão para leilão [...].³³⁰

Segundo Eduardo, existe um controle da coleção desde a aquisição de cada obra, com o arquivamento das notas fiscais e atualização de dados em listagens. Dependendo do estado de conservação em que se encontram, na medida do possível, elas vão sendo restauradas e conservadas, em uma parceria com uma restauradora e sua equipe.

Atualmente, a coleção Maria Margarida Soutello tem aproximadamente 100 obras, a grande maioria óleo sobre tela, alguns estudos preparatórios em papel e uma minoria em óleo sobre madeira, normalmente são anjinhos e ícones. Além das obras da coleção o acervo dos irmãos conta com três álbuns de recortes que ela produziu durante sua carreira artística, outros oito produzidos por Ismailovitch, além de alguns documentos e fotos de ambos os artistas, constituindo uma riquíssima fonte de estudo.

³²⁹ POMIAN, 1984. p. 75

³³⁰ Entrevista com Eduardo Mendes Cavalcanti, realizada em 14 de fevereiro de 2021, através do aplicativo Zoom. Rio de Janeiro, RJ

Para além das memórias afetivas de infância que influenciaram o interesse dos irmãos pela arte e a criação das coleções, me interessava saber qual a visão pessoal do colecionador sobre a artista, o que instiga essa “paixão” por Maria Margarida e sua obra? Em resposta Eduardo afirma:

[...] ela é uma artista, uma pintora realmente impressionante, eu acho ela muito moderna pra época e ela teve uma formação muito sólida, uma formação junto com Ismailovitch, que é um pintor também de uma formação muito consistente, e enfim, acadêmica incluindo arte russa, arte bizantina, uma série de técnicas... e ela herdou muita coisa do Ismailovitch apesar de ser um estilo completamente diferente,... ela criou um estilo próprio...” e eu acho que agora é o momento, através do seu trabalho de divulgação da pintora, disso poder vir à tona e que isso seja mostrado em exposições, em livros de arte pra que os historiadores de arte, que os críticos de arte, estudem e se manifestem sobre essa pintora.³³¹

Dando continuidade a questão do esquecimento e aos aspectos que considera importante sobre a artista, Eduardo comenta: “... a pintura deles foi bem conhecida aqui no Rio, no final dos anos 30, anos 40 e anos 50, que foi o auge da carreira deles, no circuito de arte aqui no Rio de Janeiro.”³³²

A seguir, ele discorre sobre a carreira de Maria Margarida, sua participação em exposições, salões e premiações adquiridas ao longo da carreira, coleções no Brasil e exterior onde está representada, críticas que recebeu, ou seja, uma série de informações que foram abordadas no capítulo 3 dessa dissertação. Num segundo momento, Eduardo falou da importância de uma série de pinturas onde a artista trabalha com o jogo de luz onde as sombras são coloridas; de uma série de obras onde ela dialoga com obras de Tarsila do Amaral, sobretudo nos fundos geométricos e cubistas. Chamou a atenção para o fato de Maria Margarida abordar a questão racial no Brasil, colocando o negro em papéis que no imaginário coletivo seriam “lugares de brancos”, entre essas podemos citar “Anjinho Negro”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Madona Negra” e o “Christo Negro”, as duas primeiras fazem parte da coleção dos irmãos. Sobre a presença de muitos personagens negros na obra da artista ele espera que no futuro essa questão seja analisada com muita atenção.

Sobre a importância das coleções que tem no seu acervo particular, ele contou que nos anos de 1980 e 1990 Maria Margarida e Ismailovitch estavam completamente esquecidos em termos da importância artística e fora do circuito de arte. Com o início das suas aquisições, com

³³¹ Idem

³³² Idem

o passar do tempo, foi crescendo o interesse do mercado, e os artistas que têm um trabalho sério e de alta qualidade, foram sendo percebidos e valorizados e passaram a ser disputados.

4.2 O inventário e a pesquisa

Para comentar a elaboração do Inventário de Maria Margarida Soutello, cabe situar essa prática no contexto de sua aplicação. Em meio ao desenvolvimento dos conceitos e teorias sobre a preservação dos bens culturais e a busca por metodologias e técnicas que garantam a salvaguarda do patrimônio, o inventário surge como um instrumento de conhecimento e documentação com o objetivo de desenvolver ações de preservação do bem cultural a nível internacional.

Os primeiros inventários brasileiros surgem no período colonial, como instrumentos de prestação de contas a Portugal, registrando os bens e acervos no território nacional. E seriam revestidos de novo significado a partir dos anos 1920, quando a sociedade brasileira, sob a liderança dos intelectuais do movimento modernista, promoveria uma busca das raízes nacionais, daquilo que seria genuinamente brasileiro e que estaria desaparecendo diante da europeização das cidades. Guiados pelo instinto preservacionistas de uma brasilidade estética, intelectuais e artistas saíram em caravanas procurando evidências do que seria essa herança cultural que precisava ser conhecida e protegida, e o inventário foi a metodologia aplicada para fazer o levantamento do nosso patrimônio. A ideia de inventário, enquanto gênero de trabalho sistemático de registro e documentação, estava presente no anteprojeto de Mário de Andrade para a criação de um órgão nacional de preservação do patrimônio e, que se materializaria no surgimento do SPHAN em 1937.

Antes mesmo da criação do órgão oficial, nos vários projetos de salvaguarda do patrimônio propostos ao longo da década de 1920, está presente a obrigatoriedade de inventariação dos bens culturais³³³. Em meados dos anos 1960, novas concepções de patrimônio passaram a ser adotadas e uma sequência de ações resultariam no desenvolvimento das concepções atuais de patrimônio. O relatório da missão da Unesco chefiada por Michel Parent, que visitou o país em 1967, foi recomendada a inserção do patrimônio brasileiro no circuito turístico internacional, para o que seria necessário desenvolver ações de apoio, entre as quais

³³³ MIRANDA, Marcos Paulo. O inventário como instrumento constitucional de proteção ao patrimônio cultural brasileiro.

um inventário dos bens artísticos e naturais³³⁴. Em 1968, a UNESCO incluiu a cidade de Ouro Preto na lista de Patrimônio da Humanidade.

A constante utilização dos inventários como instrumento de identificação e proteção culminaria com sua incorporação na Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 216, § 1º, é alçado a instrumento jurídico de preservação do patrimônio cultural, ao lado do tombamento, da desapropriação, dos registros, da vigilância e de outras formas de acautelamento e preservação.³³⁵ A partir disso no âmbito do IPHAN, desenvolveram-se diferentes categorias de inventários definidos pela sua função:

O inventário tem como objetivo o conhecimento real e sistemático dos bens e valores para salvaguarda e proteção, podendo-se consolidar em três tipos: inventários de identificação – meras listagens dos bens culturais, inventários científicos – instrumentos para se esgotar o conhecimento dos mesmos e tem uma função principalmente acadêmica, já os inventários de proteção – entende-se pela reunião dos dados suficientes para a proteção dos bens culturais.³³⁶

Consequentemente, percebe-se que no desenvolvimento do campo do patrimônio cultural, a relação “conhecer” está associada diretamente a condição de “proteger”. Segundo Motta³³⁷, convém observar que a redação da Constituição não estabelece que os inventários sejam uma forma de proteção legal, mas que podem ser um modo de promover os bens culturais servindo como referência para a aplicação de políticas de acautelamento e preservação. E destaca a importância dos inventários como produtores de conhecimento que visam identificação, classificação e valorização, e sua promoção na forma de sistemas informatizados acessíveis ao público, que dão suporte para muitas pesquisas e estudos em relação aos bens inventariados.

A construção de um inventário da produção de Maria Margarida colocou-se como questão prioritária, para permitir, por meio da sistematização de informações e registros, a reconstituição do conjunto dessa obra hoje dispersa.

A ausência de tem um padrão de classificação das obras de arte resulta que grande parte da coleção não esteja acompanhada de informações como título e ano de elaboração, e, este dado, mesmo quando registrado pela artista, por vezes esta ilegível. Como se dispunha dos registros fotográficos só de parte da coleção.

³³⁴ LEAL, 2008. O Compromisso de Salvador, 1971, incluiu entre suas recomendações que o Iphan realizasse convênios com universidades para a realização de inventários sistemáticos.

³³⁵ In: Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. art. 216.

³³⁶ NAKAMUTA, A. S. A trajetória de preservação dos bens culturais móveis e integrados sob a ótica dos inventários: algumas reflexões.2006

³³⁷ MOTTA, Lia; SILVA, M. Beatriz Resende. IPHAN, 1988

Como decorrência, elegeu-se como fonte prioritária o conjunto de onze álbuns³³⁸ digitalizados no formato PDF e disponibilizados pelo colecionador Eduardo Cavalcanti para consulta exclusiva deste projeto. Ismailovitch tinha uma prática de coleta de notícias sobre a sua atuação e assim produziu oito álbuns reunindo e documentado o que se escreveu sobre ele na imprensa mundial ao longo de sua carreira artística e que também apresentam muitos artigos que contemplam informações de Maria Margarida, e suas diversas exposições juntos. A artista produziu os outros três álbuns que compõe o conjunto descrito no Anexo I, que juntos cobrem o período que vai dos anos 1930 aos 1970. Neles estão documentados os principais anos de sua carreira, vida social, recortes de interesse particular, programas de suas exposições, algumas cartas, telegramas e convites recebidos, entre outros documentos.

A riqueza do material contido nesses álbuns foi fundamental para permitir a organização de referências sobre a produção artística de Maria Margarida Soutello, que resultasse no Inventário. Como metodologia, construiu-se uma base de dados que reúne informações como título, ano, séries e links de publicação na imprensa e outros meios de documentação.

A partir de sistematização das informações contidas nos álbuns de recortes, estabeleci uma ordem cronológica busquei os títulos dos periódicos na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Isso porque em muitos recortes as referências de data estavam ilegíveis ou suprimidas. Essa busca implicou, portanto na inserção de diferentes grafias do nome da artista e de seu mestre, a fim de encontrar a publicação correspondente a que constava no recorte de determinado álbum.

Diante da referência localizada, passei para a fase de extração de dados e arquivamento das informações em arquivos temáticos, contemplando os seguintes itens: a cópia dos nomes das obras e suas respectivas imagens quando ilustradas, a data da publicação para estabelecer o período aproximado da mesma já que na maioria das fotos a data não é legível, e a série a que pertence; as exposições e salões; as críticas e impressões sobre a obra da artista; suas entrevistas; sua relação de troca e amizade com intelectuais da época.

Em cada uma das fontes houve extração das referências, tais como: o nome do periódico, data, título da matéria, nome do colunista quando disponível, e o link da referência.

É importante salientar que muitos artigos não trazem as imagens das pinturas, mas algumas são descritas na apreciação do colunista. Nesse processo, tive que confrontar as imagens sugeridas com as obras da Coleção Mendes Cavalcanti para poder identificá-las com seus respectivos títulos e datas.

³³⁸ O conjunto de álbuns foi adquirido em uma única transação pelo colecionador Eduardo M Cavalcanti através de um comerciante de arte. Os álbuns medem 40 x 60 cm e têm mais de 80 páginas.

Esses paradoxos foram uma constante durante a construção do inventário, por um lado tenho o quadro na Coleção, mas não tenho o título. Outro exemplo desse confronto é uma outra versão da mesma obra que foi descoberta por meio de detalhes na imagem publicada na imprensa, a da Coleção Mendes Cavalcanti pertence a um período mais recente.³³⁹

As diferentes atribuições de nomes para uma mesma obra foi uma outra questão, seja em distintos veículos impressos e até mesmo em períodos diversos. Para fazer esse confronto, foi preciso me cercar de várias informações simultâneas para me certificar ou não que se tratava de determinada obra. Na imprensa, os eventos motivadores para as matérias são as exposições e os salões, e muitas vezes a mesma exposição tem determinados quadros anunciados em um jornal, enquanto outro veículo apresenta outros quadros.

Ao longo da pesquisa, levantou-se 261 títulos, que foram confrontados com diferentes fontes de informações. Durante esse processo fiz contato com instituições de Portugal como o Museu Angra do Heroísmo, de Açores e a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, que disponibilizou fotos de obras da artista contidas no arquivo pessoal de Diogo de Macedo³⁴⁰. No Brasil, identificou-se um quadro na coleção do Instituto Histórico Geográfico e Brasileiro – IHGB, e, por indicação do colecionador, consegui imagens de outras três obras de acervos particulares. Não foi possível obter imagem de obra mantida na reserva técnica do Museu de Belas-Artes.

A visita ao espaço de guarda onde se encontra uma parte da coleção, protelada em consequência da pandemia de Covid-19, só pode ser concretizada em setembro de 2021. Nesse momento, pude fotografar as obras, fazer anotações e manipular os originais dos Álbuns de recortes para tirar dúvidas sobre matérias incompletas que se apresentaram com cortes nas versões em PDF. Nessa oportunidade, tive acesso a documentos e fotografias e alguns catálogos de salões oficiais. Ainda não foi possível recolher a totalidade de quadros, porque alguns se encontram nas residências de familiares e outras foram encaminhadas para restauração.

De posse das fotos da grande maioria de obras da Coleção Mendes Cavalcanti, certificação de suas datas e cópia de novos documentos, recomecei a fase de confronto de informações.

³³⁹ Esse caso se aplica por exemplo, a obra “ Sentimento do Mundo” cuja a primeira versão é datada de 1941, identificada através de imagem num periódico, mas a versão da CMC a data é de 1961. Um detalhe no fundo da obra permitiu essa distinção e confrontação.

³⁴⁰ Escultor, museólogo e escritor português, Diretor de Museu de Chiado-Portugal, que além de amigo de Maria Margarida escreveu sobre ela, Ismailovitch e Morel no texto denominado “Um trio de arte”.

Ao longo da pesquisa observa-se que a artista reapresenta algumas obras em diferentes exposições e períodos, o que gera novas publicações e muitas vezes novas informações agregando novas referências e informações complementares de determinada obra no Inventário.

4.3 O inventário e a base de dados

Como resultado, o Inventário de obras de Maria Margarida Soutello foi construído num banco de dados do software Access da Microsoft e atualmente é composto por 261 itens com critério de sistematização que obedecem a seguinte ordem: lista de títulos, data confirmada ou aproximada, imagem da obra, referências digitais e informações complementares.

Nesta etapa da construção do inventário ainda não consta número de registro da obra que será estudado posteriormente a partir de considerações e a evolução do mesmo, no entanto o sistema gera uma numeração automática que permite quantificar e localizar determinados item.

- Título da obra

Os títulos seguem a grafia e a ortografia apresentadas nas referências digitais e informações complementares onde foram localizados.

Alguns títulos apresentam mais de uma versão e quando a imagem ou a descrição dela condiz com ambas versões, o outro título vem ao lado e entre parênteses.

Quando em língua estrangeira, segue o título original

Nas obras não identificadas o critério adotado foi “ Título desconhecido” e entre parênteses uma breve descrição da obra. Não adotei a identificação “sem título, normalmente usada nas referências de inventários e catálogos porque quis ser coerente com o fato da artista sempre ter nomeado suas pinturas e o desconhecimento deles é a limitação de informações. Até o presente momento foram relacionados 261 itens.

- Data da Obra

A data contempla o ano inscrito na obra, ou nas imagens localizadas nas referências digitais e ou informações complementares, quando estas estão legíveis. No caso de datas não assertivas o critério foi o uso de “circa” e a data mais próxima ao evento onde ela se apresentou pela primeira vez. Este campo se localiza ao lado da data sendo assinalado quando for o caso de ser data aproximada.

- Imagem

Esse campo contempla imagens da Coleção Mendes Cavalcanti, de fotos e documentos que compõem o Acervo dos irmãos, e aquelas localizadas nos periódicos pesquisados, fazendo um montante de 180 imagens. Os títulos cujas imagens ainda não foram localizadas, consta uma foto da artista com sua paleta de tintas e com a inscrição “sem imagem”.

- Referências Digitais

Nesse campo estão relacionados os links dos periódicos e publicações localizados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional ou outras fontes digitais.

- Informações Complementares

Quando existem outras informações que venham agregar conhecimento ao histórico da obra, tais como:

- Outras fontes de pesquisa como o caso dos Álbuns de recortes onde constam alguns Catálogos de exposições ou matérias não localizadas na hemeroteca digital
- Informações dos Catálogos de Salões em que participou
- Coleção a que pertenceu e ou que pertence atualmente

CONCLUSÃO

A minha primeira intenção com essa dissertação era conhecer a trajetória de vida e obra de Maria Margarida de Lima Soutello (1900-1996), essa mulher luso-brasileira culta e inteligente que construiu a si mesma com muita determinação, enfrentando dificuldades e limitações pessoais desde criança, a partir do momento em que ela e sua família emigraram para o Brasil.

A artista iniciou sua carreira aos 33 anos e circulou no meio artístico e intelectual entre as décadas de 1930 a 1970. Ao longo destes cinquenta anos construiu uma fecunda e significativa produção artística, com uma marca própria e original. Recebeu prêmios em Salões de Arte, participou de inúmeras exposições, teve sua obra representada em coleções de vários países, mas foi esquecida, silenciada pela História da Arte, fenômeno muito comum no mundo das mulheres artistas e que só começou a ser revista a partir da década de 1970, com o desenvolvimento dos estudos sobre gênero.

Partindo das obras da Coleção Mendes Cavalcanti e dos recursos documentais, como os álbuns de recortes da artista e de seu “professor” D. Ismailovitch, disponibilizados pelos proprietários, foi possível estabelecer uma metodologia de levantamento de referências em periódicos e revistas que resultasse num inventário do conjunto de sua obra. Essa iniciativa permitiu que se extrapolasse o conhecimento de suas obras para além da Coleção e que também se estabelecesse uma cronologia das suas participações em exposições e salões.

Simultaneamente fui extraindo desse material alguns dados para compor sua biografia, e com o complemento de outras fontes de pesquisa, conforme indica o capítulo 2, foi possível reconstituir seu percurso pessoal desde a infância em Açores, sua terra natal, até seu casamento com Morel Soutello e sua iniciação na pintura com o “professor” Ismailovitch.

Maria Margarida, foi uma mulher com interesses múltiplos e significativos, como as diferentes línguas que se determinou a aprender, sua paixão pela literatura dos grandes mestres russos, pela música e pelos estudos de metafísica. Sua intelectualidade permeava e dava sentido a sua obra, sua figuração extrapola a visualidade estética e emerge em simbolismos e interpretações muito particulares, que a fizeram se destacar e também se distanciar das influências de seu mestre em várias fases da sua produção. Estudou química e física para evoluir suas pesquisas de luz e sombra e aplicá-las numa variedade de obras. Em 1939, em entrevista à revista *O Cruzeiro*, a artista afirmou que “para pintar bem, é necessário ter consciência de muitas

coisas [...]. E nas coisas mais simples, procuro marcar pensamentos, os mais complexos. E os livros que me ensinam a pensar”³⁴¹

Seu interesse pelo mundo da simplicidade, de objetos e elementos que fazem alusão a vida dos pobres, seu olhar sobre os negros ao retratá-los em papéis que lhe haviam sido negados, tanto na religião, com os anjinhos, mandonas e mesmo um Cristo negro, quanto no universo infantil, como na obra “Chapeuzinho vermelho”, revelam um profundo senso humanista, o carácter transgressor da sua obra e reafirmam seu ideário de igualdade racial expostos em sua produção artística ao longo de sua trajetória.

Maria Margarida por muito tempo foi considerada pelo sistema da arte, tendo sido citada com frequência, nas décadas de 1930 a 1950, nos noticiários da imprensa e nas colunas críticas, com menos prestígio nas duas décadas seguintes, mas ainda com ativa participação em exposições e salões nacionais até os anos 1970.

A historiografia do Modernismo brasileiro, marcado pela disputa entre grupos de acadêmicos e modernos, foi deixando a margem artistas que não abriram mão do figurativo e do livre uso das cores; resultando no ofuscamento de inúmeras produções com variados temas e técnicas. A partir da década de 1950, com o surgimento e enaltecimento do abstracionismo, do concretismo e posteriormente de outras vertentes de vanguardas artísticas, a obliteração das produções de artistas que continuavam circulando ativamente em circuitos paralelos aos do discurso hegemônico das artes plásticas, foi se mantendo e apagando a memória da trajetória de muitos deles, principalmente das artistas mulheres.

Maria Margarida fazia parte de um desses círculos que teve sua memória ofuscada apesar de ter se mantido presente e atuante até meados dos anos 1970, quando teve duas grandes perdas na sua vida, seu marido Morel Soutello em 1972 e o seu “ professor” Ismailovitch, em 1976. Mesmo na solidão do “Mosteiro” a artista continuou produzindo e vendendo suas obras para seu sustento. Ela delineou uma trajetória muito pessoal, com muita coerência, viveu de acordo com suas dificuldades financeiras, com suas paixões, com muita integridade sobre a sua vida e a sua obra. Não gostava dos rótulos, não queria ser enquadrada, ao falar sobre sua arte ela diz:

[...] quero sentir o bem que ela me faz, porque a arte, quando não faz bem ao artista, não é arte. Tenho-a como algo de infinito, e por isso, até hoje, não me pude conformar com a ideia de que pudesse enquadrá-la, ou antes, limitá-la a essa ou aquela escola, a esta ou aquela corrente. Se assim o fizesse, estaria ligada a alguns milhares de criaturas, mas me sentiria separada de outros milhões que fazem o conjunto total.³⁴²

³⁴¹ O CRUZEIRO, 1939. p.39

³⁴² MENEZES, Maria Wanderley. A mulher e a pintura. *Carioca*, 2 set. 1948.

Tem-se a expectativa de que o Inventário, ao reunir e sistematizar inúmeras informações, contribua para o surgimento de novos estudos e pesquisas sobre a artista e sua obra. Até o momento foram listados 261 títulos, e destes, 180 tiveram suas respectivas imagens localizadas com o cruzamento de informações realizadas durante o processo de construção do mesmo.

Durante a pesquisa nos periódicos foram encontradas em torno de 75 imagens sendo que 41 delas são inéditas, ou seja, ainda não foram localizados os seus originais em coleções públicas, particulares ou em outras fontes. A leitura das referências textuais complementada pelas imagens, permite que se compreenda melhor as críticas e comentários. A coleção de imagens levantadas nesse inventário preliminar abre novas possibilidades de leitura e interpretações sobre a obra de Maria Margarida, inclusive estudos sobre a materialidade e técnicas utilizadas pela artista nas suas pinturas.

Acredito que com o acesso a novas fontes que ainda se encontram inacessíveis devido ao fechamento temporário de algumas instituições de pesquisa, o inventário poderá ser alimentado com novas informações, estabelecendo novas conexões e desta forma ampliando o seu alcance.

Penso que a melhor devolutiva que posso oferecer por ter tido acesso a Coleção Mendes Cavalcanti e a documentação da qual partiu essa pesquisa e criação do Inventário, é a oportunidade da obra da artista ser lembrada e revisitada abrindo caminhos para a produção de novos conhecimentos e a sua reinserção nos livros de história da arte.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. *O “Colecionismo Ilustrado” na Gênese dos Museus Contemporâneos*. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 33, 2001.
- ÁLVARES, Devanilson. *A arte da guerra automotiva*. Clube de Autores, 2016. p.33. Pdf.
- ANDRADE R. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1939. In: ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Fundação Pró-Memória, 1987. (Publicações SPHAN, 38).
- BARBOSA, Ana Mae. Uma questão de política cultural: mulheres artistas, artesãs, designers e arte/educadoras. In: ANPAP- ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 14.2010, Cachoeirinha (BA). *Anais [...]*. Cachoeirinha, BA: [s. n.], 2010. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/anna_mae_tavares_bastos_barbosa.pdf. Acesso em: 09 out. 2020.
- BRAGA, Theodoro. *Artistas pintores no Brasil*. São Paulo: São Paulo Ed., 1942.
- BURACHEK, Mykola. In: Internet Encyclopedia of Ukraine. Disponível em: <http://www.encyclopediaofukraine.com/pages/B/U/BurachekMykola.htm>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle *História das Mulheres no Ocidente*- vols. 1 a 5. Trad. Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. T. orig. “Storia Delle Donne”. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebrasil, 1994-1995.
- DURAND, José Carlos. *Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva/ EDUSP, 2009.307p.
- ENDO, Maira. *A auto-organização no campo da arte no Brasil | 1922 – 1970*. Disponível em: <https://cortex.art.br/a-auto-organizacao-no-campo-da-arte-no-brasil-1930-1970/> Acesso em: 22 dez. 2021.
- FAMÍLIA Artística Paulista (FAP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo435942/familia-artistica-paulista-fap>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- KRYCHEVSKY, Fedir. In: Internet Encyclopedia of Ukraine. Disponível em: <http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkPath=pages\K\R\KrychevskyFedir.htm>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira*. uma análise das figuras femininas de Lima Barreto. 2003 Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7917/1/arquivo8135_1.pdf Acesso em: 03 jan. 2022.

GIRAUDY, Daniele e BOUILHET, Henri. *O Museu e a Vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GRITCHENKO, Alexis. In: Wikipedia, the free encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Alexis_Gritchenko. Acesso em: 12 abr. 2022.

GRUPO Santa Helena. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo520054/grupo-santa-helena>. Acesso em: 16 jan. 2022.

INSTITUTO PIANO BRASILEIRO – IPB. *Alexander Brailowsky (1896-1976)*. Acervo da Fundação TMRJ. 10 out. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/InstitutoPianoBrasileiro/posts/3047065418643028/>. Acesso em 08 abr. 2022.

KELLY, Celso Otávio do Prado. *Dados biográficos Celso Kelly e Prado Kelly*. 18/07/1971. Disponível em: <https://arquivoteca.tst.jus.br/uploads/r/tribunal-superior-do-trabalho-10/9/e/c/9ece9ae4540c8340e3f5818f624b5081b83324347477bbba9368b5d81c36b9f6b/06.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

LEAL, Claudia F. Baeta. *As missões da Unesco no Brasil: Michel Parent*. Rio de Janeiro: Iphan; Cepedoc, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc3_MichelParent_m.pdf. Acesso em: 21 jan. 2022.

LIMA, Roberto Galvão. *A escola invisível: artes plásticas em Fortaleza 1928 – 1958*. Fortaleza: Quadricolor Editora, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47932>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MACEDO, Diogo de. Ocidente. Revista Portuguesa Mensal Volume XLII. Nº 165 a 170. Notas de Arte. *A pintora Maria Margarida*. Jan. a jun. de 1952.p. 252-256.

MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan. /jun. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Marshall-2/publication/264849099_EPISTEMOLOGIAS_HISTORICAS_DO_COLECIONISMO/links/542ad07f0cf29bbc126a7565/EPISTEMOLOGIAS-HISTORICAS-DO-COLECIONISMO.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

MATIAS, Carlos dos Passos Paulo e ZANELATTO, João Henrique. *O Estado Novo foi uma mãe..., para o Villa-Lobos!* ESTUDIOS HISTÓRICOS – CDHRPyB- Año VIII - Julio 2016 - Nº 16 Disponível em: <https://estudioshistoricos.org/16/eh1614.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. *O inventário como instrumento constitucional de proteção ao patrimônio cultural brasileiro*, 2008. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/11164/o-inventario-como-instrumento-constitucional-de-protecao-ao-patrimonio-cultural-brasileiro>. Acesso em: 21 jan. 2022.

- MONTEIRO, Paulo, *Os Salões de Maio*. ARS (São Paulo) 6 (12). Dez 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-53202008000200008> . Acesso em 08 jan. 2022.
- MORAIS, Frederico. *Anos 60: a volta à figura: marcos históricos*. Apresentação: Ernest Robert de Carvalho Mange; texto: Frederico Moraes. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1994.
- MOTTA, Lia; SILVA, M. Beatriz Resende. *Inventário*. In: Dicionário do Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Invent%C3%A1rio%20pdf.pdf> . Acesso em: 01 dez. 2021.
- NAKAMUTA, A. S. *A trajetória de preservação dos bens culturais móveis e integrados sob a ótica dos inventários: algumas reflexões*. In: Cidade Revelada – Encontro sobre Patrimônio Cultural/I Fórum Nacional de Conselhos de Patrimônio Cultural, 9, 2006, Itajaí. Anais... Itajaí, IX Cidade Revelada, 2006, p. 4.
- NOSSO SÉCULO: *a memória fotográfica do Brasil no século XX*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Volumes I e II.
- PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014. (Coleção Estudos Museológicos, v.2).
- PAULO Gagarin. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24361/paulo-gagarin>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, v. 1, p. 75.
- PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- QUIRINO Campofiorito. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa146/quirino-campofiorito>. Acesso em: 07 maio 2022.
- REIS CARVALHO. Antônio dos Reis Carvalho. Pseudônimo: Oscar d'Alva. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=7611>. Acesso em 05 abr. 2022.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart, *Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil*. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Intercom – RBCC São Paulo, v.38, n.2, p. 275-288, jul./dez. 2015.
- RODRIGUES, José Damião; ROCHA, Gilberta Pavão Nunes. A emigração açoriana para o Brasil: ritmos e destinos. In: MEMÓRIAS, tradições e territórios. [S. l.: s. n.], ano. p.245-258.
- SALÃO Nacional de Belas Artes, 75. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento244102/salao-nacional-de-belas-artes-75-1970-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em: 06 jun. 2021.

SCHUTZ, Alfred. *O Mundo artístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Pro-Arte, 1954.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Anderson de Sousa. O Salão de Abril em dois momentos: Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e Prefeitura Municipal de Fortaleza (1944 – 1970). Dissertação PPG História Social/UFC, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14517/1/2015_dis_assilva.pdf. Acesso em: 12 maio 2021.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões*. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys11/escrivaines/anapaula.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

SMITH, Robert C. Brazilian Painting in New York. *Bulletin of Pan American Union*, 1939, Set. 1939, p.500-506.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p. Primeiros Passos.

VARGAS, Rosane. *Excluídas da memória. Mulheres no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul*. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História da Arte) – Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114583/000953062.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 out. 2020.

YASSUDA, Nathaly Silvia. *Documentação Museológica uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. Marília: Unesp, 2009.

ZHUK, Mykhailo. In: Internet Encyclopedia of Ukraine. Disponível em: <http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CZ%5CH%5CZhukMykhailo.htm>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Periódicos consultados

A ARTE de Maria Margarida. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 10270, 12 set. 1940, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pagfis=4534. Acesso em: 07 jun. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Ismailovitch e o Mosteiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 out. 1976.

ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 set. 1984. Segundo Caderno.

ANDREA, Zenaide. Bellas Artes, Ismailovitch sua pintura essencial e sua escola no Brasil, 9 dez. 1934. [Álbum de recortes, X, p. 23].

A NOITE, n. 10270, 12 set. 1940, p. 16.

A NOTICIA. Exposição Ismailovitch – Maria Margarida, O êxito de sua inauguração, no Palace Hotel, 17 set. 1943. [Álbum de recortes IX, p. 40].

AYALA, Walmir. Nostalgika. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. Ano1983, ed. 00019, 23 out. 1983. Caderno de leilão, Notas de Arte, p.12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_17/32207. Acesso em: 03 jan. 2021.

BENTO, Antonio. Retratos e abstrações de Ismailovitch. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 03 maio 1964. Artes e Letras, p.8.

BRAZIL HERALD. Visits do Rio Studios: Maria Margarida. Tuesday,16 July 1957. [Álbum de recortes XI, p. 124].

CAMPOFIORITO, Quirino. LX Salão Nacional de Belas Artes. *Vida Doméstica*. Rio de Janeiro, Vida Artística. s/d dez. 1955.

CARIOCA, 2 out. 1943 [Álbum de recortes IX, p. 45].

CASTRO, Branca de. Exposição de pintura do professor. D. Ismailovitch. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, N. 2918, 21 jun. 1936, Impressões de Arte p. 18
http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/27405. Acesso em: 03 jan. 2021.

CASTRO, Branca de. Artes Plásticas. Brasil Feminino, n. 25, s/d., p.7 [Álbum de recortes X, p.38].

CORREIO DA MANHA. Artes plásticas. Nossa Senhora das Artes. 17 dez. 1954 [Álbum de recortes XI, p. 118].

CORREIO DA NOITE. Rio de Janeiro. 18 set. 1940 [Álbum de recortes X, p. 122]

D´ALVA, Oscar. Salão Ismailovitch. *Fon-Fon*, Semanário Alegre, Politico, Critico e Esfusante, Rio de Janeiro, ed. 0050,15 dez. 1934, Notas de Arte, p. 51-54. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/86933>. Acesso em: 03 jan. 2021.

D´ALVA, Oscar. O Salão de 1935. *Fon-Fon*, Semanário Alegre, Politico, Critico e Esfusante, Rio de Janeiro, ed. 0039, 28 set. 1935, Notas de Arte, p. 16-18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20Soutello&pagfis=89656>. Acesso em: 03 jan. 2021.

D´ALVA, Oscar. O Salão de 1941 *Fon-Fon*, Semanário Alegre, Politico, Critico e Esfusante, Rio de Janeiro. n.42, 18 out. 1941, Notas de Arte, p. 20-21. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/106278>. Acesso em: 03 jan. 2021.

DIÁRIO CARIOCA .14 de novembro de 1937.p 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&Pesq=Ismailovitch&pagfis=40798. Acesso em: 03 jan. 2021.

DIARIO CARIOCA, O Salão dos Artistas Brasileiros, 5 jun. 1937 [Álbum de recortes X, p. 44].

DIÁRIO DA NOITE. Exposição de Ismailovitch e Maria Margarida. [Álbum de recortes IX, p.3].

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, n. 3615. 12 nov. 1937. Exposições p. 9.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14 mar. 1951, n. 08707, 14 mar. 1951, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/8502 . Acesso em: 03 jan. 2021.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Exposições. ed. 3903, 21 out. 1938, Segunda secção, No lar e na Sociedade, p. 9.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 25 dez. 1938. p.13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Maria%20Margarida%20de%20lima%20Soutello&pagfis=38428. Acesso em: 03 jan. 2021.

DIARIO DE SÃO PAULO, 23 nov. 1943 [Álbum de recortes IX, p. 58].

DUVAL, F. Guerra. O movimento artístico no Rio de Janeiro. Exposição G.I.M. *A Nação*, no. 204, 8 set. 1933, p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/120200/2972>. Acesso em: 03 jan. 2021.

ÊXITO de pintores em Poços de Caldas. *Gazeta de Notícias*. 21 fev. 1942. Belas Artes. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/10302 . Acesso em: 03 jan. 2021.

EXCELSIOR. Ed. 094. O Salão de 1935. Out. 1935, p. 723. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=169072&pasta=ano%20193&pesq=%20Maria%20Margarida%22&pagfis=846>. Acesso em: 05 jan. 2021.

FON-FON, Semanário Alegre, Politico, Critico e Esfusiante (RJ) Notas de Arte, 31 out. 1942. p.9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/108845>. Acesso em: 05 jan. 2021.

FON-FON: Semanário Alegre, Politico, Critico e Esfusiante (RJ) n.42, 18 ou 1941, p. 21. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/106278>. Acesso em: 05 jan. 2021.

FRIAS, Lena. Maria Margarida alfinetando os homens e as paisagens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 out. de 1976. Caderno B, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=149636 . Acesso em: 08 abr. 2021.

GANAT, Maria Margarida. Exposição D. Ismailovitch. *Gazeta de Notícias*. n. 239, 08 out, 1939. Literatura, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%20Maria%20Margarida%22&pagfis=23815. Acesso em: 05 jan. 2021.

GAZETA DE NOTÍCIAS. 27 de agosto de 1938, p.8. Disponível em:
[vhttp://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=17933](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&Pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=17933). Acesso em: 05 jan. 2021.

GAZETA NOTÍCIAS 15 set 1946 sem título [Álbum de recortes IX, p. 12].

GAZETA NOTÍCIAS, n. 226, 27 set 1940, p.8. Disponível em:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_07/2944. Acesso em: 05 jan. 2021.

GUERRA DUVAL, F O Movimento Artístico. Ismailovitch e seu grupo. *A Nação*. 1935. [Álbum de recortes II, p. 15].

GUERRA DUVAL, F. *A Nação*. Movimento Artístico Brasileiro. VI Salão da Associação dos Artistas Brasileiros, 18 maio 1934. [Álbum de recortes, X, p. 14].

INSTITUTO Brasileiro de Psicognomia. *Jornal do Brasil*, n. 103, 6 maio 1951, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_07/10664. Acesso em: 05 jan. 2021.

JORNAL DO BRASIL. 14 de janeiro de 1944. p.12.

JORNAL DO BRASIL, Associação de Artistas Brasileiros, 13 jul. 1955 [Álbum de recortes, XI, p.115].

JORNAL DO BRASIL. 4º. Congresso Teosófico Sul Americano, n. 140, 14 jun. 1934, p. 23. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/44139. Acesso em: 05 jan. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO, RJ. 13 maio 1934, p.17. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pesq=%22sal%C3%A3o%20dos%20artistas%20brasileiros%22&pagfis=29580. Acesso em: 05 jan. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO. Notas de arte, 7 out. 1944. p.5. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_13&pasta=ano%20194&pesq= Maria%20Margarida&pagfis=22640. Acesso em: 05 jan. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO, n. 255, 30 jul. 1948, p.6. Disponível em
http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/41506. Acesso em: 05 jan. 2021.

KAUFFMAN, Henri. Ateliers e Exposições. *Carioca*. p. 6 - Ano 1939, Edição 00206. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20193&pesq= Maria%20Margarida&pagfis=12394> . Acesso em: 05 jan. 2021.

KAUFFMANN, Henri. “Impressões do Salão de 1938” *Carioca*. Ed. 00166. 24 dez. 1938, p.13, 61. Disponível em :
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20193&pesq=ismailovitch&pagfis=10102>. Acesso em: 05 jan. 2021.

KELLY, Celso. Dois artistas que marcham juntos. *Letras e Artes, A noite*, 19 dez. 1944. p.12. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&Pesq=Ismailovitch&pagfis=31101. Acesso em: 05 jan. 2021.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Jornal do Brasil*. Museu de Arte Religiosa Barbosa Lima Sobrinho, 31 jul., 1955. p. 5. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=Maria%20margarida%20soutello&pagfis=53333 . Acesso em: 12 jan. 2021.

LXXIII SALÃO de Nacional de Belas Artes – 414 Expositores disputam prêmios em várias seções. O *Jornal*, 2º cad. 29 set. 1968, p.9. Disponível em:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pagfis=68110 . Acesso em: 02 fev. 2021

MARIA Margarida, uma grande pintora do Brasil nascida nos Açores. *Diário da Manhã*, Lisboa. n. 4522, 4 dez. 1943. [Álbum de recortes V, p. 61]

MAUL, Carlos. *Correio da Manhã*. 11 de set. 1940 [Álbum de recortes X, p. 118].

MENEZES, Maria Wanderley. A mulher e a pintura. *Carioca*, 2 set. 1948.p. 38, 59. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=40889>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MORÉL, Carlos. “Eu Pinte um anjo negro”. *Revista da Semana*. 30 mai. 1953, p. 34,35,36,46. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909_05&pasta=ano%20195&pesq=maria%20margarida%20soutello&pagfis=10408. Acesso em: 22 jan. 2021.

O JORNAL. Sociais, Recepções. G. de A., 14 de julho de 1946, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_04&pasta=ano%20194&pesq=Maria%20Margarida&pagfis=34000. Acesso em: 12 jan. 2021.

OLIVEIRA, Magdala da Gama. A mulher que pintou a alma de Dostoievski. *Revista da Semana*, n. 041, 22 set. 1934. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/025909_03/10840 . Acesso em: 03 jan. 2021.

O MARAVILHOSO mundo emotivo de d. Maria Margarida de Lima Soutello. *Fru-Fru*. Outubro, 1934, p. 52-53. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=410160&pasta=ano%20193&pesq=maria%20margarida%20soutello&pagfis=3480>. Acesso em: 03 jan. 2021.

O “SALÃO de 1937”: Inovações e modernismos. *Carioca*, ed. 101, 25 set. 1937, p. 33.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830259/6195>. Acesso em: 12 jan. 2021.

O SALÃO de 1940. *Correio da Noite*. 18 set. 1940 [Álbum de recortes X, p. 122].

PAULA, Maria. Elas chegaram e venceram. *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 abril 1956.

RAMIREZ, Danilo. Pintores: Maria Margarida. O *Cruzeiro*, 11 fev. 1939 [Álbum de recortes X, p. 84].

REVISTA DA SEMANA, 31 mar. 1923, p. 32.

RIBEIRO, Iveta. Uma artista vitoriosa. *O malho*, ano 36, 22 jul. 1937, p. 22. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/87925> . Acesso em: 08 jan. 2021.

SÁ Normand de. Exposições de Ismailovitch. *Gazeta de Notícias*. 08 out. 1939. Literatura. p.7.

SÁ, Normad de. “Salão de Maio”, *Gazeta de Notícias*, ed. 110, 12 maio 1940. p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_07/1391. Acesso em: 12 fev. 2021.

SALÃO de natal, 1º! A original iniciativa da Associação de Artistas Brasileiro através da obra de seus expositores de maior personalidade. *O Radical*. 31 dez. 1933. [Álbum de recortes, X, p. 11].

SALÃO Oficial de Belas Artes, LII (V), *Jornal do Comércio*. ed. 064. Rio, 13 de dezembro de 1947. Notas de Arte. p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_13/38291. Acesso em: 15 fev. 2021.

SALÃO Nacional de Belas Artes, LX. *Vida Doméstica*. Ano XXXVI, n. 453, dezembro 1955. Vida Artística, p. x

SALÃO Nacional de Belas Artes, LXXIII.414 expositores disputam prêmios das várias seções. *O Jornal*, 2º cad. 29 set. 1968, p.9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/68110. Acesso em: 12 fev. 2021.

SALÃO 1944. *Vanguarda*, 5 out. 1944. [Álbum de recortes IX, 46]

SALÃO NACIONAL: as tintas postas em questão. *O Globo*, Segundo Caderno, 13 dezembro 1985, p. 1

SOARES, Afranio Brasil. Ismailovitch: encontrei a paz mas não a satisfação. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1974. p. 57,58 e 59.

TORRES, Pastorino. Belas Artes. Exposição Ismailovitch e Maria Margarida. *Gazeta de Notícias*. Belas Artes, n. 245, 21 out. 1941, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_07&pagfis=8542. Acesso em: 12 fev. 2021.

TORRES, Pastorino. Belas Artes. No Salão Nobre do Palace Hotel. *Gazeta de Notícias* n. 244, 19 out. 1941, p.12. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/103730_07/8524. Acesso em: 12 fev. 2021.

TROMPOWSKY, Gilberto. O Nome da Semana. Senhora Morel Soutello. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro. 11 ago. 1956. p.100 e 101. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=morel%20soutello&pagfis=106770> . Acesso em: 18 fev. 2021.

VIDA DOMESTICA, n. 233, agosto de 1937, p.61. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830305/26268> . Acesso em: 18 jan. 2021.

VIEIRA, José. A exposição D. Ismailovitch- Maria Margarida. *Jornal do Commercio*, Ano 1938, ed.0023, 27 out. 1938, Pintura-1938, p.3. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pesq=%22Maria%20Margarida%22&pagfis=56830 . Acesso em: 18 jan. 2021.

Acervo Dimitri Ismailovitch e Margaria Margarida Soutello

Arquivo digitalizado no formato PDF contendo 11 Livros com recortes dos artistas e disponibilizados para consulta exclusiva deste projeto. Para essa pesquisa foram denominados “**Álbuns de recortes**” e estão descritos no ANEXO I. Citam-se ao final das referências, entre colchetes, o número do álbum e a página em que o recorte se encontra

Blog

MOTTA, Manoel. Maria Margarida, o poeta e a pintora. In: *Biblioteca de Manoel Motta*. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20101011132235/http://www.manoelmotta.com.br/arte/literatura/maria-margarida>. Acesso em: 19 nov. 2020.

Catálogos

ASSOCIAÇÃO ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição G.I.M. (Gagarin, Ismailovitch, Makurin), 1933. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes, X, p. 4 a 6].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição de Pintura e Escultura, 9 a 21 de setembro de 1940. Catálogo. [Álbum de Recortes IV, p. 6 e 7]

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS, SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS ARTES E SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA. Exposição de Pintura Maria Margarida – D. Ismailovitch, Grande Hotel- Automóvel Clube, Belo Horizonte, 23 maio – 23 jun. 1942. Catálogo. [Álbum de recortes IX, p. 22 e 23]

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS. Exposição do Grupo Ismailovitch. [S. l.: s.n.], 24 set. /5 out. 1935. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes X, p. 31].

CATÁLOGO DA 2ª. EXPOSIÇÃO DE PINTURA. Maria Margarida, Regina Veiga, D; Ismailovitch, Henrique Cavalleiro, 22 de outubro a 12 de novembro de 1948. [Álbum de recortes XI, p. 61]

COMITÊ NACIONAL DA COMISSÃO INTERAMERICANA DE MULHERES. Exposição Feminina de Belas Artes, 1948. Edifício do Ministério da Educação e Saúde, Catálogo da Exposição [Álbum de recortes XI, p. 52].

Documento Salão Nacional de Belas Artes 64ª (1959) [Catálogo] Disponível em: <http://arquivo.bienal.org.br/pawtucket/index.php/Detail/documento/84629> Acesso em: 07Jun. 2021.

MARIA MARGARIDA E D. ISMAILOVITCH. Exposição Retrospectiva no Salão do Ministério da Educação, 29 de julho a 15 de agosto, 1948. Catálogo da exposição. [Álbum de recortes XI, p. 31, 32].

XXXIII SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA AAB (Associação dos Artistas Brasileiros), 1962. Catálogo. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

XXXIV SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA AAB (Associação dos Artistas Brasileiros), 1963. Catálogo. Acervo Coleção Mendes Cavalcanti

LVIII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1953. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LIX SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1954. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LX SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1955. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXI SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1956. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <https://tinyurl.com/yck2dm4> Acesso em: 10 mar 2022

LXII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1957. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXIII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1958. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <https://tinyurl.com/yck2dm4> Acesso em: 10 mar 2022

LXIV SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1959. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXV SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1960. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <https://tinyurl.com/yck2dm4> Acesso em: 10 mar 2022

LXVI SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1961. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXVII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1962. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXVIII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1963. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXIX SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1964. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <https://tinyurl.com/yck2dm4> Acesso em: 10 mar 2022

LXXIII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1968. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXXIV SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1969. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXXV SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1970. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXXVI SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1971. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXXVII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1972. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXXVIII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1973. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

LXXIX SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1974. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc2ej3x2>

LXXX SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES, Catálogo, 1975. Ministério da Educação e Cultura. Acervo da Coleção Mendes Cavalcanti

SCHUBERT, Padre Guilherme. Biografia. 1951. In. Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 2013-2014. Catálogo de exposição A Ceia Brasileira de Ismailovitch. Homenagem ao Aleijadinho.

Entrevista

COELHO, Denise dos Santos. Entrevista com Eduardo Mendes Cavalcanti, proprietário e administrador da Coleção Mendes Cavalcanti. 14 fev. 2021. Rio de Janeiro, RJ

ANEXOS

(I) Álbuns de recortes

(II) BANDEIRA, Manuel. A exposição de Maria Margarida e D. Ismailovitch é do que trata Manuel Bandeira nesta sua nova crônica. *Artes plásticas A manhã*. 30 setembro 1943.

(III) ANDRADE, Carlos Drummond de. *Maria Margarida*, 1951 *Biblioteca de Manoel Motta*. Maria Margarida, o poeta e a pintora.

(IV) ANDRADE, Carlos Drummond de. Ismailovitch e o Mosteiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 outubro 1976

(V) FRIAS, Lena. Maria Margarida, alfinetando os homens e as paisagens. *Jornal do Brasil*. n. 1996, caderno B, 24 outubro 1976, p. 5.

(VI) ANDRADE, Maria Julieta Drummond de. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. *O Globo*, matutina, Segundo Caderno, 25 de setembro de 1984, p.

(VII) Página do Facebook sobre Maria Margarida Soutello criada por mim para esse projeto.

ANEXO I

Álbuns de recorte

Os 11 (onze) álbuns foram digitalizados no formato PDF e disponibilizados pelo colecionador Eduardo Mendes Cavalcanti para consulta exclusiva deste projeto. No arquivo estão nomeados como Livros e seguidos por números romanos, conforme lista abaixo que descreve períodos que cada um abrange e algumas informações pertinentes, no entanto para fins de referência bibliográfica os livros foram identificados como Álbum de recortes, seguido de algarismo romano.

Livro I - D. Ismilovitch – 1919 a 1928 – contempla recortes em várias línguas, principalmente russo e inglês. A partir de julho de 1927 iniciam os recortes do Brasil.

Livro II - D. Ismilovitch – Fev. 1929 a Set. 1935. Neste livro, em outubro de 1932 surgem as primeiras imagens de Maria Margarida como modelo para as primeiras das muitas pinturas que o artista faria dela. Em 1932 já inicia a cobertura dos clippings da Lux Jornal.

Livro III - D. Ismilovitch- Dez. 1936 a Nov. 1937. – Esse livro inicia com uma foto de um casal um bebê no colo de Maria Margarida, todos sentados. A dedicatória diz; “ À Dinda Maria Margarida com todo o meu afeto. De Francisco José, 25-9-953.

Livro IV - D. Ismilovitch- Set.1940 a Jan.1942

Livro V - D. Ismilovitch- Jan.1942 a Dez.1945

Livro VI - D. Ismilovitch- 1946 a 1949

Livro VII - D. Ismilovitch- final -1946 a Ago.68

Livro VIII - D. Ismilovitch- 1968 a 1975

Livro IX – Maria Margarida- Out.1941 a Set.1946. Este seria o segundo álbum da artista, mas no arquivo digitalizado houve uma inversão com o Livro X que seria o primeiro.

Livro X – Maria Margarida- Set.1933 a Set.1946. Este é o primeiro álbum da artista e inicia no ano que começou a estudar com D. Ismailovitch e quando fez sua primeira participação na exposição G.I.M (Gagarin, Ismailovitch e Makurin) juntamente com Beatriz Bomilcar, outra aluna do mestre russo.

Livro XI – Maria Margarida- final de1946 a 1957

ANEXO II

A exposição de Maria Margarida e D. Ismailovitch é do que trata Manuel Bandeira nesta sua nova crônica.

Mesmo pondo de parte o seu bizantinismo, há na pintura do ser. Ismailovitch certas peculiaridades de desenhar, de pintar e de compor que lhe dão uma fisionomia inconfundível. Ismailovitch é, como artista, exato, minucioso, e não obstante idealista; a sua técnica, precisa, límpida e elegante – às vezes por demais elegante (pode infundir elegância até ao falecido Max Fleiuss ou ao ministro Tavares de Lira); como homem, é encantadoramente bem educado, modesto, de uma sensibilidade fina, discretamente melancólico. Tudo isso caracteriza a sua maneira de pintar seja no retrato, seja na paisagem ou na natureza-morta. Esta sua exposição supera as anteriores e mostra o artista em plena posse de si mesmo. Há nela retratos individuais e em grupo, de fundo convencional ou com fundo de paisagem bem relacionado com a figura, e ainda dois de composição idealizadora, como os da princesa Carolina Czarlorika, e da sra. Maria Margarida, transfiguradas carinhosamente em Madona polonesa e Madona russa. Alguns são de uma aparência que desafia as mais perfeitas objetivas fotográficas; não é possível reproduzir mais fielmente os traços do truculento esteta José Mariano Filho ou do mefistofélico dr. Simões da Silva; tornando ainda mais mefistofélico pelo artil de composição que pôs em contraste o irredento e o Redentor. Muito interessante é a série de tempos poloneses, russos e ucranianos representados por Ismailovitch que os conhece de visão pessoal e erudição histórica, sente-os e interpreta-os com alma de verdadeiro eslavo.

A sra. Maria Margarida formou sua técnica sob a direção de Ismailovitch. É natural que guardasse uma certa influência do mestre, tanto mais que existe entre os dois bastantes afinidades no modo de ver e sentir as coisas. A influência é mais aparente na concepção e execução das figuras. Mas a sra. Maria Margarida tem a sua nota pessoal no gosto em que se compraz de considerar os humildes objetos em si. Aqui se aparenta ela também ao poeta Carlos Drummond de Andrade, de três poemas do qual apresenta curiosas interpretações. A mais rica de sugestões me parece que é a dos versos de “Romaria”. No poema os romeiros pedem com os olhos, com a boca e com as mãos; na composição da sra. Maria Margarida, só vemos as mãos, e elas bastam para nos fazer sentir toda a ladeira de espinhos e pedras, e a multidão de pedidos que faz Jesus cansado “dormir sonhando com outra humanidade”.

BANDEIRA, Manuel. Artes plásticas A manhã. 30 setembro 1943

ANEXO III

MARIA MARGARIDA

É Maria Margarida
 Pelas tranças aureolada
 Toca na sua paleta
 Mas tem música pintada
 Pois não tem harpa doirada
 Por quem a muito a muito prometa
 Ser por si mesmo levada
 Por um caminho violeta
 Para uma serra nevada?

É Maria Margarida!
 Veio das ilhas guardada
 Para um destino sem mar,
 Vive a tocar e a pintar,
 Para quem dentro passar,
 Não para a rua pisada
 Para quem se quer apressar,
 E sabe de madrugada
 Que ela só sabe sonhar!

É Maria Margarida
 Tem nos olhos maravilhas
 De quem sentindo a fundo,
 Coisas do céu e das ilhas
 Com os olhos como fintas
 De sol em nítida linha?

São as filhas de Branquinha
 Da Branquinha uma vizinha
 De umas vizinhas florestas!

O Maria Margarida,
 Pelas transas aureolada
 Sei que tens muito saber
 E dizes “não sei de nada”!

Ó brasileira das ilhas,
 Que vive tão alheada
 Longe das praias, sentada
 Com as harpas e as cartilhas,
 Com as telas e as mantilhas,
 Com sua roupa bordada,
 E as rendas tão rendilhadas
 Por leques em que dedilhas
 Melodias meditadas!

Numa casa disfarçada
 Em casa irmã de outras casas,
 Vendo pretinhas com asas.
 Pretinhas com as sombrinhas
 Da cor do sol e das brasas,
 Pelas florestas vizinhas.

É Maria Margarida
 Flor de um complexo jardim,
 São teus quadros para mim
 Como fugas musicais!
 E os temas não tem jamais,
 Que sejam velhos marfins
 Sobre sedas orientais,
 Limite do ser assim
 Nem aqueles materiais
 E ficam sendo por fim!

É Maria Margarida,
 Uma artista bem amada,
 Sempre que for entendida
 E até não mesmo pensada,
 Mas simplesmente julgada
 Qual imagem refletida
 Nalguma prata lavrada
 Num espelho de saída,
 Num sorriso de chegada
 A uma indiana embaixada,
 Uma varanda florida
 Ou por um mestre fixada,
 Na pintura celebrada,
 Em que tem a pousada
 Na longa transa caída.
 Ou está descalçada – e calada
 Por uma tela tecida
 Em rede tão nacarada
 Quando se viu travestida
 Numa oriental requintada
 Que afinal não é mantida
 Mas apenas revelada
 Pois no espírito crescida,
 Fez-se irmã da transplantada,
 Flor brasileira, provinda
 Numa pátria desvendada
 Pela viagem aguerrida
 Justamente realizada
 Por sua gente querida,
 A sua gente passada!

É Maria Margarida, tão da terra

E tão alada, tão do mar e tão fugida
Ao mar da terra empedrada,
Que a cidade traz batida,
E ao dessa ilha deixada,
Mas procurando-o na lida
Que é uma dança dançada
Por dançarina vestida
São de uma espuma frisada
Classicamente franzida!

É Maria Margarida
Por longo manto abrigada
Sedoso manto envolvida

MANOEL MOTTA. *Biblioteca de Manoel Motta*. Maria Margarida, o poeta e a pintora.
<https://web.archive.org/web/20101011132235/http://www.manoelmotta.com.br/arte/literatura/maria-margarida>

ANEXO IV

Ismailovitch e o Mosteiro.

Carlos Drummond de Andrade

Quem foi recebido uma vez naquela velha casa da Rua São Clemente, de janelas cerradas e lâmpadas acesas no dia claro, com a série de madonas a recobrir paredes de alto pé-direito e a rebrilhar no ouro das auréolas e dos fundos bizantinos, nunca se esquecerá do ambiente e de seus moradores, como que desligados de qualquer cuidado secular e imergidos para sempre numa atmosfera mística de arte convertida em religião.

Ali encontravam os fiéis - pois a casa tinha fiéis, que podiam cultivar gostos e ideias diferentes, mas se uniam na afeição dos moradores -um casal de artistas portugueses e um pintor ucraniano, indiferentes à trama de rivalidade e mexericos, que costuma envolver a práticas das artes. O trabalho absorvia-os, sem a preocupação de fazer dele escada para sucesso material ou mundano. Não estavam na crista da onda publicitária, mas em penumbra que não impedia que fossem conhecidos e admirados tanto na Europa como nos Estados Unidos. Assim viveram e criaram, por muitos anos, o casal Morel Soutello e o professor Dimitri Ismailovitch, iniciador, em pintura, de Maria Margarida Soutello, a “madona” de tranças pretas que ele fixou em tantos quadros dos quais não pretendia separar-se, como costumam fazer certos artistas (e Lasar Segall, outro russo de nascimento foi um deles) que gostariam de ficar dispensados da venda de suas criações, consideradas prolongamentos do seu ser.

Falecido Morel, Maria Margarida e Ismailovitch continuaram a cumprir, em quase silêncio, com algo de monacal, o destino que se traçaram, de devotamento integral à pintura. Para ela, a noite é dia: lê pinta nas horas em que estão dormindo os artistas, os modelos e as coisas, e uma claridade de sonho lúcido parece banhar suas telas de misticismo longamente absorvido na meditação e nos estudos filosóficos - misticismo que não exclui a técnica rigorosa, haurida do seu mestre. Já este, continuamente à procura de formas que se empenhava em captar na sua pureza, passava meses seguidos a contemplar espécies raras no Jardim Botânico, para documentar plasticamente o luxo gratuito de uma planta, a peculiaridade de um requinte flora, que habitualmente admiramos, um sentir-lhes a qualidade essencial da obra de arte da natureza.

Exímio no retrato e numerosos escritores brasileiros dos últimos 50 anos, que passaram pelo seu pincel “exato e minucioso”, como diria Manuel Bandeira, o atestam - Ismailovitch, em sua fase derradeira, trocou a figura realista pela abstração. Um crítico de autoridade, como é Antônio Bento, afirma o caráter original dessa experiência, que se desenvolveu à margem de correntes e tendências abstracionistas da moda. Cada quadro é distinto do outro, pela variação de soluções plásticas, constituindo o conjunto uma aventura pessoal de sentido muito particular. Dir-se-ia que Ismailovitch brincava tranquilo e consciente, entre formas e problemas, com a segurança de um domador de imagens e a leveza de um bailarino. E o fez depois de deixar pelos museus e coleções particulares um universo de retratos, naturezas-mortas, estudos antropológicos e milhares de anotações icônicas e paisagísticas de Constantinopla, onde viveu na mocidade, após uma carreira militar que conheceu a fundo a angústia e a desolação da I Guerra Mundial.

Faleceu há dia, cercado de silêncio, como o silêncio foi, de resto, um dos elementos nutritivos que contribuíram para a realização de sua obra vasta, plena de modéstia e de consciência profissional. Sem ruído se foi o mestre, que tinha alguma coisa de puro, de ingênuo

mesmo, em sua identificação com a arte, e que, sob a impossibilidade aparente das composições, colocava uma dose imensa de humanidade. Os amigos sabiam disso. A paixão de Ismailovitch era retratar sempre velhas amizades, pelo prazer de retratá-las, oferecendo os quadros a seus modelos diletos. A um, depois de fixá-lo sob diferentes maneiras, ele cismou de ver dentro de um hábito de monge:

- Você está ganhando cada dia mais cara de monge. Quero fazer seu retrato vestido de monge.

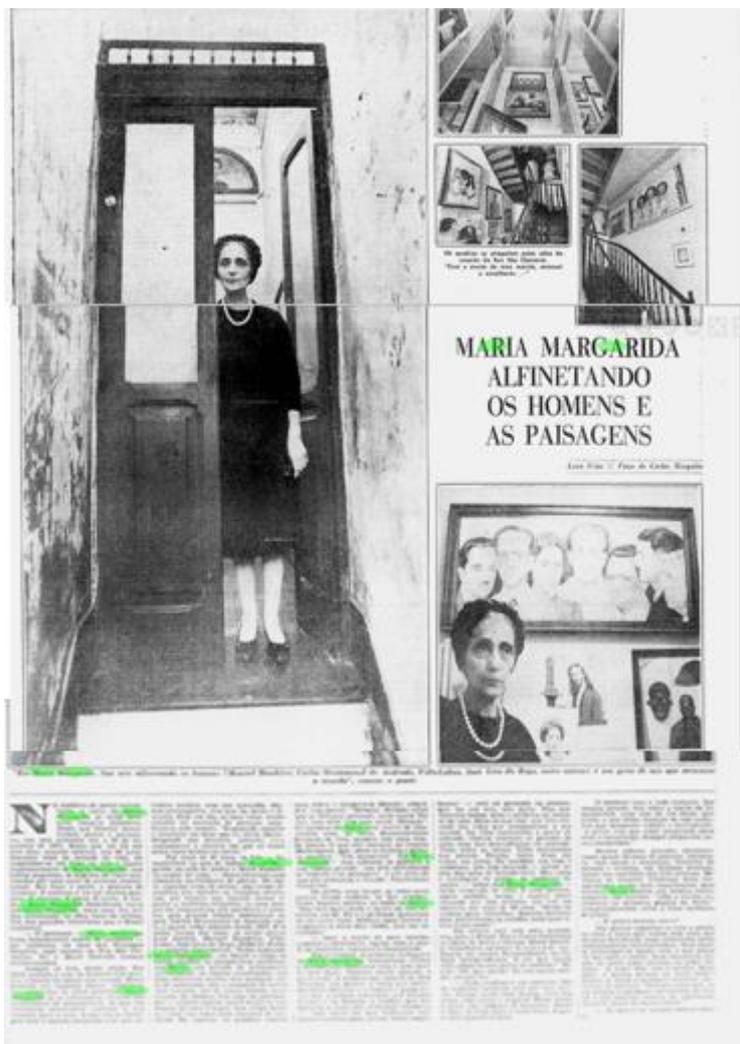
Ao que o amigo respondeu, com sinceridade:

_ Monge, eu? Longe disto. Você, sim, você é o perfeito monge, de um mosteiro que fica na terra por engano.

Agora, Maria Margarida está sozinha no mosteiro

ANDRADE, Carlos Drummond de. Ismailovitch e o Mosteiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 outubro 1976

ANEXO V



Maria Margarida, alfinetando os homens e as paisagens. Lenas Frias

Na moldura da porta entreaberta, o rosto de Maria Margaria de Lima Soutello, imagem definitiva. Rosto que Dimitri Ismailovitch, pintor e ucraniano, viu, pela primeira vez, a 29 de dezembro de 1931. Rosto que viu há até oito dias, quando morreu, aos 86 anos. Durante mais da metade da vida, ele empenhou-se em fixar na tela a figura impressionante de Maria Margarida, sua beleza angulosa, os ângulos do rosto suavizados por uma aura de intensa feminilidade. Em fixar o perfil, a postura de madona. E madona a fez me muitos quadros. E chinesa. E persa. E santa. E mulher. Maria Margarida desdobrada, outra vez Maria Margarida, mais uma vez, por fim sintetizada na obra total do artista. Um dos grandes retratistas que o Brasil conheceu.

– O professor – Maria Margarida trata Ismailovitch assim, de professor – me conheceu na casa dos Príncipes Gagarin, aqui mesmo na rua São Clemente. Eu e Morel Soutello éramos recém-casados.

Amigos os três, desde então. Em 1936, quando a mãe de Ismailovitch morreu, o pintor foi morar com o casal. Morel Soutello era também pintor, respeitado nos ambientes de artes plásticas. Maria Margarida já se convencera, através dos argumentos de Ismailovitch de que era necessário desenvolver também a sua vocação para a área. A que ela se entregou com o mesmo empenho com que estudava música, com que aprendia idiomas estrangeiros, com que lia ficção e filosofia. Hoje em dia, as suas telas, muito cotadas no mercado de pintura, espalham-se pelo mundo. “Engraçado quando o professor me disse que eu devia pintar. Respondi que desenho, pintura, era exatamente a matéria em que eu tinha notas mais baixas na escola. ”

Por mais de 40 anos, os três – Ismailovitch na sala de visitas, Maria Margarida na sala de jantar e Morel Soutello no andar de cima – desenvolveram suas maneiras particulares de pintar. No russo, alguma coisa de solene, algo como atmosfera que envolve as imagens ortodoxas, até mesmo nas figuras menos ligadas a matérias religiosas (a casa sempre foi frequentada por escritores e artistas, pelo grande mundo intelectual do país. Carlos Drummond de Andrade visita o agora velho sobrado desde 1937. E lá estão, numa das telas, os então jovens Luís Jardim, Manuel Bandeira, Villa-Lobos, José Lins do Rego, Gilberto Freire e o próprio Ismailovitch. Todos ladeando Maria Margarida); em Morel, o clima da escola clássica, as perspectivas perfeitas; em Maria, um sentido de permanente participação, os objetos inanimados, nas suas naturezas mortas têm qualquer coisa de animados, dão a sensação de terem sido tocados, até de serem finitos; as intenções da pintora têm algo de provocador – cristos negros, anjos mulatos, sua branca de neve é negra, usa roupa branca e traz nas mãos uma máscara de carnaval. De repente, os quadros tomam uma outra e inesperada direção: esbatidos, tons pastel. “Debussy. Sempre achei que se Debussy pintasse, seria assim. Por isso, esta série tem esse nome: Debussy”. Os quadros de Maria têm muito de inesperado, uma, às vezes, desconcertante pulsação de vida, quando não uma velada ironia. O que não escapou ao francês Madz-Agran, que, sobre o modelo e pintora escrever (sic): “Um momento! /Eis Maria Margarida”/Sua silhueta de alfinete, a sua cabeça grande/sua arte alfinetando os homens e as paisagens/ é um grito do aço que atravessa o mundo/ Psicorrealisticamente. ”

Na saleta, uma harpa, as notas mais graves foram embora, os fios arrebentados. Ligeira sombra no rosto de Maria: “Não toco mais desde a morte do meu sobrinho, em 65. Ele e o professor gostavam de me ouvir tocar. Subiam para dormir e, enquanto o sono não vinha, iam me escutando”.

– Com a morte de meu marido, comecei a envelhecer. Agora, com a morte do professor, começou a decrepitude.

Não é verdade. A presença instigante de Maria Margarida desmente (sic) velhice e decrepitude. Continua bela e sabe muito bem disso. Embora sorria quando a gente o diz. A menina que nasceu na Ilha Terceira, nos Açores, a moça que aprendeu nove idiomas – o russo e o grego entre eles, a artista apreciada nos Estados Unidos e na Europa, a mulher que frequentou a mais alta sociedade brasileira – “ dias havia em que tínhamos três, quatro convites para jantar, todos importantes” – está ali presente na pintora que, há um ano, não pinta. Mas que mantém tintas, telas e palhetas ao alcance da mão. Mais do que isso: que vive cercada das telas que compuseram o seu mundo. Há telas encimando a porta de entrada. Outras cobrindo as paredes de cada uma das dependências do sobrado. Telas, sobre as mesas. Telas encostadas nos móveis. Pincéis. Cores vivas e tubos, em potes. Há também, em todo o ambiente, um tom dourado – talvez venha das telas de Ismailovitch. Mas nada é nostálgico ou antigo. As madonas do pintor – todas elas Maria Margarida – estão fremindo de vida. É uma mulher, agora sozinha, ocupa o espaço antes ocupado por três artistas, um trio em convívio por mais de 40 anos. “Gosto da

solidão para trabalhar. Quando pintávamos, pintávamos na solidão, cada qual tinha o seu canto.”

Ela estava com sete anos quando veio para o Brasil. Fez o Curso Comercial no Liceu de Artes e Ofícios. Morel Soutello trabalhava no Liceu. Casaram-se. Depois, ela cursou Humanidades no Colégio Independência. E em que escola você adquiriu este porte de nobreza? “Escola? Por que escola? Eu sou assim mesmo, sempre fui”.

– Cada criatura é um universo. Não dá trabalho nenhum você ser você mesmo. Porque sendo você mesma, você fica sendo uma única e original. Essas coisas a gente não adquire com ninguém. Senão é cópia. E toda cópia é meio triste. A gente sabe mesmo quando é cópia.

O telefone toca a todo instante. Ela mesma atende, fala sobre a morte de Ismailovitch, num tom de voz firme, que revela a sua firme vontade de não ceder. Voz que desmente velhice e decrepitude. “A gente tem que estar preparada para viver o inesperado. Sempre preparada para o inesperado.”

Muitos álbuns, grandes, documentando quase 50 de pintura, literatura, vida social e mundana. Recortes de jornais e revistas, em idiomas diversos, falam das carreiras dos três artistas. Milhares de recortes. Centenas deles empacotados, ainda nem classificados, nem colados. Maria mostra um, mostra outro, comenta um terceiro “olha a minha caricatura na primeira página da *Noite*”. Inesperadamente, solta a grasse molhada de ironia.

– E glória demais, não é?

Não parece importar-se com a glória ou com a fama que fazem dela uma das artistas brasileiras mais solicitadas pelos colecionadores internacionais. Nem parece preocupar-se muito com o que possa vir daí para a frente. Nem manifesta anseio de posse sobre pessoas ou sobre objetos: “A casa? Não, não é minha. Quer dizer, é minha porque eu moro nela”. Nunca se filiou a qualquer corrente particular de pintura. “Sempre achei que, se me filiasse a qualquer movimento de três ou 4 mil pessoas, estaria me apartando da parte maior da humanidade.”

- Eu quero ser sempre independente.

FRIAS, Lena Maria Margarida, alfinetando os homens e as paisagens. *Jornal do Brasil*. n. 1996, caderno B, 24 out. 1976, p. 5. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/149636. Acesso em: 08 abr. 2021.

ANEXO VI

DRUMMOND DE ANDRADE, Maria Julieta. Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos. O Globo, matutina, Segundo Caderno, 25 de setembro de 1984, p. 3

utina, Segundo Caderno, página 3

Maria Margarida: a alegria diária de viver e pintar a vida, aos 83 anos

MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE

Em meio à agitação em que vivemos, é doce, de vez em quando, fazermos uma pausa para mergulhar um tempo fora do tempo e descobrir, quase intuído, um mundo e um estilo de vida que pareciam definitivamente perdidos, em Rio de Janeiro que já não existe e uma mulher singular. Foi o que senti, ao entrar na velha casa da Rua São Clemente, onde passamos duas horas serenas, conversando com a pintora Maria Margarida.

A faxineira, que lá trabalha três vezes por semana, abriu a porta com cautela, lembrada de que lá moram sua filha, de 83 anos, que mora sozinha, e só depois Maria Margarida percebeu que não teria pedido o que o prometido, porque sua filha se fora com o assaltante...

Na pequena sala de visitas, 15 quadros grandes pendurados, quase sem separação entre eles, todos representando, nas mais diversas atitudes e vestimentas, um modelo antigo, de rosto sivo e traços marcantes: a própria Maria Margarida. São retratos feitos a óleo por Dimitri Ivanovitch, o pintor russo que viveu entre nós e de quem a artista foi discípula e amiga durante 45 anos, desde que o conheceu até a sua morte, em 1978, embora sempre o tenha chamado de Senhor e não por seu nome, de Dona. Reconhece-se jovem, de cabelos grossos, repartidos ao meio, com a frança espessa ao redor do rosto que caracterizou seu porteado até hoje; de cabelos soltos; com um lenço na mão; de luvas cor de cereja, preparada para um baile; com cabelo de Noé; sob os paramentos de um ícone.



Maria Margarida e Maria Margarida — ao longo da pintura, a presença da mulher

Nam cavalete, uma tela enorme, que Maria Margarida está terminando: a terceira Nossa Senhora da Aparecida que faz. Explicar: — A santa original é pequena e mal vestida. O povo então fez promessas e lhe ofereceu roupas melhores. Por isso pinto-a sempre com um manto verde e amarelo, com estrelas douradas. Para ela ficar mais brasileira, pinto anjinhos brancos, índios e prisioneiros no rodapé.

As observações, sua demora salta, outros quadros de sua autoria, neto esse preconceito técnico em muitos trabalhos: na série das missas vestidas para receber a Primeira Comunhão (um dos quais — sua preferida — se encontra no Vaticano) e de "Carnaval", nas missas que compõem o simbólico "Abolição", as Meninas Jesus crivadas, que escandalizam tanta gente.

Maria Margarida me recebeu num salão preto de gola de pelo, tapetes de lã e de seda, maquiagem, roupas, perfumadas, como se estivesse dando uma festa. Há um homem e uma harpa na sala. Sobre

estudar russo. Nascida nos Açores, de pais portugueses, veio aos 7 anos para o Brasil, onde foi estuda a maneira rígida da época. Só depois de casada com o inventor, desenhistas, escultor e posteriormente pintor Moris Soutello, pôde frequentar teatro. Recordo que costumava ir toda à noite ao teatro do Teatro Lírico, no Largo da Carioca, onde, certa vez, Brailovski lhe ofereceu um retrato autografado. O pianista sobu graças ao agradecimento que ela, emocionada, agradeceu, meio em inglês, meio em francês. Com o orgulho ferido, a moça desafiou-o: "Quando o senhor voltar aqui, eu o terei falando russo". O sorriso de Brailovski foi incrível: esse idioma era ainda mais difícil que o latim. Maria Margarida copiou o alheio russo de uma enciclopédia e procurou um professor russo, que a princípio não acreditou na seriedade da aluna. Progredindo, dois anos depois, ao ouvir o pianista começar a gritar, entusiasmado: "Alle parie russa! Ela está falando russo!" Tornaram-se amigos.

Foi o conhecimento dessa lixava,

mente em russo, ofereceu-se para fazer-lhe o retrato. Durante as sessões de pose, ao observar os caprichos e as mudanças em que seu novo modelo mudava verbos e declinações, exclamou: "De a senhora é tão disciplinada para estudar, com certeza será uma boa pintora". — Inicialmente — brinca Maria Margarida — que eu disse ao meu marido: "Vou pintar só para esse russo deixar de me amedrontar". Minha intenção devia estar escondida — prosseguiu, em outro tom —, pois a criatura humana nunca chega a descobrir seus próprios mistérios. As vezes penso que os acontecimentos não se dão ao acaso, mas sim ao acaso. Em tudo há 50 por cento de possibilidades de um lado e 50 do outro. Se a gente acredita no que pretende fazer, passa a ter 50 por cento de chance de não ser atingido por ninguém. Pintar, porque, quando pensava para o Professor, assar, e cavalete me impedia de fazer nada.

Margarida, repto o rosto de um filósofo russo, observá-lo direto. Apesar disso, criou coragem e fez uma estrofa, e primeira do srio "D'apria Debussy". E não parou mais...

Costando da vida social, a artista passou a ser conhecida e convidada, frequentando com assiduidade os salões dos diplomatas, que sempre admiraram e adquiriram seus quadros: chegou a ter quatro convites numa noite só: "Hoje, com as embaixadas em Brasília, o Rio mudou muito." — concluiu ela, sem melancolia.

Eu não sinto saudade daqueles tempos? — Indaga. — Não, porque acho melhor mudá-lo aqui para ba-



Margarida, repto o rosto de um filósofo russo. "Hoje se muda a situação dos russos, mas o pobro, sim"

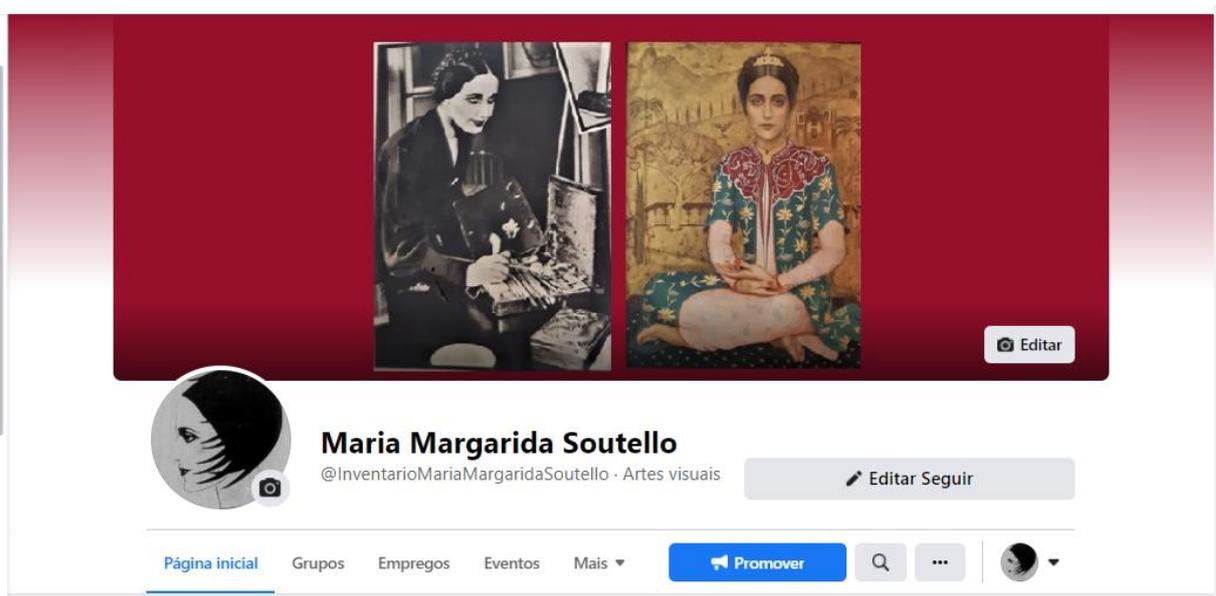
do ofertas valiosas por alguns, de que gostei especialmente, como a conhecida Coia de Cristo, o retrato do General Eurico Gaspar Dutra e o grupo, em que o pintor e ela são vistas ao lado de Manuel Bandeira, Villa Lobos, Gilberto Freyre, José Lima de Rego e Luís Jardim. Diante das obras de Soutello, vai desafiando recordações. Acharão-se em presença situação semelhante, Ivanovitch em 1938 foi viver com o casal e nunca mais o deixou. O sobrado se transformou num grande ateliê, onde trabalhava em salas separadas: "A princípio o Professor ocupava o de cima, mas, como utilizava modelos esportivíssimos (um deles carregava nove murtas nas costas), achei melhor mudá-lo aqui para ba-

Hoje, depois da morte do marido e de Ivanovitch, Maria Margarida costuma pintar e pintar "até na outra vida, se houver alguma". Trabalho de noite, de madrugada há um pouco de tudo, desde jansai, até Platão e Dostoiévski no original. Consegue-se fitar os seus estudos clássicos, embora ache maravilhosos a liberdade da arte contemporânea. Também fez várias exposições individuais e coletivas (uma em Nova York), surpreende-se de que ainda exista gente que se lembra de sua pintura. Vivo da venda dos quadros que lhe encomendam.

A artista faz questão de servir-me sorvete e uma fatia de bolo de ligo e nozes, cuja receita é criação sua. O sorvete é, acho de Paris, vai

ANEXO VII

Página do Facebook criada para divulgar e receber informações sobre a artista Maria Margarida e sua obra.



<https://www.facebook.com/InventarioMariaMargaridaSoutello>